

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A rainha Isabel regressou a Londres

A triunfal visita terminou esta manhã
com a apoteótica despedida de Queluz ao aeroporto



O general Craveiro Lopes despedindo-se da rainha

Deixaram hoje Portugal, a caminho de Londres, a rainha Isabel II e seu marido, o duque de Edimburgo. E, se é facto que, durante a sua estadia, o tempo foi extremamente variável — indo desde o vento ciclónico que destruiu e afundou barcos, ao granizo, à chuva forte, ou miudinha, ao nevoeiro no estilo inglês e a fre-

quentes abertas — o que é certo é que, espiritual e sentimentalmente, nunca deixou de haver Sol, no entusiasmo do Povo e nesses dois corações que, depois de longos meses de separação, escolheram para se reencontrar este País onde o seu compatriota lord Byron situou o paraíso terreal.

O Presidente da República e sua esposa foram a Queluz apresentar as suas despedidas

Desde as Amoreiras até ao Palácio Nacional de Queluz, viam-se às primeiras horas de hoje, guardas da Segurança Pública, praças da Guarda Nacional Republicana e agentes da Polícia de Viação e Transito.

No trajecto embandeirado entre a estrada de Sintra e o largo do Palácio encontravam-se muitas centenas de pessoas, entre as quais as crianças das escolas oficiais e particulares que, de quando em quando, gritavam: «Rainha! Rainha! Rainha!».

As 9 e 15, começaram a chegar os Portugueses da comitiva real, sendo os primeiros a entrar os duques de Palmela, logo seguidos pelos srs. coronel Sá Nogueira e capitão-de-fragata Ramalho Rosa, adidos militar e naval em Londres; almirante Brion e general Camara Pina, com sua esposa.

As 9 e 20, sob o comando do tenente-coronel Correia Barrento, chegou a escolta da Rainha constituída por dois esquadrões motorizados do Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana.

Pouco depois começaram a ser retiradas do Palácio grandes malas com a bagagem da Rainha e de seu marido, que foram conduzidas, em dois camiões cobertos da G. N. R., para bordo do «Britannia», onde, desde ontem à noite se encontra o cavalo oferecido a Isabel II, que foi transportado numa «roulotte».

As 9 e 30, chegou o coronel Carlos Maria do Carmo, comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa.

As 9 e 35, forma a Norte do dossel

da entrada da ala Sul do Palácio, a companhia de Infantaria da G. N. R., sob o comando do capitão José Assunção, tendo como subalterno o alferes Faria Afonso, que tem estado de guarda ao Palácio.

Aqui e ali, registava-se nevoeiro, procurando o Sol, timidamente romper as nuvens.

Constantemente, chegavam novos populares, conduzindo alguns deles bandeiras portuguesas e inglesas.

As 10 e 50, escoltado por motociclistas, chegou o sr. Presidente da República, acompanhado por sua esposa e pelo seu filho capitão Craveiro Lopes.

No carro da frente vinham o coronel Bento da França, chefe da Casa Militar da Presidência; e capitão Octávio Pimentel, ajudante de campo.

No átrio do Palácio viam-se os srs. dr. César Moreira Baptista, presidente da Câmara Municipal de Sintra; e coronel Silveira Machado, comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, aquartelada em frente do Palácio.

Começaram a cair grossas baté-gas de água, mas todos continuaram nos seus lugares, prosseguindo as aclamações principalmente por parte das crianças.

Depois das honras prestadas pela guarda ao Palácio, o chefe do Estado e a sua esposa entraram no edifício, para apresentar as suas despedidas aos régios visitantes.

O Presidente vestia casaco preto e calça de fantasia.

As 9 e 55, desceram até ao átrio

(Continua na página central)

Nota do dia

Trabalho vitorioso

Ao mesmo tempo que toda a gente assistia, deslumbrada, aos pormenores exteriores da apoteose de três dias que foi a visita oficial da rainha Isabel, a chancelaria da nossa política externa — que tão vitoriosamente preparara o histórico acontecimento — não interrompia o seu labor. Nas mesmas horas ruidosas que poderiam parecer destinadas apenas a recolher em repouso o fruto de porfiado

Razão maior, única e inteira, valerá apenas por si própria: mas será preciso mostrá-la — como será preciso também evitar que outros tentem escondê-la.

trabalho, era preciso continuar em silêncio os preparativos para novas batalhas pelo prestígio nacional, em que se tornaria necessário fazer a reafirmação dos nossos irrefragáveis direitos. Nessa atmosfera silenciosa mas escaldante, nada foi esquecido, tudo se fez a horas, tudo se estudou e ponderou. Ao abir-se na Assembleia da O. N. U. o debate sobre a decisão votada recentemente na Comissão de Curadorias, o delegado português, dr. Vasco Garin, estava instruído com a argumentação, que aliás desenvolveu com brilho, tendente a fazer valer as nossas razões. A argumentação impressionou justamente, pela força da sua própria lógica. Os termos em que o presidente da Assembleia abriu o debate logo fizeram prenunciar a viragem. A votação confirmou-a. E não foi, por certo, devido a capricho ou a simples manobras que se operou o deslocamento de votos, mas apenas pela expressão irrepreensível da posição portuguesa, posta com clareza e sem subterfúgios. A hora não era para hesitar nem para negociar, mas apenas para afirmar decididamente um direito e ter a certeza de que ele seria reconhecido. Acima de todas as razões, mais ou menos discutíveis, mais ou menos contestáveis ao sabor do virtuosismo da dialética, a



As despedidas entre a rainha Isabel e a senhora de Craveiro Lopes

Duas horas no Porto para outra apoteose de amizade

PORTO, 21.—(Pelo telefone).—A cidade do Porto, última terra portuguesa visitada pela rainha Isabel e pelo duque de Edimburgo, viveu hoje um dos seus dias grandes, dando mais uma afirmação clara e expressiva, da sincera e espontânea hospitalidade que caracteriza os seus habitantes. O Porto oficial e o Porto popular, a burguesia e a gente humilde mais uma vez se misturaram nas suas ruas, praças e avenidas, numa afirmação entusiástica, imprimindo à cidade um ambiente de acontecimento invulgar, que ficará a perdurar na memória de todos.

O interesse extraordinário despertado pela passagem, embora breve, de Isabel II e do duque de Edimburgo pelo velho burgo português justifica-se inteiramente, não só pela compreensão dos habitantes da cidade invicta pela importância diplomática e histórica de que se reveste a visita da soberana inglesa, mas também porque o Porto nunca teve, dentro dos seus muros, uma cabeça coroada estrangeira. Eduardo VIII esteve nesta cidade, durante a realização da Exposição Colonial, mas nessa altura era, apenas, Príncipe de Gales. A vinda da rainha de Inglaterra à cidade — mesmo breve e privada — tomou, pois, forma de acontecimento inédito e extraordinário.

Para além de outras conclusões apressadas que pretendam tirar-se do sentimento de hospitalidade dos Portuenses, a verdade é que a po-

(Continua na 7.ª página)

«Diário de Lisboa»
PUBLICA HOJE
24 PÁGINAS

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A recolha de lixo é um problema insolúvel?

O problema da recolha do lixo continua sem solução. Às primeiras horas da manhã e por vezes até horas tardias, enquanto não passam os serviços de limpeza, muitas ruas da cidade continuam a oferecer um aspecto indecoroso, com montes de lixo despejados à beira dos passeios e no meio das próprias faixas de rolagem. A maior parte dos municípios dos bairros excêntricos teimam em não querer adquirir os recipientes metálicos — e até hoje a Câmara não tem processo de os obrigar a cumprir o que está regulamentado. Daqui resulta que, para evitar por um lado a apreensão dos caixotes de madeira e por outro, a multa resultante da falta de cumprimento das disposições legais, o lixo continua a ser despejado à capucha na via pública, oferecendo aos olhos e à pituitaria de quem passa um espectáculo deplorável e incómodo. A Câmara Municipal, que tem resolvido outros problemas mais difíceis, não pode desinteressar-se deste caso, permitindo que a capital tenha deixado de honrar os seus habitantes de cidade limpa que o consenso geral lhe havia outorgado com justa razão.

O grande vulcão de Java ameaça explodir

DJAKARTA (Indonésia), 21. — O maior vulcão do país, o Monte Merji, tem estado a lançar cinzas e lava, diariamente, durante as últimas três semanas e ameaça explodir com toda a sua fúria — anuncia o Governo central de Java.

Quatro mil habitantes das aldeias que o circundam estão prontos a evacuar as suas casas.

As notícias acrescentam que o vulcão tem estado em erupção a média de 46 vezes por dia. — (A. N. I.).

Mineiros soterrados

LEON, 21 — Nas minas de Vivaldi ficaram soterrados quatro mineiros, dois dos quais foram retirados já mortos. — (Efe).

Para a Europa ter assegurado o petróleo de que precisa por ANEURIN BEVAN

Antes de deixar o seu cargo de embaixador americano em Londres, o sr. Aldrich trocou com o primeiro-ministro britânico algumas palavras de franco entusiasmo, sobre o futuro das relações entre os dois países. Até que ponto são elas justificadas pelos factos e devemos alimentar a esperança de que essas relações voltem a ter a intimidade e a sinceridade de outros tempos? Há, por exemplo, uma política comum anglo-americana para o Médio Oriente? Essa política não existe, apesar de todos continuarem a dizer que o petróleo daquela região é indispensável à sobrevivência da Europa.

No Outono a Grã-Bretanha não convenceu os Estados Unidos a fazerem com ela causa comum e agora, que começa a ser apresentada a conta do desastre que então sofremos, não se dá um passo para conseguir esse resultado. Entretanto, o presidente Eisenhower, sem consultar o Governo britânico, tornou pública a sua doutrina para o Médio Oriente e o secretário de Estado, Dulles, fez aos seus aliados europeus referências que não podem legitimamente considerar-se amigáveis.

Os dirigentes do outro lado do Atlântico atacaram sir Anthony Eden e os seus colegas porque estes, em colaboração com a França, planearam a guerra contra o Egipto, desafiando a O. N. U. e não lhes dizendo nada. Os Americanos fazem agora o mesmo e o Tio Sam propõe-se ocupar o lugar que John Bull deixou vago. Antigamente os potentados petrolíferos do Médio Oriente iam a Londres, agora vão a Washington, o que leva a concluir que não era o imperialismo britânico que se condenava mas o facto de ser britânico. A impopularidade da Grã-Bretanha nos países árabes transformou-se numa oportunidade aproveitada pelos Estados

Unidos. Mudaram os nomes, a política é a mesma.

O rei Saud da Arábia pediu aos Americanos armamentos no valor de cem milhões de dólares. Se o pedido for deferido, não se dará um passo no sentido de estabelecer a ordem, a paz e a prosperidade naquele e noutros países limítrofes. Nas mãos dos Árabes de Saud as armas americanas são tão inúteis como as armas russas nas mãos dos Egípcios.

Para as manejar exige-se uma preparação de que apenas são capazes os países evoluídos tecnicamente. Os potentados do Médio Oriente enganam-se a si próprios se julgam que a sua segurança depende dos arsenais americanos e russos.

A tentativa dos Estados Unidos para substituírem a Grã-Bretanha levará ao resultado que deram as actividades desta e da França, esbarrando no mesmo muro de suspeição que fez malograr as últimas, pois as populações locais vêem nela uma nova modalidade do imperialismo ocidental. Entretanto a única verdade deslumbradora é que a Europa ocidental depende, para viver, dos recursos dos países árabes.

Que há a fazer para que este problema fundamental seja satisfatoriamente resolvido? Quanto a mim só o conseguiremos com o vasto plano de valorização económica confiando a sua execução a qualquer entidade estranha às divergências entre as grandes potências, como os organismos especializados da O. N. U. Os europeus não poderão contar com o petróleo do Médio Oriente enquanto as populações dessa região não beneficiarem das condições de existência que eles próprios usufruem.

O plano americano — doutrina Eisenhower — levantará sempre suspeitas e ninguém convencerá os interessados de que os seus benefícios não exigem uma contrapartida que os árabes recusam. Por muito generoso que seja, ninguém o libertará desse laço. Para conseguir que a Europa Ocidental receba, sem dificuldades e demoras, o petróleo é necessário gastar importantes quantias não nesse sentido mas de forma a torná-los fornecedores numa base comercial sinceramente aceite pelas duas partes.

Para isso foram apresentados vários planos, todos até agora frustrados pela rivalidade dos países árabes e pela rivalidade destes com Israel. Chegou, porém, o momento em que teremos de o fazer sob pena dos mais graves riscos e prejuízos.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede — Calçada do Duque, 20 — Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Prevêm-se os portadores de obrigações das emissões a seguir indicadas de que, em 4 de Março p. f., pelas 11 horas, se procederá na sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Abril deste ano, em conformidade com os respectivos quadros de amortização, a saber:

Emissão da Linha da Póvoa, 5% - 1917
62 obrigações respeitantes à amortização do 2.º semestre de 1956.

Emissão das Linhas de Mirandela e Viçeu, 4,5% - 1889

240 obrigações respeitantes à amortização do 2.º semestre de 1956.
Lisboa, 7 de Fevereiro de 1957.

Declarações de Eden na Nova Zelândia sobre o Médio Oriente

AUCKLAND, 21. — Sir Anthony Eden, ex-primeiro-ministro britânico, chegou, hoje, a esta cidade, a bordo do paquete «Rangitara». Com aspecto pálido e cansado, desembarcou, apoiado a uma bengala, e declarou aos jornalistas que se encontrava «melhor», depois de dois ataques febris durante a viagem. O médico de bordo desmentiu, contudo, as notícias de que Eden sofrera uma síncope. Não foram tomadas quaisquer medidas especiais para a assistência médica a sir Anthony, durante a sua permanência na Nova Zelândia.

O facto de ainda não se ter feito qualquer marcação de passagem para o regresso à Inglaterra, faz crer que Eden prolongue a sua visita para além de 30 dias.

Falando à Imprensa, sir Anthony Eden declarou:

«Verifico que há discussão sobre a liberdade de passagem no Golfo de Akaba. Eu acho que deve haver liberdade em Akaba, assim como no Suez, visto que o Golfo de Akaba seria útil como rota de petróleo para o Mundo livre».

Sobre o seu regresso à Inglaterra, afirmou: «Isso depende dos médicos que, actualmente, nem sequer me deixam jogar o ténis».

O antigo primeiro-ministro foi cumprimentado, à chegada, pelo chefe do Governo, Sidney Holland. — (A. N. I.).

CONFERÊNCIAS

Hoje, às 21 e 30, na sede da Aliança Francesa, o sr. François Le Lionnais, presidente da Associação dos Escritores Científicos de França, fará uma conferência, intitulada: «A vida no Universo — Haverá seres humanos fora do nosso planeta?»

REGIONALISMO

A Casa dos Tabuenses, com sede na Rua dos Poais de S. Bento, festeja no dia 24, às 15 e 30, com uma sessão solene, o 24.º aniversário da sua fundação. Seguir-se-á uma tarde dançante.

A resposta de Adenauer a Bulganine

BONN, 21.—O ministro dos Negócios Estrangeiros, anunciou aos representantes da Imprensa que o embaixador em Moscovo seria portador da resposta do chanceler Adenauer à carta pessoal que lhe enviou o marechal Bulganine, em 8 do corrente, quando regressar ao seu posto na U. R. S. S., no domingo ou na segunda-feira.

Indicou, ainda, que o Governo federal responderá, nos fins de Março, à nota do Governo soviético de 6 de Outubro de 1956 na qual a U. R. S. S. respondeu ao memorando alemão de 2 de Setembro sobre o problema da reunificação alemã. — (France Presse).



Pé da Vinha
QUE PEDE VINHO
GALDEIRA, LDA.

Uma revolução no tratamento das rugas...

«Um salto brusco na ciência dos cosméticos»... foi desta forma, que o Congresso Internacional de Paris denominou o tratamento com Placentubex.

E com efeito, o único produto que, à base do Serol, faz penetrar eficazmente na epiderme o extracto de placenta fresca. Os resultados são surpreendentes. Placentubex regenera a pele fatigada, faz desaparecer progressivamente os «pés de galinha», as rugas do queixo e do pescoço, voltando a dar às mãos um aspecto juvenil. A sua aplicação é extremamente simples: Esfrega-se na pele uma pequena porção de Placentubex, que se deixa agir durante 15/20 minutos, e depois aplica-se o creme gorduroso habitual. Um tubo chega para alguns meses. A venda em todas as boas farmácias, drogas, perfumarias e salões de beleza. Cada tubo custa 120\$00.

Merz & C., Frankfurt/Main, Berlim, Zurique, Agentes Gerais para Portugal: A. Dias & Santos, Rua da Madalena, 273 — Lisboa.



Segurança de si mesma e da sua beleza transparecem nos olhos dela... Estes resultados notáveis poderão também obter por meio de um simples tratamento com

Placentubex

Este comprimido contém,
não um, mas
uma associação
de produtos!

ENFARTAMENTO
INDIGESTÃO ACIDA · DORES DE
CABEÇA · CONSTIPAÇÕES · DISPEPSIA
NERVOSA · DORES MUSCULARES
EXCESSOS ALIMENTARES · AZIA
MAL-ESTAR MATINAL

...portanto
não alivia um, mas
todos estes
incómodos!

Alka-Seltzer

Sabor agradável... efectiva... e suave!

Viaje de
Helicóptero

A PARTIDA
DE BRUXELAS

SABENA

ANTUÉRIA
ROTTERDÃO
LILE
PARIS
COLÓNIA
EINDHOVEN
DUISBURGO
DORTMUND

De ontem para hoje

O DESTINO DAS CASAS

A Casa de Saúde de Benfica, que fez seu tempo e foi um dos hospitais particulares mais elegantes da cidade, vai ser demolida. O tempo que a consagrara condenou-a, como faz sempre, a todas as actualidades que deixaram de o ser... No seu lugar, uma nova casa de saúde surgirá. Das suas ruínas de hoje, nascerá uma nova, elegante, higiénica e tecnicamente perfeita casa para doentes. O concurso de adjudicação das obras respectivas assinado faz prever, pelo menos, E a decisão da Cruz Vermelha, sua proprietária, de dar a adjudicação a uma das quatro firmas concorrentes, fá-lo prever, igualmente.

COM A FATALIDADE NAS MÃOS

TEMOS, às vezes, a fatalidade nas mãos e não a vemos. Fatalidade que às vezes, mesmo, leva à morte, por nossas mãos. Isto pensará o pescador espanhol Vitorino Racha Dominguez, pertence ao pesqueiro «Caramucho», que teve de ser desembarcado, para entrar no hospital, pois engolira um anzol, quando preparava as linhas de pesca. E mais ou menos o mesmo pensará Bernardina Castanheira, da Trafaria. Pusera no peito uma compressa de algodão com álcool. Quando daí a pouco riscou um fósforo, fê-lo ainda a tempo de o álcool se inflamar e ficar muito queimada.

A VINGANÇA DO MAR

QUANDO os homens, com a sua técnica, tentam espartilhar os impetus do mar, construindo cas e paredões que o dominam, então o mar ving-se dos homens. A sua força concentra-se numa estratégia nova e os homens concluem que «vai-te ganhar, que me das perca». Viana do Castelo, com a sua bonita praia do Cabedelo, sabe-o por dolorosa experiência. Sistemáticamente, o mar ving-se dia-a-dia. Ameaça levar-lhe a praia, o casino, tudo quanto é mimo da terra mimosa. Com a maré mais alta do ano, ontem registada, a investida teve lances dramáticos. Por isso os homens serão chamados, por certo, a corrigir as contas que fizeram.

FLORINHAS DA RUA

A rua é a casa de estar da infancia que não cabe dentro do lar, abandonado pelos pais, durante o dia entregues ao trabalho. A criança fica então toda nas mãos do seu destino. Florinha que cresce na berm da estrada, pode pisá-la quem passa? Paciência. E' o seu destino, a sua sorte. A sorte de Maria Ascenção, de 2 anos (filha de Manuel Correia), natural de Freinada. Brincava com um irmão três anos mais velho, que lhe pegou o fogo às vestes, provocando-lhe a morte. E a sorte de Noémia, de 8 anos (seu pai é Daniel Gomes Salão), do lugar de Loureiros (Figueira da Foz). Um automóvel atropelou-a mortalmente.

JORNAL PEQUENO

OS novos vice-presidente e vogais do Conselho Superior do Exército são os generais Lopes da Silva, chefe do Estado-Maior do Exército; Valente de Carvalho, governador militar de Lisboa; Belezza Ferraz, 1.º subchefe do Estado-Maior do Exército; e Frederico Maria de Magalhães Meneses Vilas Boas Villar, Humberto Buceia Martins, Flávio José Alvares dos Santos e Luis Maria da Camara Pina. * Devido à chuva, houve desabamentos de terras no Pragal (Cacilhas) e avariaram-se as condutas que abastecem de água as povoações de Almada. * Foi atropelado perto de Leiria o industrial sr. Carlos dos Santos Gato, de uma família benquista da Marinha Grande. Conta 75 anos e ficou em estado grave; em Bugios (Castelo Branco), caiu de uma camioneta em andamento o jornalista António Roque, que ficou em estado de coma; o ciclista José Moreira (Fonte da Arcada, Penafiel), morreu por ter embatido com as traseiras de uma camioneta. Era empregado nos Serviços de Transportes Colectivos do Porto e tinha 37 anos.

MORREU O PINTOR espanhol Abelenda

CORUNHA, 21 — Nesta cidade, onde nasceu há 67 anos, faleceu, inesperadamente, o pintor Manuel Abelenda, considerado o paisagista da Galiza e distinguido em sucessivas exposições, em Espanha e, ultimamente, no S. N. I. em Lisboa, e na América.

Era sócio da Real Academia Galega, conferenciista notável e pessoa muito estimada pela sua bondade. — (Efe).

AS RELAÇÕES

dos E. U. com o Vaticano

CIDADE DO VATICANO, 21 — O Papa recebeu, esta manhã, em audiência privada, o almirante Charles Brown, comandante da 6.ª esquadra americana estacionada no Mediterraneo, e sua esposa.

Depois, o Santo Padre recebeu, também em audiência privada, o novo embaixador dos Estados Unidos em Roma e a sr.ª Zellerbach. — (F. P.).

A solidariedade do Brasil

reafirmando a razão de Portugal loi proclamada na Assembleia da O. N. U.

NOVA YORK, 21. — Foi a seguinte a distribuição dos votos (35 a favor, 35 contra e 5 abstenções); relativamente à moção dos cinco (Ceilão, Grécia, Libéria, Nepal e Síria) aprovada, por 35, votos, contra 33 e 4 abstenções, pela Comissão de Curadorias e que pedia um inquérito às respostas dos novos membros da O. N. U., sobre se possuem ou não territórios que deveriam ser submetidos à supervisão das Nações Unidas: A favor, Afeganistão, Albânia, Bolívia, Bulgária, Birmânia, Bielo-Rússia, Ceilão, Costa Rica, Checoslováquia, Egipto, São Salvador, Etiópia, Grécia, Guatemala, Haiti, União Indiana, Indonésia, Irão, Iraque, Libéria, Líbia, México, Marrocos, Nepal, Polónia, Roménia, Arábia Saudita, Sudão, Síria, Tunísia, Ucrânia, União Soviética, Uruguai, Iémen e Jugoslávia. Contra, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Cuba, Dinamarca, República Dominicana, Equador, Finlândia, França, Honduras, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Nicarágua, Noruega, Paquistão, Paraguai, Peru, Filipinas, Portugal, Espanha, Suécia, Turquia, África do Sul, Inglaterra e Estados Unidos. Absteram-se, Argentina, Camboja, Laos, Tailândia e Venezuela. Estiveram ausentes, Hungria, Islândia, Jordânia, Líbano e Panamá.

Por proposta da Suécia, fora decidido que a moção, para ser aprovada, deveria alcançar a maioria de dois terços dos votos da Assembleia.

Ao abrir o debate, o delegado de Portugal, dr. Vasco Vieira Garin, condenou vibrantemente a moção dos cinco, repelindo em absoluto as afirmações segundo as quais o seu país possui territórios não auto-administrados.

«Em virtude de leis constitucionais que datam de há muitos séculos — proclamou o dr. Vieira Garin —, Portugal é um país unitário, independentemente da situação geográfica das suas diferentes províncias. Ninguém tem o direito de exigir que um povo modifique a sua estrutura nacional só para satisfazer uma interpretação arbitrária da Carta da O. N. U.»

Insistiu, por fim, no facto do seu país nunca se ter recusado a qualquer colaboração internacional para melhorar as condições de vida de todas as populações e que fornecia regularmente ao centro de documentação da O. N. U. todos os dados referentes a este assunto. — (A. N. I. e F. P.).

O Brasil, como sempre, ao lado de Portugal

NOVA YORK, 21. — Durante a sessão plenária da Assembleia Geral das Nações Unidas, sobre a moção hostil a Portugal, o delegado do Brasil, senador Georgino Avelino, pronunciou o seguinte discurso:

«A delegação do Brasil deseja justificar a sua posição quanto ao projecto para a formação de uma comissão ad hoc, destinada a estudar as respostas dadas ao secretário-geral pelos países ultimamente admitidos nas Nações Unidas sobre se possuem ou não territórios não-autónomos.

«Antes de mais nada, a delegação do Brasil pensa que o projecto é discriminatório, visto que submete os novos membros das Nações Unidas a um tratamento diferente do que foi aplicado em 1946, em circunstâncias análogas, aos outros Estados, quando da primeira Assembleia Geral. Sob o princípio da igualdade soberana, consagrada pelo artigo 2.º, parágrafo primeiro da «Carta», verda-

deiro eixo da Organização, os Estados que acabam de ser admitidos têm o direito de receber o mesmo tratamento que foi dispensado aos mais antigos, visto que a «Carta» não distingue, neste ponto, entre membros recentes e antigos. O projecto de resolução é, portanto, discriminatório e contém uma flagrante injustiça, que seria pouco razoável apoiar.

«Os Estados membros não podem renunciar ao direito de determinar, de acordo com as suas disposições constitucionais, o estatuto que lhes convier para os territórios colocados sob a sua soberania. A palavra oficial dos Estados Unidos não pode ser posta em dúvida, pois que a letra e o espírito da «Carta» asseguram o respeito integral pela personalidade jurídica dos Estados membros. Verificou-se, ao seio da Comissão, a existência de uma tendência que a delegação do Brasil não pode deixar de qualificar, com veemência, de indezível e de injusta. Por motivos que não queremos discutir, numerosas delegações declararam que um dos Estados recentemente admitidos, pelo menos, não teria dado uma resposta, sobre o assunto, conforme com a realidade. Esse país seria Portugal.

«A delegação do Brasil, cuja imparcialidade no que diz respeito ao domínio dos territórios não autónomos nunca poderá ser discutida, julgou e julga ainda ser dever afirmar que não partilha, absolutamente de modo nenhum, desse ponto de vista.

O nobre exemplo da missão civilizadora de Portugal

«Portugal é uma República unitária, com províncias ultramarinas perfeitamente integradas dentro desse sistema e que, de maneira alguma, poderão ser classificadas de territórios não autónomos — afirmou o delegado brasileiro e acrescentou: «A obra civilizadora de Portugal — exercendo-se durante três séculos no Brasil e reflectindo-se ainda, com potente influência, sobre a alma nacional brasileira — tem sido uma constante cruzada de progresso espiritual e moral, uma sequência de exemplos de tolerância, de amor ao próximo, de aperfeiçoamento da dignidade humana.

«O Brasil sente-se particularmente orgulhoso de afirmar aqui que já foi terra portuguesa e que a excepcional obra educadora e civilizadora realizada por Portugal no Brasil escapou aos princípios do que se costuma chamar colonialismo tradicional, pois era uma empresa de amor e não de opressão, um trabalho de educação e não simples exploração material. Por isso mesmo é que, ao afirmar o legítimo orgulho com que o Brasil recebeu e conserva a sua inestimável herança portuguesa, a delegação do Brasil, orientada pelos exemplos mais inatacáveis da própria História, não pode crer que os Portugueses tenham realizado no passado e possam realizar hoje, nas suas províncias ultramarinas, uma obra diferente da grande cruzada, da meritória campanha de civilização que efectuaram no Brasil.

«Portugal já foi julgado pela História mundial — proclamou o orador — e o Brasil reafirma-o aqui, com amor e entusiasmo, manifestando, também, o seu orgulho nas origens onde foi beber os elementos mais decisivos da sua emancipação nacional. E é por isso — e não apenas por uma questão de princípios — pelos imperativos históricos e huma-

nos aos quais não se poderia conservar indiferente, que a delegação do Brasil vai votar contra a constituição de uma comissão ad hoc, cuja actividade não podemos prever frutuosa. A minha delegação é de opinião de que a constituição da projectada comissão seria um erro que poderia ter consequências desastrosas e imprevisíveis». — (A. N. I.).

A Espanha proclamou a verdade histórica e a razão que assiste a Portugal

NOVA YORK, 21. — O delegado da Espanha, embaixador Juan Pablo Lojendio, defendeu, ontem, no debate da Assembleia Geral, sob o ponto de vista jurídico, a verdade histórica e a razão que assiste a Portugal, tal como o fizera na Comissão de Curadorias para prestar homenagem à «Nação vizinha e irmã, pelo sentido de unidade da sua obra de expansão, pela sua intocável conduta em matéria de relações internacionais e pela dignidade e seriedade com que enfrenta os seus problemas políticos.

«Agora, porém — acrescentou —, não se trata da nossa amizade por Portugal, mas sim de um problema estritamente jurídico, de singular importância e que tem de ser resolvido de maneira ampla e geral, pois afecta a interpretação das disposições da Carta e a própria essência da nossa convivência na Organização.

O delegado espanhol estudou o artigo 73.º, em relação com outros da «Carta», com anteriores acordos da Assembleia Geral e a prática das Nações Unidas, para chegar à conclusão de que uma declaração sobre territórios não-autónomos é da competência exclusiva dos Estados interessados, sem que a Assembleia tenha ou possa ter intervenção alguma na matéria.

Acrescentou o embaixador Lojendio que o Governo português nunca desejaria nem poderia dar uma resposta diferente da que deu às Nações Unidas, uma vez que a unidade política de todos os seus territórios está consagrada na Constituição, cujos preceitos estão acima dos Governos.

Referindo-se ao novo texto com que, à última hora, os próprios patrocinadores da moção tentaram modificá-la, afirmou que se trata de um texto discriminatório, contrário ao espírito e às disposições da «Carta», salientando:

«Aqui somos todos iguais — os admitidos agora e os admitidos no primeiro momento. De modo algum, podemos aceitar que os chamados novos membros sejam objecto de tratamento diferente, dentro da Organização.

O embaixador Lojendio assinalou os perigos a que podia levar o caminho iniciado pela moção apresentada e concluiu formulando o desejo de que as Nações Unidas sejam o campo neutro em que nunca se criem nem se agravem problemas, mas, pelo contrário, se evitem e se resolvam com moderação. — (Efe e A. N. I.).

STATE EXPRESS

555

Acreditados Cigarros de Fama Mundial
Fornecedores da Casa Real Inglesa

A VENDA NAS BOAS TABACARIAS DO PAIS

Agente Importador: Tabacaria Inglesa
P. Duque da Terceira, 18
Lisboa

Tigide APRESENTA
JOSETTE PEIRO
Grande Prémio da Canção Francesa
*
DEO MAIA e os Irmãos Guarás
Num «show» brasileiro de esufiante alegria
Conjunto JORGE MACHADO
Consumo obrigatório: ESC. 35\$00 (15 anos)

COGNAC
MARTELL

PALM BEACH

Apresenta

JOSETTE PEIRO

Grande Prémio da Canção Francesa

DEO MAIA e os Irmãos Guarás

Num «show» brasileiro de esufiante alegria

Os grandes pianistas animadores

HELDER MARTINS e JOSÉ MESQUITA

Consumo obrigatório Esc. 30\$00
(15 anos)

Reumatismo
ASPIRINA
do resultado

O POLITEAMA TEM A HONRA DE APRESENTAR
PELA PRIMEIRA VEZ AO PÚBLICO DE LISBOA
O PRIMEIRO GRANDE FILME
HEROICO E AUTÊNTICO DOS PIONEIROS
DO ESPAÇO, OS AUDACIOSOS
HOMENS FOGUETES!



NO LIMIAR DO DESCONHECIDO

(ON THE THRESHOLD OF SPACE)

COR DE LUXE
CINEMASCOPE

A ESTREAR

HOJE

GUY MADISON • VIRGINIA LEITH • JOHN HODIAK • DEAN JAGGER

PRODUT: WILLIAM BLOOM - PROD. ASSOC: BARBARA McLEAN - REALIZ: ROBERT T. WEBB

ARG: SIMON VINCEBERG e FRANCIS COCKRELL

SOM ESTEREOFÔNICO DE ALTA FIDELIDADE COM 4 BANCAS MAGNÉTICAS

E ENQUANTO
ELES VIAJAM
NO ESPAÇO
DESCONHECIDO
E MISTERIOSO,
NA TERRA
AS MULHERES
ESPERAM
ANSIOSAS
QUE ELES
REGRESSEM
VIVOS,
PARA O AMOR
E PARA A VIDA!

Exclusivo DOPERFILME para maiores de 13 anos

AVIS

APRESENTA
AMANHÃ



Francis entre MULHERES

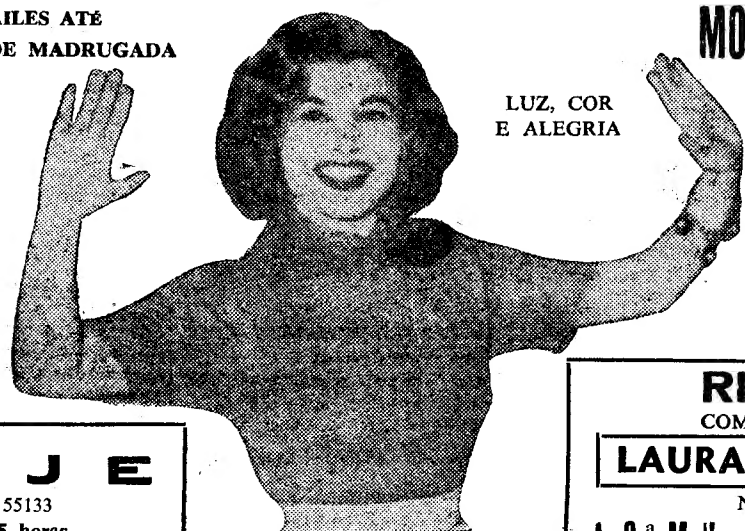
Com
DONALD O'CONNOR
JÚLIA ADAMS
O MACHO QUE FALA
E CENTENAS DE RAPARIGAS

FRANCIS NO EXÉRCITO FEMININO, ENTRE LOIRAS E MORENAS,
DIRIGE AS MANOBRAS E PROVOCA TEMPESTADES DE RISO!

UM CONSELHO DA LAURA: - CARNAVAL ?? - Só o do TEATRO MONUMENTAL

ANIMADOS BAILES ATÉ
DE MADRUGADA

INDO A 1.
SESSÃO TERA
MAIS TEMPO
PARA SE
DIVERTIR



LUZ, COR
E ALEGRIA

Baile até de
Madrugada

Extraordinárias
atrações!!!

HOJE

Telef. 55133
Às 21,45 horas

O GRANDE ESPECTACULO DO MOMENTO

Quer receber em sua casa, uma fotografia autografada da Lucia Comunista e um programa para o CARNAVAL??
escreva para o TEATRO MONUMENTAL

RIA
COM A

LAURA ALVES

NA

A 8.ª Mulher do Milionário
(Adultos)

RETIRO ANDALUZ

AVENIDA CONDE VALBOM, 114
Telefone 773134

Foi extraordinário o êxito que
obteve ontem em estreia o ar-
tista de categoria internacional

ABILIO HERLANDER

Dia 27, jantar de homenagem à distinta e maior intérprete
de Fado castiço

HERMINIA SILVA

acompanhada pelos seus guitarristas privados
VITOR RAMOS e JOSÉ MENDES

Todos os dias o melhor fado no melhor ambiente, apre-
sentado por

DEOLINDA RODRIGUES

COZINHA REGIONAL PORTUGUESA ADULTOS

Paraíso de Guitarras

TRAVESSA DO SALITRE, 1 (à Praça da Alegria)
Telef. 20841 e 368096

Restaurante Típico de Categoria Internacional
(Grande Salão próprio para banquetes)
Ambiente acolhedor distinto e familiar

Jantares dançantes e ceias — Cozinha à portuguesa
FADOS E GUITARRADAS E OUTRAS ATRAÇÕES

NO CARNAVAL pode V Ex.ª divertir-se com sua família, no nosso
vasto Salão, que além da comodidade que oferece, terá uma linda
decoração e onde haverá alegria, luz feérica, e bastante cor

CARNAVAL SÓ NO PARAÍSO

Reservam-se mesas para qualquer numero de pessoas
SELECÇÃO RIGOROSA ADULTOS

Açorda de sável e trachinho
de eirós, pratos regionais
do «CAMPINOS»
CARTAXO



Tem Prisão
de Ventre?

BEBA

AGUA DO MOU-
CHAO DA POVOA

Regularizador das
funções intestinais
Laxativa

Dep. Geral: Conde
Barão, 48
Telefone 664378



JARDEL
FILHO

UM VERDADEIRO DES-
FILE DE MODAS

SÁBADO: 1.ª TARDE
às 16 h., a preços reduzidos

HOJE
às 21,45 horas
NO
APOLO

Telef. 28643
Emp. Erico Braga
(ADULTOS)

ESTREIA

DO
2.º ORIGINAL
BRASILEIRO

EDMUNDO LOPES
SERAFIM GONZALEZ
CARMEN SILVA
DIANA MORELL

O «FAIA» APRESENTA

RESTAURANTE TÍPICO
Telefone 29387

Segunda-feira

25

TRIO ODEMIRA

Conjunto português de classe internacional

Marque a sua mesa.

Rigorosa selecção

V A ao AVENIDA às 21,45 h. (Adultos)
ER a FORMIDAVEL PEÇA ITALIANA

O PALCO DA VIDA

Versão portuguesa de Luís Francisco Rebelo

Arrebatadora criação de JOSÉ GAMBOA

A FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro



MAXIME

NOITE EXCEPCIONAL
DE DELIRANTE FESTA
COM OUTRO GRANDIOSO

BAILE DE MÁSCARAS

(Adultos)

COM ENTRADA GRÁTIS A'S SENHORAS MASCARADAS E, AINDA, EM

EXITO DE SENSACÃO

A MAIOR ATRACÇÃO COREOGRAFICA ACTUAL DA EUROPA

BALLET LALA CASSEL

ESCULTURAS BAILARINAS EM TODO O ESPLendor
DA SUA BELEZA E DOS SEUS ENCANTOS FISICOS

FEERIE!
EFEITOS DE LUZ!
BATALHAS
DE SERPENTINAS!
CONSTANTES
SURPRESAS!

Cartaz dos Cinemas

O HOMEM DO MOMENTO SÃO JORGE

NO LIMAR DO DESCONHECIDO POLITEAMA

A PRIMEIRA CAIXEIRA VIAJANTE CAPITOLIO

SAO LUIZ
TEL. 27172
(18 anos)
na deliciosa comédia
AS GRANDES MANOBRAS

A's 15,15 e 18,15
(P. red.) e às 21,30
2.ª SEMANA
Michèle Morgan,
Gerard Philipe
e Brigitte Bardot
de RENE CLAIR

EDEN
TEL. 20768
com Sophia Loren e Vittorio De Sica
Uma história cheia de graça e situações
imprevistas

15,30-18,30 e 21,30
(Para 18 anos)
EM 3.ª SEMANA
A comédia em
«Cinemascope»
PÃO, AMOR E...

IMPERIO
TEL. 55134/5
Um filme de Luigi Zampa
com Marisa Ahasio, Lilli Cerasoli, Bella
Visconti, Paolo Stoppa, Louis Seigner
e Frank Villard

A's 15,15 e 21,30
(Adultos)
O grande êxito do
momento em
2.ª SEMANA

MONUMENTAL
TEL. 55131
na mais espirituosa e picante comédia
do cinema português
PERDEU-SE UM MARIDO

A's 15,15 e 21,30
(Adultos)
Laura Alves, An-
tónio Silva e Vir-
gílio Teixeira

ALVALADE
TEL. 763080
na deliciosa comédia
AS GRANDES MANOBRAS

A's 15,15 (P. red.)
e 21,30 (18 anos)
2.ª SEMANA
Michèle Morgan,
Gerard Philipe
e Brigitte Bardot
de RENE CLAIR

AVIS
TEL. 47163
Um espectáculo inesquecível com mu-
sica, cor e romance
CASA RICORDI

A's 15,30 e 21,30
Atendendo à gran-
de metragem do fil-
me
2.ª SEMANA

RESTELO
Tel. 610375
O MEDO DE AMAR
com Jean Simmons e Guy Madison

A's 21,15 (18 anos)
A magnífica super-
produção dramáti-
ca em cinemascope

GERRASSE
TEL. 20912
O HOMEM ATÉ AO FIM
VIAGEM SEM VOLTA

A's 21 (13 anos)
HOMEM ATÉ
AO FIM

CINEMA IDEAL
O SABRE E A FLECHA
O PIRATA DE TRIPITA

A's 21 (13 anos)
O SABRE E
A FLECHA

CLIZA
TEL. 48560
com Arlene Dahl e John Payne

A's 21,15 (18 anos)
O «ANJO»
ESCARLATE

TIVOLI
TEL. 50595
(Para 18 anos)
3 e 6.15 da tarde
(P. red. e 9.30)

A célebre obra-prima de Pierre Benoit
num espectáculo de aventura e paixão!

POLITEAMA
TEL. 26305
com GUY MADISON
No prog.: Incluída no Jornal Fox:

**REPORTAGEM DA VISITA DA
RAINHA ISABEL DE INGLATERRA**
A's 18,15: PARA CRIANÇAS
DESPEDIDA do maravilhoso filme
DESPROTEGIDOS
com A. Marsilach e José Isbert
(Para 6 anos)

CONDES
TEL. 22523
Um filme de amor
e de esperança
com Anne Vernon, Danik Patissou
e François Guérin

AO LONGO DAS RUAS
Notável realização de Léonide Moguy,
o homem que fez «Amanhã será tarde»

SAO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153
(Para 13 anos)
com NORMAN WISDOM

ODEON
TEL. 26283
A DAMA VALENTE
com Claudette Colbert e Barry Sullivan

CAPITOLIO
TEL. 27491
A's 21,30 (13 anos)
ESTREIA
duma comédia in-
vulgar e divertida
**A PRIMEIRA
CAIXEIRA VIAJANTE**
em RKOSCOPE e Technicolor
com Ginger Rogers, Barry Nelson
e Carol Channing

ROYAL
A's 21,15 (18 anos)
Em continuação de
estreia
4.ª SEMANA
A INFAME
No programa:
TÓTO ENTRE MULHERES

CASINO ESTORIL
A's 21,30 (Adultos)
DUELO DE
AMBIÇÕES
com Clark Gable

SÁBIA

CALÇADA DA GLÓRIA, N.º 2
(Por cima do Café Palladium)

COMUNICADO

A Empresa do SÁBIA, actualmente
a melhor «boite» de Lisboa, tem o pra-
zer de comunicar a sua numerosa clien-
tela que se encontra já nesta capital a
conhecida vedeta internacional LOUISE,
de nacionalidade francesa, que, depois
de ter actuado nas mais elegantes salas
de festas europeias — como em Paris,
Madrid, Barcelona, Londres, etc. — vem
estar entre nós apenas alguns dias, por
ter de seguir em cumprimento de con-
tratos já estabelecidos.

Porque se trata de uma cançonetista
de valor excepcional — 1.º prémio da
«Chanson de Paris» — o SÁBIA ao
tornar publica a sua apresentação em
Portugal, deseja com isso dar a todos
os seus estimados clientes a oportuni-
dade de escutarem uma das melhores vo-
zes europeias e de apreciarem o raro
encanto pessoal desta artista. AMANHÃ,
SEXTA-FEIRA, EM GRANDE ES-
TREIA nesta «boite».

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

A's 21 e 45 (Adultos)
Ultima representação da primeira
série
da peça de Augusto de Castro

Amor à antiga

Notável interpretação
Amanhã, às 21 e 45, terceira ré-
cita de assinatura
O REVISOR, de N. GOGOL

LUSO
T. Queimada, 8-A
F. 32889 - Adultos
Hoje (até de ma-
drugada) Fados
e Canções por
Frustrado França
— Emília Can-
deias — Maria
Amélia Proença
— Raul Dias — Florinda Maria e
Fernando Maurício. Acompanhamento
por António Couto e Pedro Leal.

CASINO ESTORIL

SABADO, 23
ESTREIA
no Restaurante e Wonder-Bar
da ORQUESTRA FEMININA
CUBANA NEREIDA y su
ENSUEÑO TROPICAL
(Adultos)

O «Diário de Lisboa», vende-se em
Rio Maior, na Tabacaria Santaça.

FINALMENTE!
UM FILME PARA RIR...
...E CHORAR POR MAIS!!!



HOJE NO
SÃO JORGE
com BELINDA LEE, LANA MORRIS
JERRY DESMONDE

PARA MAIORES
DE 13 ANOS

UM EXCLUSIVO



EM COMPLEMENTO: O NOVO DOCUMENTARIO PORTUGUES DE
ANTONIO LOPES RIBEIRO, COM FOTOGRAFIA DE ABEL ESCOPO,
«REGATA TORBAY-LISBOA» EM CINEMASCOPE

BREVEMENTE! no VARIEDADES

Empresa Artística de Espectáculos, Lda.
Telef. 26037

Direcção de HENRIQUE SANTANA

LISBOA VAI RIR

DESABALADAMEN-
TE COM O GRANDE
ESPECTÁ-
CULO
CÓMICO
DESTE
CARNAVAL

A IRRESISTÍ-
VEL E DESO-
PILANTE FARSA
EM 3 ACTOS

ELA

NÃO
GOSTAVA DO
CRIADO...

UMA PEGA 6\$50

Um Ribatejo 10\$00 — Café de Timor — Doçaria caseira
no Bar Ribatejo, P. Areeiro, 11 D — Até às 3,30 da manhã

**Hoje no
CAPITÓLIO**
A's 21,30 — ESTREIA
de uma comédia
invulgar e
divertida!
13 ANOS

**Não divulgue o
que ela vende!**



**Sem saber
o que
ele quer
comprar!**



**...Pois
tudo
começa
quando**

**aparecem no Texas
duas raparigas
da cidade...**



**...Prontas
a realizar o maior
negócio depois que
Eva vendeu Adão!**

**Ginger ROGERS
Barry NELSON
Carol CHANNING**

**A
PRIMEIRA
CAIXEIRA
VIAJANTE**

UM FILME EM

RKO-SCOPE

E
Technicolor

PRODUÇÃO E REA-
LIZAÇÃO DE
ARTHUR LUBIN



Teatros e Cinemas

«Antígona» e «Uma Gota de Mel»

Esta «Antígona» que António Pedro recriou, dentro dos moldes da mais pura tragédia clássica, com um prólogo que é, por assim dizer, na hora actual — da poesia e do filosofismo cénico — o manifesto do teatro como acção, com um coro, funcional sim, mas em certa medida comentário dialéctico daquela acção e da própria vida ou da condição humana — surge entre nós, antes de mais e, sem embargo de reservas que ousemos fazer-lhe, como uma bela afirmação de verdade e dignidade artística, de respeito pelas leis eternas do teatro e de austera novidade na sua realização. Devemos todos os que amamos o teatro e desejamos vê-lo ressurgir em Portugal dizer pois «obrigado» a António Pedro. Se, no estilo, esta «Antígona», tal como o autor a quis, não se recomenda por um novo conteúdo poético ou intelectual — o estilo é essencialmente isso mesmo: o que se diz, indissociável da sua forma — o certo é que assistimos a uma glosa vertebreada de Sófocles, perfeita de estrutura e de compreensão, modeladamente enxada e com um excepcional brilhantismo plástico, sem jamais cair, no entanto, em efeitos fáceis e retóricos. Da «Antígona» grega fez Jean Anouilh, durante a ocupação alemã em França, uma peça de resistência, cheia de subtilezas e de uma infinitamente rica expressão pessoal, amarga, lírica e irónica, mas concentrada numa exaltação da liberdade, que a filha de Édipo e Jocasta personifica. Também dessa mensagem

perene de Sófocles António Pedro colheu o núcleo de sentimentos que a sua Antígona dá o sangue excelente e a razão, conjugados, em síntese cruamente iluminada — aí a sua intervenção de artista criador —, no sublime orgulho individual que não cede na sua luta com a tirania, com uma qualquer tirania — e assim a de Creonte se dilata a todos os planos da vida, política, familiar ou social —, nem ante a ameaça, nem ante a própria morte. Lição de beleza e lição de nobreza, cívica e sobretudo íntima (Isménia é quase um contraponto íntimo de Antígona — dualidade da natureza humana — unificada no gesto definitivo que importa). Permitiu-se António Pedro — e dele em especial falamos, porque ele é o cérebro e a alma do Teatro Experimental do Porto, para grandes cometimentos fadado — acrescentar à tragédia, sem quebra da sua unidade, duas figuras, a do encenador, desdobramento do autor, com uma intenção de tornar presente a tragédia como convenção simbólica, chamando o público ao segredo, para que dele participe, e a de Artemisia, enamorada de Hemon, que é ainda reflexo do espectador, portanto assistente vivo da fábula moral e religiosa, umbilicalmente ligado às suas projecções, que as necessidades trágicas depuraram do accidental, e que o Destino, chave e lei suprema de um teatro que exalta o não contingente, terá de sublimar e aniquilar.

Poder-se-á acusar António Pedro de haver insistido, através das falas do coro, no lugar-comum. Mas esse lugar-comum, tradução de uma sabedoria intemporal, funda, mas singela, é base, aqui intencional, da própria tragédia antiga — digamos simplesmente tragédia. Sómente, requeria esse lugar-comum uma dicção exemplar, que, é certo, lhe faltou, mau grado o bom nível da representação, tida em conta a inexperiência de muitos dos intérpretes. E a este propósito, novamente realçamos o valor da encenação — hoje entre nós menosprezada ou mal entendida — que António Pedro (ainda mais homem do palco do que criador, reabilita, apontando um dos caminhos primeiros para a existência de um válido e sério teatro português.

Tem a sua Antígona acaso limitações? Cremos que sim. Quanto mais rico de pensamento não é evidentemente o teatro, menos teatral, e no entanto mais comovente esteticamente, de um José Régio, com superiores qualidades de artista criador.

Embora! Deu-se no Teatro da Trindade, um passo em campo de luz. Graças a António Pedro. Que prossiga! E que seja ajudado.

«Uma gota de mel», de Léon Chancerel — irónica e patética fábula plástico-dramática em torno do absurdo da guerra —, deixou, em fecho de espectáculo, a todos ou quase todos os presentes uma inolvidável recordação de beleza, através de um expressionismo poético, essencialmente mímico, e ainda de uma astuciosa e extremamente atilada encenação.

Da interpretação, correcta e por vezes mesmo brilhante, mas com certos enganos e insuficiências.

AO MOTORISTA MERCEDES BENZ

que fez tracto dia 20 do Jardim do Tabaco à Travessa Fala-Só n.º 15, favor entregar em-brulho ficou porta-bagagens.

como é natural e compreensível, tratando-se de amadores, poverura cultos e sensíveis, mas sem experiência do tablado, há sobretudo a destacar, pela autoridade, pela vibração intensa, pelo acerto da declamação, João Guedes, no papel de Creonte. Também Jaime Valverde se afirmou cheio de qualidades na melindrosa e inteligente composição da figura de Tiresias, e Irez Palma, com uma formosa silhueta e um pequeno rosto de estátua altiva, se nos afigurou promissora. Para todos os outros, de resto, o nosso melhor estímulo e justo louvor: Vasco de Lima Couto, Fernando Teixeira, Egito Gonçalves, Carlos Jorge, José Pina, Dalila Rocha, Dulce Pessoa, Carlos Campos, José Alves, Baptista Fernandes, Rui Alardim e Fernanda Gonçalves.

Do Teatro Experimental do Porto há, felizmente, muito a esperar e, confiantes, esperaremos. Para além do que, no plano artístico, esta sua estreia significa, ela representa ainda, na vida, como conjugação de esforços e de sonhos, uma luminosa vitória do espírito. — U. T. R.

Manequim

estreia-se esta noite no Apolo

A companhia que tem á frente Maria Della Costa, apresenta esta noite, no Apolo, o segundo original brasileiro. Assina-o Henrique Pongetti, um nome muito aplaudido no Brasil. «Manequim» obra deliciosa e elegante, conta-nos a história de um lindo «modelo» que tenta fugir às garras de um milionário solteiro da alta sociedade carioca. Trata-se, pois, de um divertido espectáculo em que Maria Della Costa voltará a surgir linda e exibindo belíssimas «toilettes», numa verdadeira passagem de modelos. Secundando Maria Della Costa, veremos o galã Jardel Filho e, em papeis de grande responsabilidade, Edmundo Lopes e Serafim Gonzalez e ainda Carmen Silva e Diana Morell. Espectáculo dirigido por Sandro, terá início às 21 e 45, estando desde já marcada para sábado, às 16 horas, a primeira «matinée», a preços reduzidos.

(Ler mais noticiário teatral na 11.ª página)

**Estás a perceber, ou
queres que te explique?...**

A ALEGRE E POPULARÍSSIMA
REVISTA

JÁ CÁ CANTA!
com Aida Baptista

CLARISSE BELO, NANTILIA DE
OLIVEIRA, HELENA VIEIRA,
CAMILLO DE OLIVEIRA,
JOSÉ VIANA, OSCAR ACURSIÓ

E
Tristão da Silva

O MAGNÍFICO TRIUNFO DO

ABC

(Sociedade Artística)

Telef.

3 6 6 7 8 3

A's 20,45 e 22,45 h.

**Que foi um grande
êxito!**

TEATRO DE
REVISTA

A PREÇOS DE

CINEMA

Plateia DE 25\$00

A 12\$50

Balcão DE 15\$00

A 7\$00

E DA GRANDE

COMPANHIA

POPULAR

DE REVISTAS!

A TIPOIA

Restaurante Típico — Adultos

Sob a Direcção da Castiça cantadeira

ADELINA RAMOS

Manuel d'Almeida

AMANHÃ, SEXTA-FEIRA

grandiosa Festa de Homenagem ao estimado cantador, **MANUEL D'ALMEIDA**

NINA

ADULTOS

Apresenta em programa especial

UMA ATRACÇÃO PORTUGUESA

GENY e BEL-GUERRA

HOJE: — BAILE DE MÁSCARAS

MARIA VITÓRIA

EMP. «EUG. SALVADOR e RUI MARTINS»

SALVADOR

apresenta a vedeta da alegria

BEATRIZ COSTA

na sua melhor revista

TOCA A MÚSICA!

2 sessões às 20.30 e 22.45—Adultos

O Porto vibrou em ardente entusiasmo nas manifestações com que acompanhou a breve visita da rainha Isabel II

(Continuação da 1.ª pag.)

placção da segunda cidade do País sempre vibra e se emociona quando a querem honrar e distinguir. E essa nota baírrista, essa sensibilidade especial foi despertada pela presença de Isabel II, cuja visita, sumamente honrosa, encheu de orgulho toda a população—sem distinção de classes nem de credos políticos.

O tempo incerto, as dúvidas sobre a vinda da soberana, mais acicataram os Portuenses a verificar com os seus próprios olhos, que, efectivamente, tinham entré si a honrosa presença de Sua Majestade a rainha Isabel II de Inglaterra e do duque de Edimburgo.

E além disso o Porto o berço da maior e mais antiga colónia britânica em Portugal, que com a Inglaterra sempre manteve relações de intenso comércio e o seu grande embaixador—o vinho do Porto—granjeou na Grã-Bretanha invulgar prestígio. Daí, reivindicar o Porto para si o título de a mais anglofílica cidade portuguesa...

Por tudo isto, na sequência da jornada triunfal que hoje teve o seu termo, a visita de Isabel II e de seu marido a capital do Norte, se não se revestiu de pompas e de cerimónias de particular brilho oficial, foi caracterizada por uma espontânea eufória e simpatia da multidão, que deu assim a nota de profunda estima, e especial simpatia que o povo do Porto sente pela Inglaterra, pela sua gente e pela sua soberana.

O Porto veio para a rua

O Porto veio para a rua logo de manhã, dando à cidade um ar de festa, de movimento e de alegria. Ar de festa que vinha do povo em ordeira agitação, da curiosidade e ansiedade geral. Nos prédios e nas mãos de milhares de crianças viam-se bandeiras portuguesas e inglesas e nas montras dos estabelecimentos comerciais retratavam a rainha, do duque e do Presidente da República portuguesa. Mas era sem dúvida a multidão que dava ao percurso um aspecto grandioso, imponente, verdadeiramente impressionante. Das janelas e varandas pendiam colchas e ricas colgaduras e panejamentos com as cores britânicas e nacionais.

A chegada ao aeroporto de Pedras Rubras

Eram precisamente 11 e 50' quando, na linha do horizonte, se diviso a silhueta do avião que transportava Sua Majestade a rainha Isabel II e o duque de Edimburgo. A potente aeronave aproximou-se rapidamente da pista do aeroporto de Pedras Rubras perante o entusiasmo das numerosas pessoas que ali se encontravam. O «Viscount» deslizou suavemente até à aerogare.

Pouco depois, á porta do avião, surgiu a gentil figura de Isabel II de Inglaterra, irrompendo da multidão vibrantes aclamações, a que a soberana correspondeu com um sorriso de simpatia. Entretanto, a figura esguia e nobre do duque apparelhava. O régio casal desceu do aparelho e recebeu os cumprimentos do chefe do distrito, dr. Domingos Braga da Cruz; consul geral inglês, Alan David Francis; vice-consul inglês, Charles Reginald Girdwood, e respectivas esposas, e ainda do director do aeroporto, sr. Alexandre Negrão.

Por uma rica passadeira, Isabel e o duque encaminharam-se para o edifício do aeroporto, através de embandeiramentos com o «Jack» inglês e o galhardete nacional. Ao cimo do edifício do aeroporto via-se, em relevo, a palavra de saudação: «Wellcome». Nas portas, as armas inglesas e, no átrio, ladeado por graciosos ranchos de vianças, havia grandes jarrões de faiança portuguesa com ramagens e camélias.

No largo fronteiro ao edifício, vistosamente embandeirado, encontravam-se grupos de camponesas que saudaram, vibrantemente a soberana e seu marido.

Organizou-se, então o cortejo, constituído por oito automóveis, seguindo á frente o carro com a rainha e o duque, precedido de viaturas de segurança. No segundo automóvel iam a condessa de Leicester, lady Stirling e o governador civil do Porto, ocupando os restantes a

comitiva da rainha, entre a qual se contava o ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Selwyn Lloyd que, juntamente com a sr. de Braga da Cruz e o embaixador Stirling, ocupava o terceiro veículo.

A caminho da cidade

No meio de entusiásticas manifestações de simpatia, o pequeno cortejo pôs-se em marcha, saudado por crianças das escolas de Matosinhos que, em alas, se estendiam ao longo da estrada, agitando continuamente bandeiras. Viam-se também grupos de camponesas maias com os seus vestidos e coloridos trajes. Em vários pontos da estrada, sempre ladeada por muito povo que não se cansava de aplaudir a soberana, havia grandes zonas da faixa de rodagem juncadas de flores. E neste ambiente de grande entusiasmo e caloroso acolhimento, o cortejo penetrou na cidade pela Rua de Monte dos Burgos, seguindo pelas ruas do Carvalhido e da Prelada, Avenida da França e Praça Mousinho de Albuquerque, onde se aglomerava enorme multidão.

A medida que o cortejo se aproximava do centro da cidade, as manifestações populares ganhavam nova expressão e das janelas caíam continuamente sobre o carro que conduzia Isabel II e o duque, pétalas de flores, ouvindo-se vivas e aplausos permanentes. E, num ambiente de apoteose, o cortejo prosseguia em marcha lenta pela Rua da Boavista, onde as crianças do Hospital Maria Pia, instaladas numa tribuna, saudaram Sua Majestade, que procurava corresponder com acenos de simpatia, bem como seu marido, a tão triunfal recepção da gente do Porto. Os carros encaminharam-se pelas ruas Aníbal Cunha, Sacadura Cabral e Álvares Cunha, Rua da República, ruas Gonçalo Cristóvão e Sá da Bandeira, praças D. João I e Rodrigues Sampaio, Avenida dos Aliados e Praça da Liberdade. No coração da cidade, o espectáculo assumiu aspectos deslumbrantes pelo ambiente de verdadeira apoteose que envolveu o pequeno cortejo. Nos passeios, a multidão comprimida procurava por todos os meios testemunhar á rainha a sua simpatia enquanto das janelas não cessava também de cair flores.

O cortejo seguiu pela Avenida D. Afonso Henriques, a caminho do tabuleiro superior da Ponte de D. Luís, penetrando em Vila Nova de Gaia. A entrada da Avenida Marechal Carmona, via-se a coroa do Império Britânico sobre uma alfomada de veludo, enquanto ao longo daquela artéria se encontravam postadas as autoridades locais, crianças das escolas, ranchos representativos do folclore concelhio e muito povo. A marcha dos automóveis prosseguia pelas ruas Luís de Camões e General Torres, atravessando novamente a Ponte de D. Luís, desta vez pelo tabuleiro inferior. Após os típicos cais e praça da Ribeira, a rainha pôde observar mais de perto o rio Douro, onde dezenas de embarcações engalanadas silvavam continuamente em saudação aos ilustres visitantes. O cortejo deteve-se em frente ao Palácio da Bolsa, onde ia efectuar-se a recepção ao elemento oficial.

A recepção no Palácio da Bolsa

A Praça do Infante D. Henrique, repleta de gente, apresentava um aspecto imponente. A fachada do Palácio da Bolsa estava decorada com mastros brancos com a coroa inglesa a ouro, dos quais pendiam quatro grandes galhardetes, dois com a bandeira nacional e dois com a bandeira inglesa. A varanda estava decorada com franjamentos e sinete da rainha. Do alto destes encarnados no topo, abraçavam duas grandes bandas encarnadas, franjadas a ouro e no sopé da varanda pendiam franjamentos em azul.

Ao descer do seu automóvel a rainha Isabel II e o seu marido foram apresentados pelo chefe do distrito ao presidente da Associação Comercial, sr. António Calém, e restantes directores daquela agremiação. Sua Majestade subiu os degraus exteriores do edifício, a entrada do qual lhe foram apresentados o bispo do Porto, comandante da 1.ª Região Militar e esposa, presidente da Câmara do Porto e es-

posa, chefe do Departamento Marítimo, presidente do Tribunal da Relação do Porto, reitor da Universidade e esposa, presidente da Câmara Municipal de Gaia e esposa e presidente da Câmara Municipal de Matosinhos.

Encontravam-se também ali numerosos convidados, pessoas de representação e individualidades de destaque em todos os meios da cidade que davam ao ambiente uma nota de distinção.

A rainha foi então encaminhada através do átrio para o salão árabe, atravessando uma faixa central de sete metros, bordada por dois cantos floridos com cinerárias, ciclames e peribulas. Arbustos e variadas peças decoravam ricamente o interior do palácio. O salão árabe encontrava-se armado em sala de trono, vindo-se ao fundo, no estrado, duas cadeiras de magnífico estilo francês e um reposteiro de veludo carmesim, tendo no alto o símbolo real a ouro. Isabel II e o duque de Edimburgo ocuparam os lugares que lhes eram destinados, enquanto as autoridades civis e militares se conservavam respeitosa e de pé.

O sr. António Calém leu então as seguintes palavras de saudação:

«Majestade.—Esta velha e secular Casa, que desde 1834 recebeu os Reis e Presidentes de Portugal, acolhe hoje jubilosamente a excelsa Rainha da Grã-Bretanha e o seu augusto esposo, o Duque de Edimburgo.

Como Presidente da Associação Comercial do Porto, foi-me cometida a grande honra, que sobremaneira me desvanecce, de apresentar a Vossa Majestade as mais respeitadas saudações dos sócios deste organismo económico, ao qual pertence grande numero de subditos britânicos.

Na minha qualidade de portuense, sei que interpreto os sentimentos do laborioso povo desta cidade, o qual espontaneamente, e com o seu nunca desmentido entusiasmo, já manifestou o mais intenso júbilo pela real visita.

Permita-me, também, Vossa Majestade, que junte ás minhas palavras de boas-vindas os nossos sinceros agradecimentos pela elevada honra que dignou conceder-nos.

Ainda como Presidente desta centenária Associação, tão intimamente ligada ao comércio anglo-português desta praça do Porto—onde, a escassa distancia desta Casa, nasceu o inclito Infante D. Henrique, nobilíssimo filho de D. João I e da Rainha D. Filipa de Lancaster—agradeço a Deus o feliz ensejo que me foi proporcionado de desejar á grande nação, nossa mais antiga aliada, todas as prosperidades e a

sua insigne Soberana um longo e glorioso reinado».

A rainha Isabel pronunciou, depois, as seguintes palavras de agradecimento:

«Senhor Presidente: Agradeço as amáveis palavras de V. Ex.ª e a imponente recepção que foi oferecida a meu marido e a mim por esta Associação. Ao passar nas ruas desta cidade comoveu-me profundamente o caloroso acolhimento que nos foi dispensado pelos seus habitantes. Sempre tinha ouvido falar com elogio das belezas do Norte de Portugal e sinto-me feliz por ter tido esta oportunidade de visitar a vossa antiga e progressiva cidade, que como V. Ex.ª mencionou, sempre teve tantos e tão apertados laços com o meu país.

Agradecemos as boas-vindas que recebemos nesta casa e a generosa hospitalidade que permitiu não só aos vossos associados ingleses como a tantos outros Subditos Britânicos que aqui vivem poderem nesta ocasião reunir-se com V. Ex.ª e com as autoridades da cidade».

Finda a recepção, a rainha e seu marido, seguidos pela sua comitiva, directores da Associação, governador civil e presidente da Câmara, deixaram o salão nobre e, através das salas dos retratos, das assembleias gerais e da direcção, deram entrada no gabinete da presidência, decorado com magníficas telas de Marques de Oliveira, onde foi servida uma ligeira refeição. Estavam presentes, além dos régios visitantes, a condessa de Leicester, Mr. Stirling e esposa, o ministro Selwyn Lloyd, o presidente da Câmara do Porto e esposa e o sr. António Calém e esposa. Noutra sala foi também servido um lanche ás restantes individualidades portuguesas e inglesas.

Depois de terem assinado o «Livro de Honra» da Associação, a rainha e o duque passaram por uma das portas do gabinete da Presidência que abre para a grande balcão, dividido por altas colunas e ao centro do imponente edifício do Palácio da Bolsa. Uma vez ali, saudaram densa multidão que dispunha ao régio casal demorados e vibrantes aplausos, não se cansando de gritar pelos seus nomes.

A caminho da Feitoria

Seguidamente Isabel II e o duque de Edimburgo deixaram o edifício, passando pelas galerias e «hall» em direcção ao automóvel e sempre entre constantes manifestações o cortejo pôs-se de novo em marcha para a Feitoria da Associação Britânica, cuja existência data do século XVII. A soberana foi ali

recebida pelo presidente da direcção, Mr. Charles Guimarães e esposa, que estavam acompanhados dos directores da feitoria e respectivas esposas.

A soberana subiu pela escadaria nobre do belo edifício em estilo Renascença e entrou na sala de baile, onde se encontravam concentradas oitenta crianças da colónia inglesa do Porto. Adiantou-se então a mais jovem que entregou á soberana um lindíssimo ramo de flores.

A soberana assinou, depois, numa outra sala, um pergaminho identico a outros assinados por D. Pedro, duque de Bragança, pela rainha D. Maria e pelo rei D. Manuel.

A Rainha passou depois a uma outra sala onde se encontravam os membros da colónia britânica. A saída dá-se o facto que surpreendeu toda a gente. Sua majestade, que tinha ocupado um automóvel fechado, disse que era seu desejo seguir num carro aberto, pelo que, não havendo perto outro, passou para um carro de transporte de guardas da P. S. P.

A multidão, ao ver a soberana subir para o veículo surpreendida e, dominada a sua surpresa, aplaudiu electrizada, acenando-lhe com lenços.

Isabel II e o duque de Edimburgo procuravam corresponder ás aclamações, erguendo o braço e acenando continuamente.

O cortejo regressou a Pedras Rubras em ambiente verdadeiramente apoteótico, com a multidão comprimida ao longo do percurso. As aclamações atingiram o rubro e no ar estrepavam foguetes.

O cortejo passou pela Marginal, atravessou a Foz do Douro, sendo, então lançadas flores sobre o carro que transportava o régio casal, a caminho de Matosinhos. Aqui, a soberana foi alvo de novas e repetidas manifestações. As flores que choviam dentro do carro, eram de volvidas num gesto de alegria, pelo duque á multidão.

O cortejo passou ainda por Leça da Palmeira, entrando na estrada da Amorosa para, finalmente, atingir o aeroporto de Pedras Rubras.

Sua majestade, ao apressar-se, foi envolvida pelas capas dos estudantes que, precipitadamente, tentavam lançá-las ao chão e sobre as quais, por fim, passou a soberana.

A jovem Rainha e seu esposo, entraram na aerogare e dirigiram-se depois ao avião. Apresentaram-lhes cumprimentos de despedida, o chefe do distrito, o consul britânico no Porto, o comandante da I Região Militar e outras individualidades.

Sempre envoltos nas constantes aclamações do povo, que chegou a invadir a pista, Isabel de Inglaterra e o duque de Edimburgo subiram para o avião, de onde continuaram a agradecer as saudações entusiásticas.

Eram justamente 15 horas, quando o «Viscount» deslizou na pista e levantou voo em direcção a Londres.

Isabel, quando ia a caminho de Vila Nova de Gaia, ao atravessar a ponte de D. Luís, olhou o rio e perguntou ao motorista:

—E' o Douro?

—Sim, majestade, o do vinho do Porto!

Então, a Rainha mandou abrandar a marcha do automóvel e, com o duque, pôs-se a olhar os rabelos surtos no Douro.

Na «corbeille» de Isabel, foram hoje colocadas, além de outras prendas, as lembranças que o povo nortenho lhe ofereceu: muitos ramos de flores, entregues ao longo dos percursos de ida e volta das Pedras Rubras; uma boneca, oferecida por um casal, ao passar no Monte dos Burgos; e uma treineira em miniatura, oferta de um grupo de pescadores.

Sempre que, ao longo da estrada via um grupo de crianças, Isabel e seu marido, pensando talvez como pais, recomendavam ao motorista:

—Atenção, abrande a marcha!

A Rainha, antes de subir para o avião, entregou ao consul-geral a condecoração denominada «Mvo de 4.ª classe».



Milhares de pessoas nas ruas do percu juntaram-se para saudar a rainha da Inglaterra que hoje regressaram de Lisboa a Londres, com

(Continuação da 1.ª pág.)

os membros portugueses e ingleses da comitiva real.

As 10 horas, surgiu a Rainha, vestida de azul claro, com um chapéu da mesma cor e vermelho, luvas cinzentas, á direita do chefe do Estado.

O duque de Edimburgo vestia um fato castanho claro.

Nessa altura, a chuva tornou-se mais forte; mas as aclamações e os «vivas» á Rainha prosseguiram ininterruptamente, enquanto os corneteiros da guarda do Palácio tocavam a marcha de continência.

Pouco depois, com os soldados apresentando armas e no meio de toques militares e de «vivas», a Rainha e o duque embarcaram no seu carro que foi escoltado pelos esquadrões motorizados da G. N. R.

O general Craveiro Lopes e sua esposa acompanharam os soberanos até ao automóvel e regressaram ao

átio, onde se conservaram até á passagem do ultimo automóvel do cortejo real.

Adultos e crianças, depois de «vivas» á Rainha, entoaram em coro «A Portuguesa».

As 10 e 5, também vivamente aclamados e ao som de toques militares, o chefe do Estado e sua esposa retiraram para o Palácio Nacional de Belém, acompanhados dos elementos da Casa Militar da Presidência.

A saída de Isabel II e de seu marido compareceu no átrio todo o pessoal que lhes prestou serviço, incluindo o de cozinha que tinha á frente, com o seu traje branco profissional o cozinheiro do Palácio.

Desde o Palácio de Queluz até á Avenida do Aeroporto—com passagem pela Avenida Duarte Pacheco, pela Rua Joaquim António de Aguiar, pela Avenida D. Nuno Álvares Pereira, por S. Sebastião da Pedreira, pelas avenidas Luís Bivar,

Marquês de Tomar, Miguel Bombarda e da Republica, pelo Campo Grande, e pela Avenida do Brasil—

em toda a parte se viam centenas, milhares de pessoas e bandeiras portuguesas e inglesas.

Apesar da chuva, viam-se em muitas janelas, cheias de gente, toldos e colgaduras.



A chuva que caiu á hora do embarque não impediu que a multidão, sem arredar pé, permanecesse na desaparecer no horizonte

Fantasia celeste em honra de Isabel

Para despedida da rainha gentil que a rendeu ao seu sorriso—quanto basta para conseguir o amor do povo—Lisboa, a Lisboa da rua, teve ontem a sua noite de festa visual e de encontro á solta.

Noite de fogo de vista! Os bairros da beira rio vieram para a janela e os outros acudiram em massa á Rocha, a Santa Catarina, ou subiram ao alto das colinas, a favor da noite sem vento, macia, que se aliara aos pirotécnicos para que o espectáculo resultasse plenamente.

Como sempre nestes apertos, por entre a turbamulta caudalosa, que, no Jardim das Janelas Verdes, defronte do iate real, semi-oculto pela gare-marítima, arfava como um harmónio, suave e ao mesmo tempo galhofando, gritando, beliscando-se—multidão igual a todas as multidões—, houve cheliques, pisadelas, confusão, idílios a esboçarem-se, uma alegria contagiante.

Começou e acabou o fogo de artifício mais cedo do que muitos esperavam. Daí algumas desilusões. Mas não choram o tempo perdido os que assistiram á «fêrieis» desde o início e viram arder o céu numa febre de opalas, entre o estrondo dos morteiros, e pássaros de prata, irreais, abrirem as asas no espaço, lírios e narcisos ascendendo na noite arroxeadá, luazes de sarampo, vermelhos, e girândolas a crepitem, em doido volteio, sobre o rio.

As estrelas falsas desfaziem-se em lágrimas, choros piedosos que da abóbada celeste desciam lentamente, e lentamente feneçam em azul.

Quanta cor! Casamentos de púrpura viva e de água-marinha, pétalas esfolhando-se—e depois da morte logo a vida a renascer em cor!—, corolas de aurora desabrochando, e mais lírios de fogo, agora já lírios verdes, e tão depressa só pingos, ilusões, flores mal extintas, caindo no rio, estriando, boiando um instante na onda laurentia.

Um momento de grande entusiasmo na multidão. E o fogo preso, a soberba alegoria: acendem-se no espaço, rutilam, fosforescem, os escudos das duas nações amigas e aliadas, geometrias de luz, definidas formas aéreas, o inglês com os seus fulvos leões heráldicos, o de Portugal com as cinco quinas dos cinco reis mortos em Ourique vencidos ou das cinco chagas de Cristo.

E a magia continua. Um fumo leve espalha-se no firmamento violáceo e, fugindo, vagamente, vai confundir-se com as nuvens leitosas que principiavam a toldar a noite. Muge uma sireia. Sobre os mastros dos navios ancorados no porto, em volta do iate real, de onde a soberana de Inglaterra contempla o sortilégio, sobre as gruas, sobre os quindastes, sobre o rio salpicado de luzes, pedrarias tombam, esparsas, pequenas jóias lilases, esmeraldinas, cristais perdidos, que na água se sepultam em beijos de extrema-unição. Estralejam foguetes, rebentam sobre Lisboa, já mais fraca, mais pallidamente, os derradeiros cartuchos de alada fantasia, «bouquets» de violetas ainda nascem de invisíveis corbelhas, ainda na vastidão estremecem convulsões de cor. Por fim, uma varinha mágica vai apagando os ultimos sulcos de luz.

Durante mais de meia hora, no Jardim da Rocha, o povo aguarda que a rainha e o duque de Edimburgo saiam do «Britannia». Os automóveis, em baixo, então se movem e começam a formar pela Avenida da Índia. Há um sabor de fim em todas as bocas. Está prestes a terminar a visita real que durante três dias encantou e excitou e fez sair dos seus hábitos e até certo ponto comoveu e pôs um grão de sonho na vida do povo republicano desta cidade.

Lisboa foliona, Lisboa afinal tão pacata, recolhe a casa com sono e já com uma vaga nostalgia do sorriso fino e sereno e majestoso de Isabel, rainha de Inglaterra.



A rainha, junto de quem se vêem os ministros dos Negócios Estrangeiros e das Comunicações, dirige-se para o avião

Em muitos locais, formavam crianças das escolas que, á passagem do cortejo real, gritavam, á da com mais força, que os adultos —«Viva» a Rainha!

No final da Avenida do Aeroporto concentraram-se centenas de milhares de pessoas que se estenderam pela borda da pista, pelos passeios e pelos morros, sendo muitas as portadoras de bandeirinhas portuguesas e inglesas.

Quando, ás 11 horas, o «cruzado aéreo» da British European Airways, deslizou na pista, e, depois ás 11 e 13, ao ver-se a elegante aeronave levantar voo, a multidão não festou-se delirantemente. E a seguir pela Avenida do Aeroporto, desfilou durante perto de meia hora, gran parte do povo de Lisboa, satisfeitos por ter decorrido sempre triunfalmente e com a maior felicidade visita dos soberanos britânicos.

A chegada do cortejo ao aeroporto

Lisboa acenou o ultimo adeus Rainha, no aeroporto da Port

OIÇA HOJE, às 22^h e 15^m o programa «Inglaterra, Doce Inglaterra!», de Fernando Pessa, aos microfones de Rádio Renascença.

J. Moura
PORTUGAL

Welch and Sons, Ltd.
ENGLAND

A "SIM

Tem a honra de
tar e acelerar os serviços

ESTAÇÃO

na RUA D.

Reino e junto do aeroporto terra e o duque de Edimburgo breve passagem pelo Porto

Milhares de pessoas concentraram-se, desde muito cedo, ao longo da parte final do percurso. A rotunda



Imediações do aeroporto até o avião

do aeroporto transbordava de gente. Um mar inenso de cabeças co-
lhava os passeios e os morros que
ladeiam a avenida de acesso à Por-

A MAIS ANTIGA AGUARDENTE PORTUGUESA

Fine MACIEIRA

RUA IVENS, 47 • LISBOA • TEL. 24678



CA PORTUGUESA

comunicar aos seus estimados Clientes, que, para lhes facilitarmos a Assistência nos seus Carros, acaba de inaugurar uma outra

DE SERVIÇO "SIMCA"

ESTEFÂNIA, 13 — LISBOA — TELEFONE: 50855

tela e adensava-se no largo em que termina.

A chuva miúda, continuada, fria e irritante, não esmorece o entusiasmo geral. Todos esperam ansiosamente a chegada de Isabel II de Inglaterra e do duque de Edimburgo, para lhes exprimirem, uma vez mais, nos derradeiros momentos da sua estadia em Portugal, o respeito e carinho que o bom povo português lhes tributa. A multidão, compacta, espera.

O edifício do aeroporto é um cacho humano. As janelas regor-gitam. O terraço do bar não tinha um lugar vago. Na torre de comando e no telhado, uma boa centena de menos timoratos faz prodígios de equilíbrio para assegurar a posição estratégica que o destemor lhes proporcionou.

Contidos à distancia por filas de polícias, muitos populares estavam munidos de binóculos. Ninguém queria perder um pormenor que fosse. Por isso, apesar da chuva, poucas pessoas fizeram uso dos clássicos resguardos. E quando alguém tentava abrir um guarda-chuva, erguendo no ar o inestético cogumelo negro, ouvia-se logo um coro de protestos, impedindo que ele continuasse aberto e pudesse estragar a visibilidade.

Quando os dois batidores da P. V. T. chegam, precedendo o cortejo real, a multidão agita-se. Quando chegam os primeiros carros, que conduzem os componentes da comitiva real, uma onda de entusiasmo ameaça absorver os agentes da ordem. O entusiasmo é galvanizante.

As palmas e os vivas começam a ouvir-se quando o duque de Edimburgo salta ligeiro do automóvel. E ganham volume no momento em que Sua Majestade desce, serena e sorridente, aconchegando aos ombros a elegante estola de peles.

O casal real recebe os cumprimentos do subsecretário de Estado da Aeronáutica e dos generais Costa de Macedo e Venancio Deslandes.

No lado ocidental do largo, impecáveis, hirtos como estátuas — de tal forma que atraíram logo o olhar irrequieto do duque — os pára-quedistas portugueses formam a guarda de honra. À frente da formatura, destacada, entre uma escolta de oficiais, a bandeira nacional.

JOÍAS ANTIGAS E MODERNAS

compra cobrindo todas as ofertas

Ourivesaria Pimenta
RUA AUGUSTA, 253—TEL. 24564

cional inclina-se, em continência. A charanga faz soar clarins e rufa tambores. A jovem soberana e seu marido correspondem à continência da guarda de honra, parando por momentos, na sua frente.

O Sol, a medo, quer romper a neblina densa. A chuva deixou de cair.

A rainha Isabel, acompanhada de seu marido e do tenente-coronel Kaulza de Arriaga, dirige-se para um pequeno palanque e, dali, assiste ao desfile do batalhão de pára-quedistas. O povo continua a vitoriala. Ouvem-se vozes estridentes gritar «God save the Queen». As pequenas bandeiras de papel portuguesas e inglesas são uma mancha movediça de cor, erguidas no ar. Alguns lenços bran-

(Continua na página seguinte)

Um telegrama da rainha Isabel ao Presidente da Republica

De bordo do avião real, a rainha Isabel enviou ao sr. Presidente da Republica o seguinte telegrama:

«A nossa partida de Lisboa, esta manhã, eu e meu marido enviamos a Vossa Excelência e a senhora de Craveiro Lopes e ao povo de Portugal os mais calorosos e sinceros agradecimentos pela maravilhosa recepção com que nos acolheram e ainda pela gentileza e hospitalidade com que nos cativaram enquanto fomos vossos hóspedes.

Jamais esqueceremos os agradáveis dias que passámos na vossa bela capital e na nossa residência em Queluz.

Estamos particularmente felizes em ter observado muito das vossas províncias e das várias actividades do povo português.

Estou certa de que a nossa visita contribuirá ainda mais para estreitar os já antigos laços que existem entre nossos povos — os quais são tão importantes no Mundo de hoje.

PALAVRAS PARA QUE?

DENTES COMO ESTES SO' COM

PASTA MEDICINAL COUTO

CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

OURO, PRATA, JOIAS, RELÓGIOS E ANTIGUIDADES
NÃO COMPRE SEM VER O GRANDE SORTIDO DA
Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-A
Agência oficial — Omega e Tissot

CASA QUINTÃO

A Casa Quintão orgulha-se de ter colaborado nas decorações para receber a distinta visita de Sua Majestade a Rainha Isabel II. Alcatifou a Camara Municipal de Lisboa e o Bergantim Real. Alcatifou ainda várias residências particulares para receber distintas personalidades nacionais e estrangeiras. QUINTÃO é uma casa especializada em alcatifas e carpetes de todas as procedências. Aproveitem esta oportunidade para uma visita.

QUINTÃO — 30 Rua Ivens — Junto ao Chiado



No aeroporto, a guarda desfila perante a rainha e o duque, os quais, a seguir, se dirigem da pequena tribuna para a pista

ULTIMOS ECOS da reportagem em Lisboa

Nas oito salas da ala «Lanter-nim» do palácio de Queluz, no decorrer da recepção à colónia britânica, que terminaria com uma taça de espumante, depois de a soberana e o duque se ausentarem. Isabel de Inglaterra envolveu no seu sorriso de simpatia e na luz suave dos seus olhos azuis escuros todos os membros da colónia. Mas as suas preferências vão para os mais idosos — os mais antigos hóspedes de Portugal — alguns dos quais são missionários.

—Missionei quarenta e cinco anos em Angola, majestade!

A rainha suspende-se e procura na memória.

—Ah! Angola... onde apareceu recentemente petróleo?

E', ainda, nas salas da ala «Lanter-nim». O duque de Edimburgo, um rosto aberto, ri-se francamente.

—E' difícil a função de missionário, não é verdade?

—Muito, alteza!

—Por mim, encontrei na Nova Guiné sessenta religiões procurando o seu lugar...

E rindo-se:

—Entre tantos, como podem os indígenas escolher o caminho da civilização?

de Edimburgo. O jovem marinheiro consulta a cmenta e volta-se para

A pergunta é repetida ao criado de mesa. Um pouco de perturbação, pelo imprevisto. Chega uma lata de o mordomo:

—Não há sardinhas? sardinhas de conserva. Mas o duque abana a cabeça:

—Não, sardinhas frescas, assadas, á portuguesa...

Mas não havia sardinhas frescas para assar, á portuguesa. Não é o tempo delas.

Doze e cinquenta e cinco, doze e cinquenta e oito... Para os lados da Rocha do Conde de Óbidos havia ontem enorme nervosismo. Milhares de operários, no seu fado de ganga, acorreram para ver passar a rainha, a caminho do município. Irão partir para o trabalho, antes de poder ver o rosto calmo da soberana inglesa, símbolo de uma pátria onde o trabalho tem o sentido alto da dignidade?

Treze horas. As sereias apitam. O automóvel passa. E' o delírio. Isabel sorri e a massa azul dos fatos de ganga exulta. Dispersa, gritando, no cumulo do entusiasmo: —Viva a rainha de Inglaterra! E chegam todos a tempo ao relógio de ponto.

Quem olhasse hoje atentamente o rosto de Isabel II notar-lhe-ia um leve ar de cansaço. O programa dos actos oficiais é apertado. As vezes, detem-se ligeiramente, interrogando este, querendo saber daquele. Mas, mesmo assim, não cumpre os desejos que pusera á margem do programa oficial: uma visita ao Instituto Britânico, uma visita a Elizabeth School, de que é patrona, uma visita á sede dos Inglesinhos. Impossível. O tempo não é imenso. Não tem, pelo menos, a medida da energia e coragem da rainha.

Conversa de senhoras no «eléctrico»:

—Então quantas vezes a viu já?

—Eu já a vi quatro vezes.

E toda ela respirava um ar feliz, de pessoa reconciliada com a vida.

A despedida à rainha no aeroporto de Lisboa

(Continuação da página anterior)

cos acenam uma despedida amiga. Findo o desfile, a rainha desce do palanque e dirige-se para a entrada do aeroporto. O duque de Edimburgo segue-a, olhando a multidão com um sorriso aberto. Atrás das costas, longe das vistas de muitos, segura com ambas as mãos o chapéu de coco protocolar.

Ao fundo das escadas do portão principal, a rainha e o duque são cumprimentados pelo ministro das Comunicações e pelos directores do aeroporto.

Antes de entrarem no edifício, correspondem, com acenos largos, às manifestações da multidão.

Dentro do aeroporto

Após a breve cerimónia militar, que teve por cenário, aquele quadrado a sugerir os terreiros engalanados dos torneios medievais do tempo do rei Ricardo, a rainha Isabel encaminhou-se, graciosamente, no seu vestido azul, a cabeça aformoseada por um chapéu azul e vermelho, para a entrada principal da aerogare, acompanhada pelos srs. tenente-coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário de Estado da Aeronáutica, e generais Costa Macedo e Venancio Deslandes. A porta, aguardavam-na os srs. ministro das Comunicações, general Gomes de Araújo; o comandante Carlos Beja, director do aeroporto, e o dr. Carreiro de Freitas, chefe do Protocolo. Dentro do edifício, os srs. major Sérgio da Silva, sub-director do aeroporto; coronel Mário Cunha, comandante geral da Polícia de Segurança Pública; coronel Esmeraldo Carvalhal, do protocolo do Estado e capitão Neves Graça, director da Polícia Internacional e Defesa do Estado, que depois seguiria para a capital do Norte, em avião especial.

O edifício oferecia, no interior, um aspecto imponente. A Rainha e o duque sorriam e acenavam para a multidão. Ouvem-se as primeiras palmas e os primeiros «vivas», em português e inglês. Lá de fora, vinham ainda os «vivas» da multidão que se juntara nos passeios e nas encostas. A Rainha atravessa o «hall» de entrada da aerogare, por entre alas de povo. Há a emoção do último adeus de Lisboa à rainha de Inglaterra, na nossa primeira aerogare internacional. Por toda a parte, nas salas, nas escadas, nas galerias, nas varandas, nas janelas, nos balcões das companhias de aviação, há gente, muitas senhoras, raparigas dos liceus, das escolas, fardas do Exército, da Marinha e da Aviação, bandeiras portuguesas e inglesas, vazos de flores, plantas. Numa onda de entusiasmo a multidão irrompeu em aplausos logo que a Rainha entrou na aerogare.

A soberana sorri sempre e acena para os que a vitoriam. Entra na primeira sala onde se vêem algumas centenas de pessoas da colónia britânica em Portugal, representações do Conselho da Comunidade Britânica, do Instituto Britânico, do Hospital Inglês, do Colégio de S. Julião, do Clube Inglês, etc., que irrompem em aplausos não menos vibrantes à sua Rainha. Nas escadarias a multidão irrompeu, de novo, com aplausos, a que Isabel II correspondeu, com a sua simplicidade graciosa.

Os últimos cumprimentos

O duque de Edimburgo, de fato cinzento escuro, em cabelo, sorri também e troca algumas palavras com o subsecretário da Aeronáutica. Ouvem-se «vivas» ao duque, que ergue o braço para agradecer à multidão, agradecimento que desperta nova torrente de aplausos. No rosto da Rainha há emoção. As palmas e os «vivas» não param.

A soberana penetra no Salão de Honra, onde se encontram, à esquerda, os embaixadores de Inglaterra e lady Stirling; da União Sul-Africana e esposa; encarregado de Negócios do Canadá e esposa e ministro do Paquistão e esposa acompanhados de todo o pessoal superior das embaixadas; e à direita um numeroso grupo de convidados. Na galeria azul, engalanada com as bandeiras portuguesa e inglesa, encontram-se também alguns milhares de pessoas e crianças das escolas inglesas, com pequenas bandeiras portuguesas e inglesas. O salão tem um aspecto dos dias gran-

des e, na sala «grenat», decorada com mobília Luís XVI, «fauteuils» e sofás, e uma magnífica mesa de mogno, coberta por uma colcha de damasco vermelho, em cima da qual se vê uma jarra com goivos, lilazes, brancos, cravos cor-de-rosa e lírios roxos.

Nesta sala encontravam-se já os srs. prof. dr. Paulo Cunha, ministro dos Negócios Estrangeiros e esposa; embaixador Teotónio Pereira; dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa; general Valente de Carvalho, governador militar, e tenente-coronel Salvação Barreto, presidente do Município.

Em redor, vai um autêntico delírio de aclamações. As crianças cantam o «God save de Queen» e os portugueses exclamam: «Viva a Rainha!». As bandeirinhas agitadas pelas mãos das crianças chamam a atenção da Rainha, que lhes sorri, num gesto de simpático agradecimento.

Isabel II, parece ter sentido o grito soprado na distância do tempo pela voz dos séculos quando, depois de se despedir dos embaixadores da Comunidade Britânica, vê aproximar-se um grupo de quatro pequenas alunas do Liceu Maria Amália e uma delas, Maria Adelal-de Margarida Almeida Velho, de bata branca, levando nos braços um lindo ramo de tulipas vermelhas e falando em inglês, pede a honra de lhe oferecer as flores, preito das crianças estudantes portuguesas à excelsa senhora. A Rainha sorri, recebe as flores e agradece comovida, comoção que aumenta quando outro garoto, Jorge Pais da Cunha Freire, aluno do Liceu Camões, se adianta, rostosito muito pálido e, titubeando, nervoso e impaciente, oferece à Rainha um lindo ramo de orquídeas. Isabel II agradece de novo e estende a sua mão, que o pequeno aperta, perturbado. Os aplausos rompem, de novo.

A porta do salão, a Rainha e seu marido são recebidos pelo sr. prof. dr. Paulo Cunha, e pelas restantes individualidades, com as quais fica por momentos, e às quais se juntam o sr. duque de Palmela e sua esposa; o general Luís de Pina, o almirante Nuno de Brion e ainda os srs. ministro das Comunicações e subsecretário da Aeronáutica. Entretanto, a comiti-

va dirige-se ao avião, que se acha decorado. Na cabine especial da Rainha, há lindas flores portuguesas: rosas, cravos, lírios, lilazes.

A rainha agradece por intermédio da Imprensa, as flores que recebeu

Conversando com o almirante Nuno de Brion e com o general Pina, a Rainha pediu-lhes que transmitissem à Imprensa o desejo de que esta fosse intérprete junto do povo português, do seu vivo agradecimento pela oferta das flores que de toda a parte lhe chegaram a Queluz. Disse que levava consigo a lembrança do seu perfume e do que elas lhe significaram de simpatia. Por isso estava muito grata.

O sr. embaixador Pedro Teotónio Pereira teve a gentileza de nos dizer algumas palavras sobre a visita da rainha Isabel:

— Gostaria que os nossos amigos de Londres soubessem que S. M. a Rainha Isabel nos trouxe o Sol. Que o Sol soube receber S. M. com galhardia. O Sol português nunca faltou no momento próprio para receber a rainha Isabel.

Depois, a Rainha, a propósito do desfile, da guarda de honra, disse ao subsecretário da Aeronáutica, ter apreciado muito o aprumo dos soldados. Como tivesse começado a choviscar, sorriu, afirmando gostar da chuva. O subsecretário da Aeronáutica, comentou:

— É Portugal que está a chorar pela partida de Vossa Majestade!

A senhora de Paulo Cunha teve, também, palavras de muita simpatia para a Imprensa e declarou-nos que Portugal está de parabéns pela forma como o povo soube receber S. M. Exaltou a missão da Imprensa, tendo palavras de entusiasmo pelas reportagens publicadas, e afirmando, a concluir:

— Estamos todos de parabéns!

Na pista, junto da entrada da aerogare, já se encontrava o avião «Viscount», que conduzirá a rainha Isabel II ao Porto, pilotado pelo comandante Johnson. Nas varandas a multidão, apinhada, não arreda pé, mesmo sob a chuva que começa a cair.

Uma partida em apoteose

Dai a instantes, Isabel II, despe-



O ultimo adeus ao povo de Lisboa

de-se das entidades presentes, tem palavras de muita simpatia para os srs. duques de Palmela e, seguida do duque de Edimburgo, e acompanhada dos srs. ministros das Comunicações e dos Negócios Estrangeiros, e subsecretário da Aeronáutica, estende a mão graciosa, coberta por uma longa luva cinzenta, para a senhora de Paulo Cunha, a quem agradece, sensibilizada, assim como ao sr. comandante Carlos Beja, director do aeroporto. A Rainha atravessa o corredor que dá para a plataforma e atravessa-a por cima da passadeira vermelha e por entre o entusiasmo da multidão, que não cessa de dar palmas e «vivas».

Junto do avião «Viscount», despede-se, então, dos ministros portugueses e ainda e sempre, por entre palmas, sobe a escada, no cimo da

qual, se volta e, erguendo a mão se despede de Lisboa e do povo da capital, que redobra de aplausos. É uma apoteose. Depois, a porta fecha-se. Mas a multidão não arreda pé. São 11 horas. Ouve-se, o zumbido fino dos «turbo-propellers» do «Viscount». Dai a instantes, o aparelho rola na plataforma, sob uma chuva de aplausos, e vai colocar-se no enfiamento da pista. A chuva diminuiu e no céu as nuvens aclaram. O Sol quer romper teimosamente, para continuar a proporcionar a régia visitante, uma despedida iluminada — tão iluminada e brilhante como a recepção que teve no dia da sua chegada. Mas o Sol não rompeu ainda e o avião começa, como um meteoro, a rolar na pista; para se erguer nas alturas, como um pássaro, um pássaro todo brilhante, vivo, prateado, que parece significar, nesse instante, uma homenagem a Portugal e à sua capital, quando sobrevoa a zona do aeroporto e toma o rumo da capital do Norte.

A multidão começa a retirar-se, então, guardando nos olhos a última visão da figura simples e graciosa da rainha de Inglaterra.

Notas soltas de reportagem

O peso total da carga e bagagem dos dois aviões, um dos quais, com os restantes elementos da comitiva real, seguiu de Lisboa, depois da partida do avião real, foi de cerca de 5.000 quilos.

Devemos destacar que, tanto a direcção do aeroporto, como os serviços da Polícia de Segurança Pública e da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, foram solícitos para que os jornalistas, fotógrafos, operadores de cinema, locutores da rádio e operadores da televisão pudessem trabalhar em condições, à partida da rainha.

A torre de «controle» do Aeroporto de Lisboa, em nome de todos os oficiais de circulação aérea, saudou a Rainha Isabel e o duque de Edimburgo. O comandante do avião, capitão Johnson, respondeu, afirmando que ia assegurar-se de que essa mensagem fosse entregue à comitiva real para a transmitir a Sua Majestade.

A Rainha Isabel, durante o banquete de ontem no «Britannia», esteve a conversar por instantes com o sr. prof. Paulo Cunha, com sua esposa e com os membros da comitiva portuguesa, para os quais teve palavras de muita simpatia e apreço, distinguindo-os com pequenas e graciosas lembranças.

Para o Porto seguiu de manhã um avião da T. A. P., com 51 fotógrafos e jornalistas estrangeiros.

A bordo, além de biscoitos, chá e café, serviram-se durante o percurso, Lisboa-Porto, «Gin», «Champagne», «Sherry» e cigarros ingleses.



A rainha e o duque no aeroporto, acompanhados pelo ministro das Comunicações e subsecretário da Aeronáutica

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

«A Rainha morta», de Henry Montherland, em ensaios no Teatro D. Maria II, tem a seguinte distribuição: «Inês», Lourdes Norberto; «A Infanta», Carmen Dolores; «1.ª Dama», Luz Veloso; «2.ª Dama», Maria Corte Real; «3.ª Dama», Laura Fernandes; «O Rei», Erico Braga; «O Príncipe Pedro», José de Castro; «Egas Coelho», Rogério Paulo; «Alvaro Gonçalves», Luís Filipe; «D. Cristóvão», Manuel Correia; «O grande almirante», Paiva Raposo; «D. Eduardo», António Palma; «D. Manuel Ocaño», Carlos Wallenstein; «O Infante de Navarra», Varela Silva; «O capitão Batalha», Amaral; «O tenente Martins», Fernando Soares; «1.ª página», João Perry; «2.ª página», Carlos Avilez; «Um servidor», José Cardoso.

— No sábado, a companhia Rafael de Oliveira leva a cena, em Coimbra, a peça «O Prémio Nobel».

— O Orfeão Tomás Alcaide, de Estremoz, desloca-se no sábado a Vila Viçosa, onde vai realizar um espectáculo.

— O actor Octávio de Matos vai efectuar em Luanda dois espectáculos, seguindo depois para o Congo Belga, Rodésias e Moçambique.

— Os actores M. Santos Carvalho e Rui Metelo vão participar dos espectáculos de Carnaval, que se vão realizar no Cinema Oeiras.

— O Orfeão Académico de Coimbra realiza, no próximo sábado, um espectáculo em Ilhavo.

— Regressado do Sul de Angola, onde tem andado em digressão, encontra-se novamente em Luanda o artista Carlos Fernando.

— O artista Gabriel Infante, há anos radicado na Província de Angola, que tem percorrido em várias digressões, vai retirar-se da vida artística, após 40 anos de actividade contínua. Por esse motivo realiza no dia 28 uma festa de despedida no Nacional-Cine-Teatro de Luanda, para se dedicar futuramente a contratar artistas e organizar espectáculos em todo o Ultramar.

— Vindo de Barcelona e Paris, chegou já o empresário Mariano Monteiro, que visitou os principais circos daquelas cidades.

— A companhia do Teatro da Trindade deve reaparecer em Lisboa, com a peça «O landau de seis cavalos».

Mariana Vilar

uma das figuras em evidência na peça do Avenida

Continua em pleno triunfo a sensacional peça italiana «O palco da Trindade».

Reuniões científicas

Sociedade de Hidrologia Médica

Está marcada para depois de amanhã, às 21 e 30, na sede da Ordem dos Médicos, a segunda sessão promovida pela Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica. O sr. prof. Adelino Padescia, catedrático de Patologia Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, faz uma comunicação intitulada «As doenças ganglionares e a Estancia Hidro-Climática do Estoril» e o sr. dr. Carlos Botelho de Paiva, governador do distrito autónomo de Ponta Delgada, que patrocinou as Terceiras Jornadas Médico-Hidrologicas aos Açores, faz uma palestra evocativa a que deu o título «Recordando as 3.ªs Jornadas Médico-Hidrologicas a S. Miguel».

Sociedade de Dermatologia e Veneriologia

Também, depois de amanhã, pelas 10 e 30, se reúne na Clínica de Dermatologia do Hospital de Santa Maria, a Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Veneriologia com a seguinte ordem do dia: Instituição do Prémio Sá Pênela; «Acção epidemiológica na Tinha», pelo dr. Lemos Salta; e «Granulomas disformes», pelo dr. Norton Brandão.

Instituto de Oncologia

Esta noite, pelas 21 e 30, na sala de aula do Instituto Português de Oncologia, o sr. dr. Moradas Ferreira proferirá uma conferência, subordinada ao tema: «Perspectivas actuais da terapêutica dos tumores cerebrais». A entrada é livre.

Pensão Monumental

Magníficos aposentos.

Serviço de bom hotel.

R. da Glória, 21—Tel. P.B.X. 29807

vida», em cena no Avenida. Neste moderno espectáculo, colaboram o grande actor José Gamboa, na principal figura, a quem o publico dispensa os maiores aplausos; Beatriz de Almeida e Mário Santos. E, a par desses, alguns dos novos valores do nosso teatro, como Mariana Vilar, numa das suas melhores criações; Maria Laurete, Maria Pereira e Andrade e Silva.

Peça para rir

«Ela não gostava do criado...», próxima estreia no Variedades

A fim de proporcionar ao publico, durante o Carnaval, um espectáculo alegre e digno da quadra, a Empresa Artística de Espectáculos, Limitada, vai apresentar Vasco Santana num novo grande espectáculo com a desopilante e irresistível farsa «Ela não gostava do criado...», três actos de franca gargalhada, em que, além do querido comediante, intervêm também, interpretando os seus principais papéis, Irene Isidro, Costinha, Hortense Luz, M. Santos Carvalho, Carlos Alves, Henrique Santana, Luísa Durão, Maria Schulze, Fernando Gusmão e Maria Manuela.

O Grupo do Teatro Popular

vai representar em Moura

Depois de amanhã, e no domingo, o Grupo de Teatro Popular, que sob a direcção do crítico musical Humberto de Avila, com tanto êxito levou a cena a farsa de Robert Merle, «Sísifo e a Morte», desloca-se à vila alentejana de Moura, onde dará dois espectáculos com a mesma peça por iniciativa de um grupo de amigos do jornal «A Planície».

Completa os espectáculos uma parte de musica em que se farão ouvir a cantora Madalena Andersen e o pianista Vitor de Macedo Pinto.

O Grupo de Teatro Popular, que tem marcado um lugar especial, no nosso meio, pela sua acção cultural em que alia a dedicação pelo teatro ao gosto da musica, prepara, numa encenação de Humberto de Avila, a graciosa farsa de Nicolau Luis, «Os Maridos Peraltas e as Mulheres Sagazes», engraçada e típica peça do nosso teatro de cordel do século XVIII.

Primeiras exhibições

«A dama valente» no Odéon

A famosa Claudette Colbert reapareceu ao publico de Lisboa no filme que se estreou ontem no Odéon, intitulado «A dama valente», um interessante «western» que nos relata um episódio da época heroica e dramática dos pioneiros do rico Oeste americano. Barry Sullivan — outro veterano — mostra-se ainda suficientemente jovem para se fazer amar por Claudette Colbert, que se mantém muito fresca para a idade.

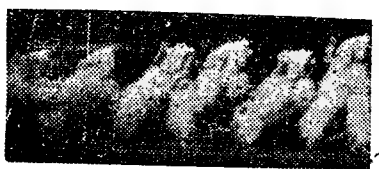
Outros bons actores completam o «cast» deste filme, rodado em superscópio e technicolor.

Os complementos são muito interessantes, particularmente uma fantasia de Walt Disney. — Visor 55.

Coliseu

O MAIOR FENÓMENO

do Mundo, esta noite, na nova e gigantesca companhia de circo do Coliseu. Dzenas de palhaços. A esfera de fogo. Trapezistas. Corridas de motocicleta



Espectáculo máximo de circo no Coliseu. Três horas maravilhosas de alegria, com super-atrácções emocionantes. Dzenas de palhaços. O maior fenómeno do Mundo em equilíbrio. Apoteose da «Troupe» Bellos, os mais fantásticos saltadores. A esfera de fogo. Corrida de motociclistas. Patinadores em vertigem, e muitos outros numeros formidáveis, como nunca se viam.

DESPORTOS

FUTEBOL

Jogos e árbitros das provas da Federação para o próximo domingo

1.ª DIVISÃO — Lusitano-Torriense, Mário Garcia (Aveiro); Barreirense-Académica, Raul Martins (Lisboa); V. Setubal-Benfica, Inocência Calabote (Evora); Oriental-Sporting, António Calheiros (Lisboa); Atlético-Sp. Covilhã, Abel da Costa (Porto); Belenenses-Porto, Paulo Oliveira (Santarém); Caldas-C. U. F., Manuel Lousada (Santarém).

2.ª DIVISÃO — Grupo Norte — Peniche-Gil Vicente, Virgílio Leitão (Lisboa); V. Guimarães-Tirsense, Prázeres Gomes (Viseu); Vianense-Salgueiros, Alvaro Rodrigues (Coimbra); Leixões-Boavista, João Vale (Braga); Chaves-Marinhense, Francisco Bastos (Porto); Sp. Espinho-Sp. Braga, Francisco Guerra (Porto); União Coimbra-Sa Joanense, Costa Martins (Porto).

Grupo Sul — Almada-Juventude, Alfredo Louro (Lisboa); Farense-S. L. Olivais, João Pimentel (Evora); Arroios-Coruchense, Libertino Domingues (Setubal); Beja-Portimonense, Manuel Barulho (Setubal); Os «Leões»-Portalegrense, Vitor Maximiano (Lisboa); Montijo-Olhaneense, Jaime Pires (Lisboa); Estoril Praia-União Sport, Isidro Fragoso (Santarém).

3.ª DIVISÃO — Régua-Bragança, Jaime Oliveira (Porto); Sp. Fafe-Limianos, Pereira da Silva (V. Real); Vila Real-F. C. Fafe, Alfredo Cruz (Porto); Leça-Académico Porto, Aniceto Nogueira (Porto); Beira Mar-Oliveirense, José Dias Mendes (Coimbra); Rio Ave-Peirão, Mário Costa (Braga); Lusitano Viladominhos-Unhais da Serra, Manuel Ramos Dias (Porto); Sp. Gouveia-Académico de Viseu, Lopes Gonçalves (C. Branco); Benfica e Castelo Branco-Mortágua, Anacleto Gomes (Lisboa); Marrazes-1.ª de Maio, Jaime Baptista (Lisboa); Norte e Soure-Ateneu de Leiria, Eduardo Peixinho (Aveiro); S. L. Marinha-Marialvas, Mário Costa (Lisboa); Benavente-Alhandra, Virgílio Baptista (Setubal); Torres Novas-Alcanenense, Mário Martins (Lisboa); Aguiar Vilafranquense-Ferrovários, Jacques Matias (Setubal); Sacavenense-Costa da Caparica, Samuel Abreu, (Santarém); Lusitano Sintrense, Dias Nunes (Faro); Cova da Piedade-Seixal, António Brinquinho (Lisboa); S. L. Evora-Estrela F. C., Diamantino Florêncio (Faro); S. C. Estrela-Campomaiorense, Luís Magalhães (Lisboa); Lusitano V. R.-Sambraense, Vaz Valente (Beja); Aljustrelense-Serpa, Encarnação Salgado (Setubal); Esperança-S. Domingos, Manuel Fortunato (Evora).

JUNIORES — Bragança-Maia, Silva Correia (Braga); Vila Real-Sp. Braga, Clemente Henriques (Porto); Salgueiros-Sp. Fafe, Eduardo Neves (Viseu); Beira Mar-Amarante, Alberto Honório (Coimbra); Os Dragões-Leça, Carlos Santos (Porto); Académico Viseu-Sp. Espinho, Correia da Costa (Porto); Académica de Coimbra-A. Marinhense, Pinto Ferreira (Porto); Peniche-União Coimbra, Décio de Freitas (Lisboa); S. C. Estrela-Académica de Santarém, Fernando Valério (Setubal); Os «Leões»-Sp. Covilhã, João Banheiro (Lisboa); C. U. F.-Benfica, Mário Mendonça (Evora); Atlético-V. Setubal, Francisco Guilomar (Beja); Oriental-Sporting, Macedo Pires (Lisboa); Belenenses-Barreirense, Pinto Coelho (Faro); Juventude-Olhaneense, Francisco Pacheco (Beja); Farense-Desportar, Lourenço Simões (Evora).

pinho, José Domingos Oliveira, do Rio Ave, Humberto Marques da Costa, Augusto Esteves Durand, Virtuoso Gonçalves Silva e João Maria Pires Paiva, todos do Torres Novas, e José Manuel Ferreira Nunes, do Alhandra; repressão por escrito a Julio da Costa Mesquita, do Leixões, Fernando Jorge Rafanão, do Sintrense, e António da Silva Rendeiro, do Cova da Piedade.

Resolveu, ainda, a comissão executiva da F. P. F.: chamar a atenção da Associação Naval 1.ª de Maio, por demora na entrada em campo no início do jogo e multar o massagista do Leça F. C., por injúrias ao árbitro, em 250\$00.

A equipa do Honved dissolve-se

CARACAS, 21. — Desolados por deixarem nesta cidade os seus camaradas que ainda não tomaram uma decisão quanto ao futuro, dez membros da equipa do Honved e o seu director, Emil Oesterreicher, partiram esta manhã de avião para Viena, onde resolverão o caminho a seguir.

Ficaram em Caracas, Farago, Dudas, Rakosi, Banyai, Kotasz, Boszik e Budai. Esperam obter vistos de entrada noutros países. A despedida, Oesterreicher declarou: «Assim, a equipa do Honved é dissolvida. Os jogadores aceitarão propostas em qualquer parte do Mundo», acrescentando que ele mesmo seguirá provavelmente para o Brasil, para fechar um contrato com o Flamengo. — (F. P.).

A selecção da Espanha fez um treino

contra uma equipa alemã

MADRI, 21. — A selecção espanhola de futebol venceu, num encontro de treino, por 3-1, a equipa alemã de Stutegard, depois desta estar a ganhar por 1-0 no final da 1.ª parte. No 2.º tempo, a equipa espanhola jogou melhor e fez os três golos, destacando-se Di Stefano, Garay, Herrera, Mateos e Gento. — (Efe).

O ESTÁGIO

da selecção militar de futebol

A selecção militar de futebol que regressou a Lisboa na passada terça-feira não treinou durante esta semana, mas entrará em estágio na próxima segunda-feira até à data da celebração do encontro da 2.ª mão.

JOSÉ PEDRO

impedido de alinhar durante três semanas

O jogador José Pedro, da selecção militar de futebol, vítima de acidente no jogo de Paris, após ter sido radiografado e observado pelos serviços médicos respectivos, foi dado por incapaz para o jogo durante três semanas. Foi-lhe aplicado no joelho um aparelho de gesso. Também o jogador Paulino, da selecção militar, se encontra na mesma situação, isto é, com aparelho de gesso no pé direito.

GOLFE

O Clube do Estoril venceu o Oporto Club

No Estoril, o Clube de Golfe do Estoril venceu o Oporto Golf Club, por 10,5 pontos contra 1,5, no encontro disputado ontem.

Individualmente, classificou-se em 1.º lugar, no torneio feminino, Vera Nobre da Costa, seguida de Janet Cloud, Salette de Melo, Angela Ward, Betty Casey, M. Smith, Vanda Rosa, baronesa Confaloniere, Clara Hamburger, Amélia Lara, Josefina O'Neill, Mirian Velge, Christina Rydin, Flora Stafford, Mónica Rankin, M. Wanequez, Betty Boringham, Laura Parra e condessa de Seisal.

CAMPISMO

Um passeio pedestre do Clube de Campismo

O Clube de Campismo de Lisboa realiza no próximo dia 24, um passeio pedestre, visitando Queluz, Vale da Serra da Carquejeira, Vale de Lobos e Rinchoa.

A concentração realiza-se no piso superior da estação do Rossio, pelas 8 e 15 horas.

HÓQUEI EM PATINS

Taça de Honra

Começa amanhã no ringue do Parque Mayer, a fase de apuramento da Taça de Honra que está a despertar entre os adeptos da modalidade vivo interesse.

Realizam-se, em primeira reunião, três jogos de resultados difíceis de prognosticar.

A's 21 e 15: Clube de Futebol de Benfica-Grupo Desportivo da C. U. F. Trata-se de dois grupos de bom nível técnico, tendo o primeiro, além disso, tradições na modalidade de que desejará reafirmar na presente época.

A's 22 e 10: Mundet-Sporting de Torres. O clube da margem esquerda do Tejo, mais experimentado nestas andanças, terá de lutar com a vontade e entusiasmo que os Torrienses habitualmente põem na peleja.

A's 23 e 15: Académica da Amadora-Sporting Clube de Portugal. Os «leões», que decerto contarão com o forte apoio da sua massa associativa, pretenderão vincar a sua presença nesta prova. A Académica que tem sido um viveiro de bons patinadores não se perturbará com a deserção de alguns elementos e deverá querer passar à fase seguinte.

Se sucedesse a passagem do Sporting à 2.ª fase muito valorizada ficaria a prova, e até a própria modalidade.

No intervalo do 2.º para o 3.º jogo exibir-se-á em patinagem artística uma jovem patinadora.

PUGILISMO

Um campeão japonês

TOQUIO, 20. — O campeão japonês de pesos mínimos Masaji Iwamoto fez «match» nulo com Hitoshi Misako, no combate de pugilismo efectuado ontem à noite, nesta capital. Misako é actualmente o quarto classificado na lista mundial da sua categoria. — (A. N. I.).

Concurso de médicos

para o I. A. N. T.

Foi publicada a lista dos candidatos classificados no concurso documental para admissão de médicos que pretendem frequentar os estágios de aperfeiçoamento para clínicos (estagiários) para os estabelecimentos das zonas Sul, Norte e Centro do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

ANO ESCOLAR

No próximo sábado, na Escola Técnica Elemental Francisco de Arunda, a seguir à décima quinta sessão cinematográfica da série «Educação Visual das Ciências», narrará o conto semanal o escritor Breda Simões.

A ESPANHA

e o mercado comum

VALENCIA, 21 — O director do Instituto de Economia, Cano Denia, referindo-se ao mercado comum europeu, disse que Espanha não pode estar ausente desse organismo visto encontrar-se ligada à zona económica europeia, como importadora e exportadora, nem poder aceitar um isolamento económico, que seria absurdo. — (Efe).

DE LUTO

D. Berta Cerqueira Gomes Braga

BRAGA, 20. — Constituiu expressiva manifestação de pesar o funeral realizado esta manhã de D. Berta Cerqueira Gomes Braga, de 56 anos, viúva do tenente Mário Braga, falecido em Africa. Era irmã dos drs. Augusto e Manuel Cerqueira Gomes. Foi uma das fundadoras do Asilo Maternal da Mãe de Deus para as mães solteiras e dedicou-se ainda a diversas outras instituições de beneficência.

SUFRÁGIOS

Eng.º Artur do Canto Resende

Um grupo de engenheiros geógrafos manda celebrar depois de amanhã, dia 23, pelas 9 e 30, na igreja dos Mártires, missa de sufrágio por alma do consócio, engenheiro geógrafo Artur do Canto Resende, herói e mártir da Pátria em Timor, durante a última guerra.

O homem que um simples rato — o «Mickey Mouse» — tornou milionário tem uma carreira alucinante. Quem diria que o rapazinho franzino que aos nove anos vendia jornais para ganhar a vida, havia de se tornar mundialmente célebre, com os seus geniais desenhos animados? Autêntico feiticeiro da arte, o seu poder criador atinge os paroxismos da fantasia. Espanta-se como do cérebro de um homem po- atingir semelhante altitude.

* * *

Certo dia, um escritor inglês, admirador incondicional de Disney, perguntou-lhe como podia chegar a tais subtilezas. Ele respondeu, com o seu eterno sorriso de bom humor:

— Eu faço os desenhos apenas para me divertir. Depois vêm os professores e explicam o que eles querem dizer, inclusive a mim mesmo...

* * *

Aos 15 anos vendia laranjas nos comboios da linha Chicago-Kansas e foi carteiro, mas como a sua aparência de jovem o prejudicava nos empregos, caracterizou-se com rugas e um bigode postiço, ficando assim com o aspecto de um homem idoso! Portanto, já aos 15 anos a sua tendência era para a fantasia. E tentou o teatro, mas a



Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

XXVIII — WALT DISNEY

sua imitação de Charlot pouco lhe rendeu. A bengala, o bigodinho e o coco só se celebrizaram no corpo de Charles Chaplin, outro gigante do «écran».

* * *

E então, lembrou-se do curso de desenho que tirou na Academia das Belas-Artes de Chicago e empregou-se numa agência de anúncios ilustrados. Desenhava, nessa altura, uma galinha monumental, pondo dezenas de ovos, depois de comerem determinado alimento. Ganhava 50 dólares por mês.

* * *

A grande guerra de 1914 incendiava a Europa. A América interviém. Aos 16 anos, Walt Disney parte para França como condutor de ambulâncias. E desenha nos veículos figuras tão extravagantes que os soldados franceses riem-se,

dizendo: «Estes Americanos, não têm o juízo todo!»

* * *

Terminada a guerra, Walt regressa à sua terra e ensaia os primeiros desenhos animados. Cria um escritório de reduzido pessoal: ele, um irmão e uma jovem que escreve a máquina e faz as limpezas da casa. Mas Walt precisa de mais uma empregada. E a jovem fala a uma amiga dizendo: «Tenho um emprego para ti, mas tu comprometes-te a não seduzires o patrão, porque eu já o namoro». Esta rapariga seria mais tarde Lilian Disney, a mulher do incomparável cineasta.

* * *

A história do futuro «Rato Mickey» é engraçada. Um ratinho aparecia a brincar no escritório e a comer as migalhas que lhe deixavam. Disney, pacientemente, con-

seguiu que ele trepasse tranquilamente à sua secretária e a deixar-se fechar numa das suas gavetas. Os primeiros filmes de «Mickey Mouse» apareceram quando ainda não havia cinema sonoro. O filme marcou uma época. Dentro de um ano, o estúdio de Walt Disney tinha doze edifícios.

* * *

Nenhum homem falou melhor ao coração das crianças do que Disney com as suas historietas fantásticas. Entretanto, com sinceridade ou não, ele diz ignorar a psicologia infantil e acrescenta que faz os seus desenhos para ele próprio se divertir. E explica: «Procuro falar à alma das crianças que desejam pensar que são adultos, e aos adultos que se comprazem em se sentir que são de novo crianças».

* * *

Disney, que presenteou a infância de todo o Mundo com a sua admirável «Branca de Neve», construiu uma cidade de sonho, a pequena distância de Hollywood. Gastou 40.000 contos, transformando em realidade a maior ilusão da sua vida.

Ao inaugurar a sua policroma cidade, o criador do «Bambi» convidou seu pai a visitá-la. O distante vendedor de jornais de Chicago é

hoje um dos homens mais ricos da América, riqueza feita por mérito próprio. O velho Disney olhou, entre maravilhado e absorto a obra do filho, sem que nada grandemente o impressionasse. E por fim, considerando aquele magnífico conjunto arquitectónico, interrogou: — Mas ouve lá, Walt, eu não percebo que diabo de utilidade pode ter tudo isto?

A fortuna do criador do «Rato Mickey» avoluma-se. A sua glória já não pode subir mais alto. Em 55 anos da vida e no campo da arte, poucos se poderão orgulhar de atingir semelhante altitude.

L. R.

Uma conferência sobre as quatro rainhas de Inglaterra

No próximo sábado, às 20 e 30, no Restaurante Alvalade, durante a reunião comemorativa do 52.º aniversário do Rotary Internacional e do 31.º aniversário do Rotary Clube de Lisboa, e com a assistência dos embaixadores dos Estados Unidos da América e do Brasil e de suas esposas, o professor António Maria Godinho realizará uma conferência, intitulada «Rainha de Inglaterra», em que se ocupará das figuras e das acções das quatro soberanas que cingiram a coroa britânica: Isabel I, Ana, Vitória e Isabel II.

A partir de
1 de MARÇO

A PAN AMERICAN oferece

VOOS SEM ESCALA LISBOA - NOVA YORK

nos mais rápidos e modernos aviões do mundo



CLIPPERS "SUPER-7"



O mais rápido e confortável
SERVIÇO TURÍSTICO
e de
PRIMEIRA CLASSE
directo para os ESTADOS UNIDOS

"O Oceano Atlântico, com os Super-7, parece um pequeno mar."



A Pan American põe assim ao serviço de Portugal os mais modernos quadrimotores intercontinentais, os de maior velocidade e maior autonomia de voo que atravessam o Oceano Atlântico.

A Pan American World Airways é a única linha aérea que possui o fantástico recorde de mais de 60.000 viagens transatlânticas.

Os seus passageiros "sentem", em cada voo, que viajam com a linha Aérea de maior Experiência no Mundo.

Dirija-se ao seu AGENTE DE VIAGENS
ou à Pan American World Airways, Inc.,
Praça dos Restauradores, 46 — Lisboa
TELEFONE: P.P.A. 32181 (6 linhas)

PAA

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ 19 ANOS
PAN AMERICAN

"Nunca na minha vida viajei com tanto conforto!"



WHITE STAR
ANTI-MAGNÉTICO
GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES

O RELÓGIO DAS HORAS EXACTAS

Prédio

Por 450 contos, na Amadora, isento, boa construção, bons acabamentos, 6 inquil., rende 34.560\$00.

Vende

PREDIAL RUICAR

R. de St.ª Marta, 27 g-1.º

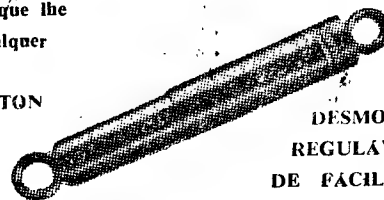
Telef. 732662

Em VENDAS NOVAS o «Diário de Lisboa» encontra-se à venda na casa José Inácio Simões Junior.

NEWTON

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON



DESMONTÁVEIS
REGULÁVEIS
DE FÁCIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

Representante:

AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

POUPAR A SAUDE?

O tabajismo ou pe se azul?

Como um bombeiro voluntário, sempre pronto a valer ao seu semelhante, venho disposto a acudir também ao fogo que, lenta e insidiosamente, está intoxicando tanta criatura desprevenida, que fuma apenas porque julga tratar-se de um vício inocente e não sabe bem o que está a fazer. Repito por outras palavras: só pode fumar quem não conhece o assunto.

O médico espanhol dr. Serrano Piqueras iniciou há anos uma campanha contra o tabajismo. A sua tese fora «O tabaco e o organismo». Mas ainda caiu na tolice de fumar, até que, aos trinta e tantos anos, teve uma angina de peito, o que o levou a pôr o tabaco de parte e a resolver estudar o assunto, como mais ninguém até hoje tinha feito.

Agora, depois de ter estudado um avultado numero de obras, quase todas de médicos ilustres de todo o Mundo, publicou o livro «Tabajismo ou peste azul». E' costume dos autores que tratam destes assuntos, publicar a bibliografia de que se utilizaram no seu estudo. E' uma coleção de 386 generalidades; os mais antigos, sobre generalidades, datam do século XVII, logo em seguida á introdução do uso do tabaco, que os navegadores trouxeram, copiando os hábitos dos selvagens do Peru. Estes ainda tinham a desculpa de conservarem por esse processo o lume, como alguns negros de Africa conseguem, marchando com um tico a arder; mas quem usa fósforos para acender o lume sempre que seja necessário, já não tem a desculpa que os selvagens tinham.

Depois de citar 38 obras sobre o tabaco como planta venenosa e a sua história, termina com a de Charlet: «A inutilidade do tabaco». Seguem-se as restantes 348 que tratam do aspecto médico, onde encontramos as do célebre autor da «Psicologia das multidões», o grande Gustav le Bon, que publicou: «O fumo do tabaco», «Sobre a natureza e a quantidade dos princípios activos do fumo do tabaco absorvidos pelos fumadores e seus efeitos sobre o organismo» e «A vida fisiológica humana aplicada á higiene e á Medicina».

Percorrendo os títulos dessas obras, encontramos como mais impressionantes: «O monóxido de carbono no sangue dos fumadores», «O que deve saber-se do cancro», «Do cigarro ao cancro», «Unidade cancerígena dos alcatrões dos diversos tipos de tabaco», «O tabaco como cancerígeno», e «Leucoplasia experimental produzida pela tabaco», todas do médico argentino Roffo, publicadas de 1930 a 1938 e a que Piqueras se refere bastantes vezes na sua obra.

Depois temos: «Os perigos do tabaco», «O cancro da língua», «O cancro da laringe», «A caquexia do fumador», «Por que é que um médico deixa de fumar», «Efeitos do tabaco sobre a inteligência e em particular sobre a memória e o cérebro», «A morte pelo tabaco», «Papel do tabaco sobre o coração», «As mulheres que fumam», «Angina do peito tabáquica», «O estomago dos fumadores».

Vem agora outra série pavorosa: «O tabaco e a tísica», «Péssimo efeito do tabaco nos tuberculosos», «O

tabaco e a tísica pulmonar», «A tísica pulmonar com o sindroma respiratório dos fumadores», «Pesquisas experimentais sobre a intoxicação pelo tabaco», «A função genital e o tabaco na mulher», «Pesquisas sobre a influência da intoxicação tabáquica sobre a gestação», «A gravidez e o aborto nas mulheres empregadas na manufactura do tabaco», «A influência do tabaco sobre a gravidez e a saúde dos recém-nascidos», «Pesquisas sobre o efeito dos cigarros fumados pela mãe sobre o coração do feto».

Se chega a ser um crime um homem fumar, crime contra a sua saúde e a dos circunstantes que obriga a respirar o ar envenenado pelo fumo do seu cigarro; como se poderia classificar o acto de mãe que fuma, se ela soubesse o que está a fazer?

Mas temos ainda: «A acção do tabaco sobre o sangue», «Caso de surdez nos grandes fumadores», «O papel do tabajismo como agente de agravamento da surdez», «O tabaco e o absinto. Sua influência sobre a saúde publica, a ordem moral e social», «Não fumeis», de Roux, «O homem estulto», de Richet, «O fumo venenoso», «Viva são e feliz», «Como prolongar a juventude e a vida», «O alcool e o tabaco», «Não fumadores e atmosfera de fumo de tabaco», «A alegria de viver» e «O segredo do êxito».

Eis em que se baseou o autor, além de todas as outras obras que faltam para 386, para escrever o seu precioso livro, em que nos diz que «oferece ao publico este novo trabalho, profusamente ilustrado para sua maior compreensão, e documentado com os ultimos e muito interessantes conhecimentos que o progresso científico trouxe consigo e que, unidos á sua longa experiência de mais de 50 anos de prática profissional, o autoriza a chamar a atenção sobre assunto de tanta transcendência para a saúde publica, de todos os higienistas do Mundo, pois não consegue explicar como podem permanecer indiferentes ante esta verdadeira praga social do Tabajismo, que, como causa predisponente ou determinante, é responsável, sem que haja lugar a duvidas, pela enorme percentagem com que os infelizes e desgraçados tabacómanos contribuem para a enfermidade, a velhice e as mortes prematuras; como podem apreciar os seus amáveis leitores pelo texto deste modesto escrito, que tem a honra de oferecer-lhes, confiado no seu amor compreensivo, que saberá desculpar-lhe qualquer expressão que se tenha permitido, no bom desejo que o inspira e o anima a contribuir para maior benefício do seu querido proximo».

Traz este livro, além de 33 gravuras, fotografias a cores da orelha dum coelho roída por um cancro, por se lhe ter aplicado alcatrão de tabaco, e uma outra dos pés dum fumador atacado por tromboflebitis, riosclerose obliterante com gangrena dos dedos dos pés, de origem tabáquica, a que já me referi no primeiro artigo.

Não vou evidentemente traduzir-vos uma obra de 379 páginas. Limitar-me-ei a mostrar-vos alguns pontos mais interessantes e que provam o grande erro que representa o fumar. Alguns, cegos e moucos durante muitos anos, terminam por abandonar o cigarro, apenas quando o médico, já alarmado, quase a perder o cliente, lhes diz que de maneira nenhuma podem continuar a fumar. Mas já é bastante tarde.

E' que raramente aprendemos pelos olhos ou pelos ouvidos, mas somente pelo nariz, quando se dá com ele numa parede: até lá vamos dizendo sempre: não me cheira.

O fumador é uma criatura que se ilude facilmente a si própria. Alguns chegam a puxar por um cigarro quando estão a tossir, dizendo: «Enquanto não fumo, é isto». Como se o cigarro não fosse o unico causador. Chama-se, a isso, argumentar de pernas para o ar.

Outros fumam para poder trabalhar ou estudar, dizem eles, sem perceberem que o tabaco lhes entorpece as ideias. Também aqueles, que estão muito satisfeitos, porque presentemente fumam menos, o autor explica-lhes que os cinco cigarros que fumam agora, lhes estão fazendo tanto ou mais mal do que lhes faziam os vinte ou trinta que fumavam antigamente. E o fumador deixa-se iludir tanto, que chega a supor que o tabaco lhe não faz mal... mesmo quando já sabe que

faz mal aos outros. E' o cumulo da ilusão!

Deixem-se por conseguinte le subterfugios e desculpas, e convençam-se de que o unico sistema a abandonar por completo o tabaco, mas sujeitando-se, como Piqueras aconselha, a um regime de leite, que é próprio para os envenenados. E o fumador é um envenenado.

«Com o fumo do cigarro, o fumador aspira monóxido de carbono, principalmente quando fuma vertiginosamente, como fazem as pessoas nervosas e os grandes fumadores. Esse veneno é o mais directamente responsável pela anemia dos fumadores, pela amnésia, as cefalalgias, o sono fatigante, a ambliopia crepuscular (escurecimento da visão), as vertigens, a sensação de opressão e fadiga; estados de fadiga que se experimentam nas excursões a grandes alturas».

Vem a propósito contar que esse neozelandês, Hilary, que subiu ao Everest, conforme seu pai mostrou numa entrevista, pôde realizar a sua façanha porque não fuma. E esta explicação vem confirmada no livro do dr. Piqueras, porque mostra que, experimentalmente, se verificou que esses transtornos se dão a uma altura de 5.000 metros: fumando apenas um cigarro, e que, não fumando, se não dão antes de 6.000 metros. O fumar, pois, precipita a fadiga e é uma séria dificuldade para as grandes ascensões. Também acrescenta que os aviadores, pela sua própria vida e pela dos viajantes que conduzem, não podem, e principalmente não devem ser fumadores.

Diz o professor Macfaden: «Se um animal está exposto, durante uma hora, a uma atmosfera que contenha indícios de monóxido de carbono, o sangue, no fim desse tempo, contém mais de 150 vezes de monóxido de carbono do que aquele que existe na atmosfera que está respirando», visto que se vai acumulando.

«O fumador, especialmente o que inspira o fumo, está por conseguinte, pouco a pouco mas seguramente, suicidando-se. O homem que morre na idade de 40 a 50 anos de alguma enfermidade provocada, quando poderia viver até mais tarde, suicidou-se tão verdadeiramente como aquele que abre a torneira do gás».

Diz o dr. Rofo que a combustão

OFICIAL ESPANHOL

desaparecido num avião a jacto

VALENCIA, 21 — Um avião a jacto, da base de Manises, pilotado pelo tenente-coronel Ripollés, precipitou-se no mar, a 40 milhas da costa de Sagunto, e desapareceu.

O desastre ocorreu nas mesmas condições em que, há dias, perdeu a vida o tenente-coronel Juan Frutos e pela mesma causa: explosão na cabina, certamente por defeito de construção. — (Efe).

NOVO ACORDO

comercial luso-italiano

ROMA, 21 — Foi assinado, nesta capital, um novo acordo comercial entre a Itália e Portugal.

Este acordo, que substitui o de Julho de 1945, refere-se, nomeadamente, á revisão das listas dos contingentes e dos produtos de livre exportação. — (F. P.).

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL Gravador — R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

CARPETES - TAPETES

ALCATIFAS - PASSADEIRAS

compre uma boa qualidade na

Sociedade de Tapetarias Lda.

Rua Augusta, 126-130

de um quilo de tabaco produz, conforme a qualidade, 50 a 120 centímetros cúbicos de alcatrão cancerígeno. E' este alcatrão que produz os cancros nas vias respiratórias e digestivas nos fumadores. Tudo depende da maneira de fumar e do organismo. Mas não é só o fumador a vítima destes venenos; o incauto está intoxicando todas as pessoas que obriga a respirar o fumo do seu cigarro.

Para mostrar quanto é venenoso o tabaco, cita a morte dum jovem depois de fumar os dois primeiros cachimbos; a de dois irmãos que, por uma aposta, fumaram 17 e 18 cachimbos seguidos. Um rapaz de 17 anos morreu durante a noite, porque no seu quarto tinham estado a fumar um tio e dois amigos.

Os casos de morte em crianças, a que se aplicaram cataplasmas, pomadas e clisteres de tabaco, são inúmeros. Chapuis refere a de um pequeno, falecido, ao fim de três dias, duma aplicação de suco de tabaco numa ulceração da cabeça. Cita-se também o caso do envenenamento agudo, pela imprudente aplicação de um unguento, feito com tabaco, pela rainha Catarina de Médicis, que custou a vida do seu filho, o jovem rei Francisco II.

«A lista de crianças e pessoas de idade, mortas por clisteres de tabaco, é interminável, pois as mães aplicavam-nos rotinariamente e por sua conta, para libertar os pequenos das lombrigas, sem outro resultado pratico que o de exterminar mais crianças que bichas».

Beuchard refere o caso de um cultivador que tinha o hábito de fumar quatro vezes por dia. Numa ocasião em que se achava aborrecido fumou 28 vezes, morrendo em poucas horas, com todos os sintomas de envenenamento pelo tabaco.

Contrabandistas, que têm procurado passar folhas de tabaco em volta do corpo, têm sofrido intoxicação aguda. O dr. Garcia Sala, médico do Serviço Nacional de Espanha, diz: «Está demonstrado que a atmosfera das fábricas de tabaco determina efeitos lamentáveis nas mulheres grávidas e nas que amamentam; facilmente abortam e são más mães; os seus filhos debilitam-se rapidamente».

Basta o cheiro! Com que inconsciência tantos fumam, em casa, ao lado da mulher e dos filhos!

O autor termina apresentando a curiosa experiência, feita por Burrier, bem demonstrativa da grande toxicidade do tabaco. Submeteu á fumaça prolongada com fumo de tabaco uma porção de carne cortada em pedaços; deu-a a cães, sendo recusada por todos eles. Por fim conseguiu fazê-la ingerir, por um mais esfomeado, misturando-a com pão. O infeliz animal morreu em menos de uma hora, com os sintomas do envenenamento pelo tabaco; a autópsia mostrou os intestinos inflamados e com manchas negras.

«Esta curiosa experiência demonstra bem claramente que, como regra de higiene, deve proibir-se rigorosamente fumar em todos os estabelecimentos em que se armazenem ou vendam produtos alimentícios». E' vulgar vermos muita gente em volta duma mesa, cheia de bolos e doces, e alguns cavalheiros deixando fumo para cima deles. Que mostra isto, senão a mais completa ignorância?

E por que não deixar de fumar em toda a parte? O dr. João de Vite, no seu livro «O tabaco, seus maus efeitos na saúde e nas faculdades intelectuais e morais», conta: «Agora, porém, quatro ou mais meses passaram sem que o sujeito desta observação tenha fumado e, com o sorriso nos lábios, podemos assegurar ao médico, o eu não-fumador, que houve uma mudança tão completa nas nossas funções digestivas, nas nossas forças musculares e até no nosso carácter, dantes irritável e agora mais tranquilo, que, pensando nos maus momentos que dantes nos dava o tabaco e no bem-estar que presentemente experimentamos, temos vergonha de ter sido tão débeis. tão descuidados com a nossa saúde, que diariamente prejudicávamos com o tolo prazer de queimar tabaco na boca».

O dr. Ortega admite o tabaco como causa desencadeante das úlceras do estomago e gastroduodenais. Os males continuam nos intestinos, no fígado, no bazo, no pâncreas; acrescentando o autor que, nos diabéticos fumadores que abandonam este nocivo hábito, baixa imediatamente a percentagem de açúcar e

experimentam notáveis e persistentes melhoras.

Em novo capítulo, «O tabajismo no aparelho respiratório», trata dos inconvenientes para as fossas nasais e para a laringe, dizendo que outro sintoma é a tosse laringea, com má sensação de ardor, que frequentemente assalta os fumadores e que, atribuída por eles a qualquer outra causa, acalma fumando um cigarro durante o acesso. «Efectivamente, a acção narcótica do tabaco é um imediato remédio neste caso; porém tenhamos em conta que é a sua causa produtora e que, continuando esta, a tosse será cada dia mais frequente e pertinaz, até ao ponto em que podemos afirmar: fumar e não tossir, não é possível. De forma que o unico meio de fazer desaparecer a tosse, em prazo breve é deixar de fumar».

E' o caso do embriagado, que sente sede e pretende matá-la, bebendo mais vinho.

«Contudo o fumador, nem a esta nem a outras moléstias dá a menor importância e, satisfeito com a perda do timbre natural da sua voz que, quanto mais grossa mais a considera de maior homem, e com os frequentes ataques de tosse que facilmente acalma com o fumo do outro cigarro, continua tranqüilo e satisfeito, fumando tanto quanto pode aguentar, até que um dia nota certa afonia que, se por momentos melhora, não só não desaparece como vai aumentando progressivamente; então, já um pouco preocupado, por notar, além disso, certa dificuldade na respiração, vai ao médico e encontra-se com a triste surpresa de que se formou um tumorzinho que há que operar imediatamente, com perda da laringe, se é que, com risco de tão grave operação, quer salvar a vida. Assim surpreende o infeliz e confiado fumador o cancro da laringe, dos quais, quase todos, para não dizer todos e deixar lugar á excepção, só aparecem em fumadores. Então, queridos fumadores, há que deixar de fumar, se querem evitar este tão perigoso risco de adquirir um cancro na laringe e por conseguinte o da gravíssima operação da extirpação de tão precioso órgão da fala e da voz natural, para viver sempre respirando pela ferida, como se pode apreciar em quatro fotografias que apresento de fumadores com um buraco na garganta».

Trata em seguida dos bronquitos e pulmões, mostrando que o fumador é um candidato á tuberculose pulmonar. Refere-se á bronquite crónica, produzida ou mantida pelo hábito do tabaco, que, diz ele, «também padeci em grau superlativo e de que, passados muitos anos a não fumar, conservo contudo alguns vestígios como recordação do maldito vício».

Acrescenta: «Todas as pessoas deviam ver os pulmões nos cadáveres destes fumadores que aspiram o fumo e ficariam surpreendidas e admiradas de como se pode viver com tão delicados órgãos completamente bloqueados e enegrecidos pela impregnação, na sua finíssima e maravilhosa teia, dos sujos e deletérios resíduos do fumo, que com tanta paixão ingerem».

Como se pode viver, não: como se mataram.

Marca que marca
GRANDELITE



Rosé

A ELITE DO VINHO
DE MESA QUE A

Bi-centenária

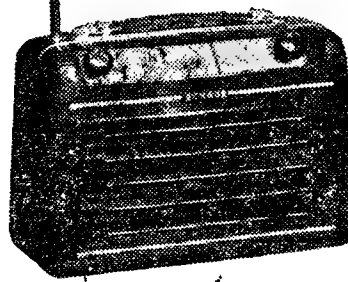
Real Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

Apresentou e Triunfou

SCHAUB
AMIGO 55

O portátil de pilhas e todas as correntes para o campo, praia e lar, o amigo de todas as horas



ESC. 2.370\$00

COM SCHAU não se

ouve telefonia

ouve-se PURA MELODIA

As actividades do falso marquês que está a responder em Veneza como implicado no caso Montesi

VENEZA, 21. — No julgamento do processo Montesi, o dia de hoje foi capital para Ugo Montagna. O tribunal ouviu o general dos Carabinieri Umberto Pompei, homem de elevada estatura, forte, bem fardado. Foi encarregado, em 21 de Novembro de 1953, pelo ministro do Interior, Fanfani, de fazer um inquérito aos antecedentes e actividades do «Marquês». No banco dos réus, Ugo Montagna, que regressou, hoje, de Roma expressamente, não perdeu uma palavra do depoimento de um dos seus principais acusadores.

Pompei, que ao tempo era coronel, relatou o encontro com Anna

Homenagem na Academia à memória do prof. Azevedo Neves

Sob a presidência do sr. prof. Reinaldo dos Santos, reuniu-se esta tarde, às 14 e 30, na Academia das Ciências, a classe de ciências. O sr. prof. Costa Sacadura fez uma conferência sobre «Azevedo Neves e o Instituto de Medicina Legal de Lisboa», em que traçou o elogio deste cientista. O sr. prof. Costa Sacadura referiu os altos cargos que Azevedo Neves ocupou: a presidência da Academia e a da classe de Ciências; as pastas do ministro do Comércio e de subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros; a direcção da Faculdade de Medicina de Lisboa; a cátedra de Medicina Legal desta casa de ensino; a reitoria da Universidade Técnica; a pasta da Instrução Pública; e muitos outros. O conferente acentuou o grande brilho com que Azevedo Neves se desempenhou de todas estas missões, as suas primorosas qualidades, os seus êxitos como estadista, literato e cientista, em que soube sempre prestigiar o País. A sua paixão—afirmou o prof. Costa Sacadura—era a Medicina Legal. E terminou, por afirmar:

—Entre as suas obras avulta o Instituto de Medicina Legal, que ele sonhou, criou, fundou e elevou a um alto nível internacional, merecendo do seu entusiasmo, saber e sólida cultura e por isso é de justiça que a par do Instituto Superior de Higiene Ricardo Jorge, Instituto Bacteriológico Camara Pestana, Instituto de Oftalmologia Gama Pinto, Maternidade Alfredo da Costa, na fronteira do grande edifício da Rua Manuel Bento de Sousa, em letras de bronze se possa ler: Instituto de Medicina Legal Azevedo Neves.

A classe de Ciências apolou esta proposta.

O Barreiro inaugura o serviço de transportes colectivos

BARREIRO, 21.—(Pelo telefone) —E' na próxima segunda-feira que a vila do Barreiro vai ter os cinco primeiros autocarros para transporte colectivo de passageiros, carros que em relação aos de Lisboa, Porto e Coimbra, apresentam algumas inovações, pois dispõem de portas automáticas que abrem e fecham por simples pressão de um botão junto do motorista; de uma campainha de impulso e de luzes que, á noite, se acendem quando se abrem as portas e iluminam os degraus. A sua capacidade é de 53 lugares, sendo 36 sentados e 17 em pé.

De princípio, haverá apenas duas carreiras numa extensão de 10 quilómetros através da vila. Os percursos demorarão cerca de meia hora em cada sentido, o que assegurará uma boa frequência nos transportes, que começarão às 5 e 35 e terminarão pela 1 e 55 do dia seguinte.

Trata-se dum importante melhoramento que muito vai beneficiar a população e que há alguns meses estava a ser esperado.

Maria Caglio, que se refugiara num convento. Não quis tomar nota das suas declarações — afirmou, — pois «falava como mulher ciumenta, como alguém a quem tivessem cortado os víveres» (sic).

Em menos de um mês, o investigador apresentou ao ministro do Interior um retrato completo de Montagna: homem que usurpou o título de marquês, que está implicado em diferentes tráfico de influência e em toda a espécie de especulações. Durante a guerra, teve até que ajustar contas com a Polícia, relativamente a certas orgias organizadas no seu domicílio.

Declarou a testemunha: — «Antes de entrar em pormenores, disse ao ministro do Interior: Montagna está no fulcro de uma actividade suspeita. Se escalvararmos em redor, poremos a descoberto nomes muito importantes».

Interviu o presidente do Tribunal: — «E qual foi a resposta do ministro?»

A testemunha: — «Vá para a frente e já! Os que estiverem de boa fé em tudo isto serão poupados. Os outros deverão pagar».

Passado pouco tempo, porém, Fanfani deixava de ser ministro do Interior.

Disse ainda Pompei que Montagna era amigo íntimo do chefe da Segurança, Tomaso Pavone, que o recebeu por diversas vezes, com Anna Maria Caglio, em 1953, quando ainda era prefeito de Milão. A seguir, foi chamado a depor, como testemunha, o coronel Zinza. — (F. P.).

O centenário do nascimento de Baden Powell

Comemora-se, amanhã, em todo o Mundo, o centenário do nascimento de lord Baden Powell, fundador do Escutismo. Os escutistas portugueses associam-se às comemorações com vários actos, dos quais sobressai depois de amanhã, uma sessão solene no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, sob a presidência do subsecretário da Educação Nacional, dr. Baltazar Rebelo de Sousa, sendo conferente o dr. Vasco Taborda Ferreira e usando também da palavra D. Paulo de Lencastre e o comandante Tenreiro. A Orquestra Sinfónica Nacional dará um concerto, o poeta Miguel Trigueiros recitará uma poesia e os escuteiros representarão a peça «Gota de Mel», é entoarão canções. No dia seguinte, 24, às 10 horas, far-se-á uma concentração de todas as unidades escutistas de Lisboa, na Praça do Império, seguindo-se ao desfile missa nos Jerónimos, onde será celebrante e faz uma alocução o sr. cardeal-patriarca.

As comemorações, que se efectuarão em todas as regiões escutistas, serão acompanhadas de palestras radiofónicas na Emissora Nacional, Rádio Renascença, Voz de Lisboa e Rádio Ribatejo.

Uma biografia de Baden Powell será brevemente publicada e distribuída quando da XII Conferência Internacional dos Dirigentes do Escutismo Católico, que reúne em Portugal no próximo mês de Junho, e em Agosto, um numeroso contingente do Escutismo Português irá a Londres tomar parte nas comemorações internacionais.

Prisão de um homem suspeito da morte do «Buxo de Mesteirinhos»

VISEU, 21 (Pelo telefone) — Continua ainda por descobrir o autor do crime de que foi vítima o «Buxo de Mesteirinhos», Joaquim de Almeida, de 60 anos, viúvo, o qual tinha bastante clientela entre as pessoas que se deixam seduzir por credências. Os investigadores desde do dia 10 de Janeiro, data em que ocorreu o crime — e ao caso nos temos referido — não se têm poupado a esforços para descobrir o autor do crime. Têm-se feito várias detenções mas, até agora, nada se apurou. Hoje, porém, foi detido por suspeita o trabalhador rural António Pais Mendes, viúvo, de 43 anos, natural e residente em Tibaldinho. Vai ser submetido a aturada interrogatório.

EM 3 LINHAS

Foram introduzidas certas alterações no mapa das directivas monetárias para o comércio externo, a que se refere a declaração inserta no «Diário do Governo» n.º 105, de 24 de Maio de 1956.

Foi dada nova redacção ao artigo 6.º do decreto-lei referente á organização da corporação dos oficiais da Armada, na parte relativa á admissão até cinco sacerdotes da religião católica, a fim de assegurar a assistência moral e religiosa ao respectivo pessoal.

Está aberto concurso para provimento de lugares de engenheiros electrotécnicos de 3.ª classe do quadro do pessoal dos serviços técnicos da Emissora Nacional de Radiodifusão.

A lista definitiva dos candidatos ao concurso para arquitectos de 3.ª classe do quadro da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização veio hoje no «Diário do Governo».

Fica submetida ao regime florestal de simples polícia a propriedade denominada «Herde das Caneiras», na freguesia de Odivelas, no concelho de Ferreira do Alentejo.

A Camara Municipal do Cartaxo obteve uma comparticipação de 676 contos para a electrificação da freguesia de Valada.

Foi nomeado representante da Direcção-Geral dos Serviços Industriais na comissão encarregada de estudar e elaborar o projecto de regulamento de produção e comércio dos insecticidas, fungicidas e outros antiparasitários o engenheiro químico Adalberto de Campos Brito.

Foi outorgada á Companhia Eléctrica das Beiras, com sede em Coimbra, e provisoriamente na Lousã, a concessão do aproveitamento hidroeléctrico, na Central de Santa Luzia, da energia das águas dos rios Ceira e Ceiroco e das ribeiras da Castanheira e do Tojo, nas freguesias de Fajão e Unhais-o-Velho, no concelho de Pampilhosa da Serra.

Os componentes da mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia do concelho da Murtosa pediram a demissão dos seus cargos.



Duas imagens da Nazaré, colhidas durante a exibição de ontem para a rainha Isabel: a Nazaré mais verdadeira e dramática, com os pescadores no quotidiano labor de consertar caladamente as suas redes; e a Nazaré festiva e alegre, nos seus trajos típicos dos dias de exibição da sua graça imperecível

O gesto tradicional e gentil dos estudantes de Coimbra para com a rainha e o duque é celebrado na imprensa britânica

LONDRES, 21 — As fotografias e os títulos de hoje na grande imprensa britânica são eloquentes testemunho de que Isabel II foi recebida em Portugal não como simples soberana de uma nação amiga e aliada, mas, sim, como embaixatriz da amizade secular que une os povos de duas das mais velhas nações do Mundo.

Depois das reportagens das várias cerimónias oficiais na capital portuguesa, os jornais ocupam as principais colunas das suas edições desta manhã com flagrantes episódios ocorridos durante a visita de ontem a Nazaré, Alcobaca, Batalha e Vila Franca de Xira, onde a rainha e o duque de Edimburgo tiveram ensejo de verificar que a tradicional hospitalidade portuguesa não se confina aos aglomerados citadinos, como o demonstraram as populações de vilas e aldeias.

Para os enviados especiais e os correspondentes da imprensa britânica, um dos episódios que melhor caracterizou a espontaneidade das manifestações populares que Isabel e o duque presenciaram durante a sua visita a Portugal, foi quando os estudantes da Universidade de Coimbra estenderam as suas capas, para que os régios visitantes as utilizassem como «simples passadeiras».

Descrevendo a visita da rainha a Alcobaca, o «Times» escreve: «Em Alcobaca, onde o Presidente Craveiro Lopes aguardava a chegada de Isabel II, os estudantes da Universidade de Coimbra, rapazes e raparigas, estenderam no chão as suas capas, para o régio par passar sobre elas. A soberana e o duque riram-se e hesitaram, por momentos, mas perante a entusiástica insistência dos estudantes, caminharão sobre as capas».

Na primeira página, o «Daily Telegraph» insere, sob o título, «A rainha regressa hoje, depois de breve visita ao Porto», desenvolvendo a reportagem das várias cerimónias do programa de ontem, e, nas páginas interiores publica diversas gravuras, incluindo uma de grande formato, na qual aparece o «pormenor das capas dos estudantes de Coimbra». Numa extensa crónica sobre a visita a Alcobaca, Nazaré, Batalha e Vila Franca, o «Daily Telegraph» relata as homenagens que a rainha e o duque de Edimburgo receberam, ontem, das populações rurais, afirmando num título bem sugestivo: «Os aldeões envergaram os seus trajes de festa para receber a rainha—Pares dançam e dão as boas-vindas ao longo de 300 quilómetros de estrada».

O vibrante espectáculo na campina ribatejana

Referindo-se aos festejos de Vila Franca de Xira, em honra de Isabel II, o «Daily Telegraph» afirma que a rainha se mostrou «surpreendida e deliciada» pelo colorido de uma das tradicionais festas da vida rural portuguesa, e salienta que a aglomeração de automóveis foi tão grande, que até a Polícia de Transito se viu em embargos para impedir engarrafamentos de tráfego.

O «Daily Mail» ostenta, na primeira página, uma flagrante reportagem das «cenas emocionantes» da aparição de gado bravo e da competência dos campinos. Numa fotografia vê-se a rainha, no pavilhão improvisado para servir de tribuna, a assistir á passagem dos campinhos á desfilada, com os seus campinhos em riste.

O «Daily Herald» utiliza para tópicos da sua reportagem o «pormenor» das capas dos estudantes de Coimbra.

Nas colunas do «News Chronicle» descrevem-se algumas das cenas mais emocionantes dos festejos de Vila Franca, em que os campinos puseram á prova a sua coragem e perícia, ao lidarem com manadas de gado bravo, mas a reportagem fotográfica prende-se com a entusiástica recepção dos estudantes de Coimbra que obrigaram a rainha e o duque a passarem sobre as suas capas negras.

O «Daily Sketch» insere várias gravuras, com alguns dos mais flagrantes aspectos dos festejos em honra da rainha, na campina de Vila Franca, e também uma referente a «o caso das capas dos estudantes».

O «Daily Mirror» insere uma enorme fotografia, á largura de seis colunas, com a legenda: «Capas estendidas para a rainha passar», e descreve, a seguir, como os estudantes insistiram, entusiasticamente, com a soberana e o duque de Edimburgo, para que utilizassem as suas capas como «simples passadeiras».

Sob um título que domina a sua primeira página, o mesmo jornal salienta, também, o extraordinário entusiasmo com que foi acolhida em Vila Franca de Xira a rainha Isabel na festa organizada em sua honra pelos lavradores do Ribatejo e do Alentejo. — (A. N. I.).

Amigos de Lisboa

No colóquio lisiponense que hoje, á noite, se efectua nos «Amigos de Lisboa», os srs. prof. dr. Costa Sacadura, Mário Costa e Mário Sande Freire, falarão, respectivamente, sobre «Mais duas primeiras pedras para grandes monumentos que não chegaram á superfície da terra», «O Palácio do Loreto», e «História do Correio, sua introdução em Portugal e seu progresso». A sessão começa ás 21 e 30.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registradas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 14,2; mínima, 9,3. No mesmo dia do ano passado: máxima, 12; mínima, 5,6.

—Temperaturas observadas hoje, ás 9 horas, no Estoril: na atmosfera, 13,9; na água do mar, 13,5.

Pequenas notícias

PELA POLÍCIA

MAIS UM PROCESSO — A Polícia Judiciária concluiu um processo em que Laura Alves, que também usa o nome de Laura Alves de Carvalho, viuva, de 37 anos, e se encontra a cumprir pena na cadeia em Tires, é arguida de ter furtado na casa onde estava hospedada objectos de uso no valor de 2.000\$00, parte dos quais empenhou.

FURTO DE REVISTAS E ESPUMANTE — Foi enviado ao Tribunal da Boa Hora o processo em que João Manuel Fernandes Lourenço é acusado de ter entrado numa arrecadação do «chalet» Guilhermina, na Rua Conde Mause, 4, no Monte Estoril, pertencente ao sr. eng. António Silveira Bual, de onde furtou revistas e garrafas de espumante, que despachou depois para Lisboa pelo caminho de ferro, onde ainda foi apreendido um caixote. Algumas garrafas do espumante conseguiu o arguido vender.

ESCRITORIO ASSALTADO — Queixou-se à P. S. P., o sócio gerente da Sociedade Bronzelux, com sede na Praça da Alegria, 29, de que os gatinhos, uma noite destas, entraram ali, por meio de arrombamento, e levaram duas máquinas de escrever, no valor de 8.422\$00, e ainda 1.500\$ em dinheiro.

ASSEMBLEIAS GERAIS

O Centro Espanhol eligeu novos corpos gerentes. Os srs. Gregório Penhalva Oliva e Manuel Lopez Sousa são, respectivamente, o presidente, e o vice-presidente da direcção.

TOMBOLA DANÇANTE

Na Casa de Trás-os-Monte e Alto Douro, haverá no sábado, às 21 e 30, uma tombola dançante, com distribuição de licenças «Ancora».

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um travessão de medalhas e galões de metal amarelo de oficial superior do Exército; uma bolsa de cabedal contendo um rosário; duas alcofas, contendo facas; uma camisola de lã azul; uma quantidade de dinheiro; duas sombrinhas; uma corda de pita; uma porta-moedas com duas pequenas chaves; uma moleta de porta de automóvel; um cachecol de lã; a chapa de inscrição CI-13-00; um chapéu de plástico cinzento; um mostruário, contendo 15 amostras de estores metálicos; uma bomba de ar, de bicicleta; uma pasta com fecho de correr, contendo livros, cadernos de apontamentos e algumas cartas, em nome de José Tavares Sequeira; uma pasta de cabedal, contendo louça e quatro laranjas; um sapatinho de criança; um tampão de depósito de gasolina, de automóvel; três pares de óculos graduados; sete luvas desmanhadas; diversas argolas com chaves e chaves desmanhadas; uma mala de camurça, com o bilhete de identidade de Delmira Garcia Biforinha; os bilhetes de identidade de Judite Vieira Sarabua, António Fialho Carapinha, Orlando Augusto da Silva, Mário William Magalhães Valdez e Maria Helena Vilhena Precatada; diversos documentos em nome de Joaquim José Ferreira Silva e de Maria Gisela Ferreira Silva; e um selo de 20\$00, dos Combatentes da Grande Guerra.

Também se encontram no Sindicato dos Motoristas os objectos seguintes: três chapéus de chuva; uma sombrinha; uma capa de plástico, cinzenta; e uma mala de mão, de plástico, com as iniciais T. A. P., contendo roupas.

SOB O SIGNO DE GUTTENBERG

O amigo n.º 1 dos livros

fala-nos do seu sacerdócio

por CORREIA DA COSTA

Deram-se nos últimos lustros alguns factos muito simples, quase anónimos, mas de flagrantes consequências. Foram eles nada mais do que o desaparecimento de um leilão publico ou almoeda de duzentas bibliotecas particulares pertencentes a coleccionadores, alguns mais anónimos e outros a individualidades de alto quilate no mundo das letras, da cultura e da sociedade.

Não deve ser difícil para qualquer dos nossos leitores avaliar os cuidados, as canseiras, os esforços e os sacrifícios para a existência de uma biblioteca particular. Cada volume, cada obra, tem a sua história, ligando-se a outros actos de uma permanência no tempo e no espaço. O somatório dessas canseiras, dá a consequência e o complexo duma biblioteca que é um corpo vivo, reproduzindo-se em centenas, em milhares de células que são os volumes, os livros, as colecções que se amontoam nas estantes e são o cuidado permanente dos seus possuidores.

Podem-se também imaginar, além de outros sacrifícios o de manter na vida de hoje, na vida febril de nossos dias uma biblioteca de milhares de volumes, sendo, embora duma maneira empírica o montante de 3.000 volumes, a quantidade quase normal, o número síntese duma exigente bibliotecação ou número-base de exemplares conjuntos.

O uso, o manuseio, a ternura, o cuidado, o orgulho desmedido do possuidor, que trata e acarinha o volume, como se fosse matéria viva, sonho vibrátil ou amuleto, definem este axioma secular: «Diz-me os livros que tens, dir-te-ei quem és».

Pela biblioteca se conhece o proprietário, utente ou dono, quais as suas preferências, os seus gostos, as suas tendências, a sua ética literária e cultural.

Se dos seus livros mais correntes viermos até aos raros aos incunáveis XV, XVI, XVII e XVIII então o volume transcende o facto vulgar de ser um livro encadernado ou um volume em que a acção do tempo já se manifesta, para se tornar numa peça incontrolável, de biblioteca-intelectualização, de raridade invulgar, de aquisição miraculosa, de desejada posse, de incontroversa usufruição.

Todo o mundo do livro se pode, enfim, resumir em ideias e considerações muito simples: nasceu, viveu e evoluiu como o mais fabuloso veículo de ideias, de coisas e de pensamentos, revelando o espírito, e exaltando o homem, que o inventou, o criou, o aperfeiçoou e o divulgou, sob o signo de Johannes Gutenberg. Obra da humanidade e para a humanidade, uma biblioteca é uma síntese do pensamento humano, é a «mise-en-scène», o cenário onde o «clero» ou o homem culto se refugiam para viver uma outra vida: a vida dos livros.

Se há entre nós, Portugueses deste século atómico em que decorrem

os nossos dias passageiros e perigosos um amigo dos livros, seu defensor e seu exaltador, esse dedicado e carinhoso enfermeiro moral das bibliotecas é Arnaldo Henriques de Oliveira muito conhecido e considerado nos meios intelectuais de todo o País, que se ufana e com razão de atingir o seu 200.º leilão de bibliotecas, o que representa um esforço inimitável e uma acção meritória para não dizermos providencial, figurando nesse numero a biblioteca exigentíssima de Eugénio de Castro. Muito referenciado no mundo do livro, a que Matos Sequeira e dr. Raul Rego se referem no prefácio do Catálogo Bicentário, que sendo restrito é no entanto muito grande pela sua divulgação e projecção, algumas palavras suas não eram descabidas para uma rápida e seculo-vintiana palestra e por isso o procuramos e daí a entrevista curiosa que é uma lição e um belo ensinamento, o que prova que um técnico de livros também possui o *talent de bien faire*, a prestidigitação da rebusca e da escolha.

—Como evoluiu a sua carreira?— começámos por perguntar.

—«Aos vinte anos vendia eu aparelhos fotográficos, películas, revelava e fazia provas fotográficas para os amadores que ao domingo dispunham as suas máquinas, numa pequena loja que tinha na Rua da Prata».

Aos vinte e três, fizera-me livreiro á força, disto foi culpada minha mulher, filha do então muito conhecido livreiro Manuel dos Santos Eu não percebia do assunto, mas a morte de meu sogro deixava sem continuidade uma livraria que tinha um nome senão célebre, pelo menos muito conhecido e respeitado no meio bibliófilo.

A adaptação era difícil, da fotografia para a bibliografia há um abismo. Mas era preciso viver, e os primeiros tempos foram de amargura sob todos os aspectos.

—Pode dar-nos o ambiente em que se faziam leilões de livros de há tempos para cá? Sabemos bem que só uma outra casa em Lisboa e talvez no Porto, com o leilão da livraria de Camilo Castelo Branco desenvolvia um mercado quase invisível. No entanto, não nos pode elucidar com pormenor o começo e o fim da sua estreia como livreiro-antiquário?

—«Havia então em Lisboa dois ou três leilões por ano, assistia a todos, e pareceu-me que aqueles leilões de livros com um senhor a dirigir no alto duma secretária, um pregoeiro que sabendo muito de móveis, de joias, de trapos velhos, não sabia de livros, e daí uma discordância entre o senhor que dirigia o leilão e o pregoeiro que nada sabia daquilo».

Disto nasceu a ideia de ser o próprio pregoeiro quem dirigiria tudo, orientasse os compradores e os vendedores conjugando os seus legítimos interesses, e assim faz agora precisamente 25 anos, em cima dum estrado feito de caixotes coberto com uma bonita passadeira de cor, ali na casa do Fustes, nos Restauradores, há já anos extinta, me fiz catalogador de bibliotecas, fazedor dos meus 200 catálogos, leiloeiro, pregoeiro e arrumador desta complicada engrenagem conjugando os interesses dos bibliófilos compradores ou vendedores de livros».

Em frases simples e concisas o sr. Arnaldo Henriques de Oliveira dá-nos a projecção da sua carreira que é um sacerdócio, que começou duma maneira indirecta e continua e evolui duma maneira concreta. Nas suas mãos experientes e na sua voz convincente, o nosso entrevistado é, sem enóquios preconcebidos, um técnico e um especialista de notórios conhecimentos. Sendo além disso uma pessoa culta e inteligente, o livro e a biblioteca, corpo total do livro, têm uma vida humana, vivem dentro de si próprios, porque ele resume uma biblioteca como uma biblioteca o resume a ele mesmo.

—Tem sido incansável a sua luta, o seu «struggle for life», a sua caminhada ascensional?

—«Tem sido 25 anos de labuta constante, em que pus todo o meu carinho, todo o meu esforço, e pelas minhas mãos têm passado milhares e milhares de livros, as maiores bibliotecas particulares do nosso País como a do conde de Suseña,



ARNALDO DE OLIVEIRA

Avila Perez, Tavares de Macado, Avier da Costa, Afonso d'Ornelas, Arnaldo Coimbra, Candido Nazaré e muitas outras que nem vale a pena mencionar, e que ficaram para sempre arquivadas nos meus 200 catálogos a atestar o bom gosto, o talento a inteligência dos seus antigos possuidores».

—Como tem ligado a sua vida aos leilões de bibliotecas, pode dizer-nos numa síntese o que eles foram e o que têm sido?

—«E' curiosa a coincidência das datas, o primeiro leilão em Janeiro de 1932, o 200.º em Janeiro de 1957 e agora que cheguei a 200. Impossibilitado de parar enquanto Deus me der vida e saúde, irei trabalhando e cada vez com mais ardor, até atingir, eu sei, só Deus sabe, quantos mais catálogos, para satisfazer os desejos dos meus amigos, embora que disso nada resulte nem para mim próprio, que sem sucessores de pouco preciso, e apesar dos meus amigos dizerem que realizei uma obra, pobre obra que nada vale afinal, pelo menos no meu fraco entender».

Arnaldo Henriques de Oliveira, pelo seu temperamento vibrante e curioso, não nos daria certamente resposta á última pergunta que lhe faríamos. Mas a contestação dá-mo-nos, adivinhando o seu pensamento e a sua ideia. Para que uma biblioteca exista, perdure, viva e se pulverise é ainda necessário que alguém vele por ela e a saiba dispersar e avaliar. Assim glosando um verso de Ovídio e referindo-nos a livros podemos afirmar que Arnaldo de Oliveira não pode viver sem eles nem com eles, porque os dispersa no tempo e no espaço.

2.ª DIVISÃO NACIONAL

Olivaís, 0-Almada, 2

no jogo em a raso da 25.ª jornada

A Federação Portuguesa de Futebol marcou para hoje o único jogo em atraso do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. Trata-se do desafio S. L. Olivaís-Almada, respectante á 25.ª jornada e que o mau tempo não deixou que se disputasse no ultimo domingo.

Conhecidos os resultados dos restantes jogos da penultima «ronda» desta fase da prova, o encontro de hoje apresentou-se com maior interesse, pois o seu resultado podia decidir o ultimo lugar.

O jogo desta tarde realizou-se no campo «Alvaro Gaspar», nos Olivaís e foi disputado pelos seguintes jogadores:

S. L. Olivaís—Velo; Negrita e Schrone; Valente, Fernando Paiva e Gomes; Gonçalves, José Maria, Antonette, Figueiredo e Mário Silva.

Almada—Octaviano; Carvalho e Leal; Augusto, Jaime Silva e Simões; Martins, Almeida, Décio, Duarte e Elisio.

Árbitro—Esidro Fragoso, de Santarém.

O encontro foi prejudicado pelo mau estado do terreno. Durante os primeiros 15 minutos o jogo decorreu com leve vantagem dos donos de campo, mostrando-se os visitantes muito cautelosos na defesa. Porém, no 2.º quarto de hora, o jogo fez-se numa toada de «parada e resposta», com as duas equipas a procurar o golo.

Aos 22 minutos o Almada colocou-se em vencedor, graças a um tento obtido por Duarte, na transformação de uma grande penalida-

Tribunais

Decisão definitiva do Supremo Tribunal

Por um acórdão ontem proferido, o Supremo Tribunal de Justiça absolveu por unanimidade Armando da Cruz Pombo, confirmando assim os acórdãos absolutórios anteriores da 1.ª instância e da Relação de Lisboa, ambos também por unanimidade.

Definitivamente, terminou, pois, ao fim de cerca de dez anos de acidentada evolução, um processo que interessou vivamente a opinião publica.

A Polícia Judiciária, que começou a organização deste processo em 1947, deu por terminadas as suas minuciosas investigações três anos depois, num extenso despacho que considerava não haver matéria criminal contra o acusado.

Submetido o processo á apreciação do procurador da Republica junto da Relação, foi este magistrado de parecer que o mesmo fosse a julgamento por, em sua opinião, haver indícios para ser deduzida contra o acusado, acusação por autoria do crime de abuso de confiança.

Julgado em 1953 no 1.º Juízo Criminal, foi Armando da Cruz Pombo condenado em pena maior, mas, em recurso para o Tribunal da Relação de Lisboa, este, absolveu-o pura e simplesmente.

Transitou então para o Supremo Tribunal de Justiça em recurso de assistente e do M. P. que, por acórdão de 17 de Novembro de 1954, anulou a decisão recorrida a fim de a Relação de Lisboa em novo julgamento ampliar a matéria de facto para melhor esclarecimento da verdade, mas o Tribunal da Relação por seu acórdão decidiu que o processo baixasse á 1.ª instância para ser novamente julgado.

Submetido a julgamento, foi o acusado absolvido por unanimidade ao fim de treze minuciosas sessões, com base numa prova esmagadora tanto documental como testemunhal, depondo á seu favor pessoas da mais elevada categoria social.

O delegado do Ministério Publico e a assistente D. Georgina da Conceição Gomes voltaram a recorrer, tendo, quanto a esta o recurso ficado deserto, por falta de pagamento do imposto de justiça.

De novo absolvido o arguido por unanimidade, pelo Tribunal da Relação, voltou a assistente a recorrer para o Supremo Tribunal de Justiça, que, com o seu acórdão ontem proferido, encerra assim definitivamente tão acidentado processo.

A Assembleia Nacional congratulou-se com o êxito da visita da rainha Isabel

Na sessão da Assembleia Nacional que está a abrir no momento em que escrevemos, usarão da palavra vários deputados para exaltar o significado e o êxito da visita da rainha Isabel a Portugal. A seguir, outros deputados tratarão de enaltecer a atitude assumida pela delegação portuguesa na Organização das Nações Unidas, quando do recente debate sobre territórios não-autónomos.

Para a «Ordem do dia» está marcada a discussão da proposta de lei relativa á criação do Instituto Nacional de Investigação Tecnológica e de Economia Industrial.

Largaram do Tejo

O «Britannia» e o «Chieftain»

Áo princípio da tarde de hoje, largaram do Tejo, de regresso a Inglaterra, o iate real «Britannia» e o contratorpedeiro «Chieftain». Ainda com os navios atracados á muralha da doca de Alcantara, o

Uma oferta que sensibilizou a rainha

No cruzamento da Rua Artilharia Um com a Rua Joaquim António de Aguiar, por onde seguia o cortejo de automóveis em direcção ao aeroporto, um numeroso grupo de alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, de batas brancas, ofereceu á rainha Isabel, que mandou parar propositalmente o seu automóvel, um lindo ramo de tulipas amarelas e brancas, gesto que, visivelmente, sensibilizou a soberana.

O «Diário de Lisboa» vende-se a 10\$00. INHAL NOVO na casa Manuel Maria Marques.

Eisenhower pôs o dilema cruciante : Ou a impotência da O.N.U. para impor a paz ou a intervenção enérgica para forçar Israel a retirar as suas tropas das posições no Egipto

WASHINGTON, 20. — O presidente Eisenhower fez, durante a noite, pela rádio e a televisão, uma importante declaração sobre os problemas transcendentais do Médio Oriente.

Sob a forma de uma comunicação directa ao povo americano, o presidente formulou um apelo a Israel, a propósito das decisões da O. N. U., encarecendo a possibilidade de uma «pressão» sobre Tel-Aviv, sem nunca ter pronunciado a palavra «sanções».

Numa espécie de preambulo, começou por lembrar a origem do conflito de Novembro ultimo e disse que «os Estados Unidos tinham bem compreendido que a acção militar contra o Egipto fora o resultado de provocações graves e repetidas».

Declarou que os Estados Unidos tinham recomendado, desde o começo, que a solução do conflito deveria ser encontrada no ambito das Nações Unidas e, sublinhando que a França e a Grã-Bretanha se submeteram inteiramente às decisões da assembleia internacional, fazendo com que as suas forças abandonassem o território egípcio, acrescentou:

«Desejo prestar homenagem à prudência que inspirou esta acção dos nossos amigos e aliados, que assim contribuíram para a ordem mundial. Colocaram, também, as outras nações do mundo árabe frente à pesada responsabilidade de vigiar para que aqueles dois países não viessem a sofrer qualquer prejuizo pelo facto de terem acatado as moções votadas pelas Nações Unidas. Isto aplica-se, principalmente, na minha opinião, aos direitos de passagem através do canal de Suez, considerado caminho internacional pela Convenção de 1888».

«Se a O. N. U. admitisse o principio de uma solução pela força, teríamos destruído os alicerces da nossa organização!»

Lembrando os esforços «repetidos, mas até agora inúteis», feitos pela O. N. U. e pelos Estados Unidos, para se conseguir a retirada das forças israelitas, afirmou:

«Aproximamo-nos do momento fatal em que devemos ou reconhecer que as Nações Unidas são incompetentes para restabelecer a paz, ou assistir aos esforços dos diferentes países para conseguir, sob uma forma enérgica, que Israel retire as suas tropas».

Fazendo a história das negociações que se seguiram à recusa do Governo de Tel-Aviv, de evacuar o território de Gaza e a faixa costeira do Golfo de Akaba.

Eisenhower declarou, nomeada-

mente, que a resposta negativa de Ben Gurion «à mensagem que lhe enviou, em 3 de Fevereiro, causou viva decepção no Governo americano». Referindo-se, em seguida, ao problema moral das garantias reclamadas por uma nação que ocupa um território, invadido pelas suas forças, afirmou:

«Se aceitamos que uma agressão armada pode, duma forma normal, conduzir aos resultados a que se propõe o agressor, recto bem que a ordem internacional fique invertida».

Acrescentou que se as Nações Unidas admitissem, nem que seja uma só vez, o principio de uma solução pela força, «teríamos destruído os alicerces da nossa organização» e esclareceu que lhe parece uma traição às altas funções que ele assume, de consentir «o principio de uma nação que invadiu uma outra, ser autorizada a subordinar a sua retirada a certas condições».

Depois de salientar o malogro que seria para a O. N. U. o facto de assistir, sem reagir, à não-execução das suas moções, disse que «isso representaria um profundo golpe na autoridade e influência das Nações Unidas no Mundo», acrescentando que «esse malogro seria, a longo prazo, prejudicial aos próprios interesses de Israel».

A O. N. U. não pode aceitar a sua própria falência

«Penso — disse o presidente — que, no interesse da paz, a O. N. U. não pode deixar de fazer pressão sobre Israel para que esse país aceite a sua moção pedindo a retirada das tropas israelitas. Se a O. N. U. aceitasse que se ignorem repetidamente as suas decisões, aceitariam a sua própria falência. A defeção de Israel não deve ser ignorada, a pretexto de que a O. N. U. não foi capaz de fazer aplicar efectivamente as suas moções que condenaram a U. R. S. S. pela sua intervenção contra o povo da Hungria. Nenhuma nação é mais enérgica do que os Estados Unidos para fazer pressão moral sobre a U. R. S. S. Todavia, não pode haver comparação entre Israel e a U. R. S. S. Temos o direito de esperar, e esperamos de um povo do mundo livre uma contribuição para a ordem do Mundo que, infelizmente, não podemos esperar de uma nação dirigida por despotas ateus».

Afirmou, porém, que as violações, pelo Egipto, da convenção de armistício e do direito internacional, «não justificavam a invasão do Egipto por Israel». Disse, depois, que o Egipto, tendo-se comprometido, ao aceitar os seis principios da O. N. U. sobre o canal de Suez, «obrigara-se a permitir a passagem livre pelo Canal, sem qualquer discriminação».

«Não devemos supor — continuou — que, se Israel consente em retirar as suas tropas, o Egipto impedirá os navios israelitas de utilizar o canal de Suez ou o Golfo de Akaba. Se, desgrazadamente, o Egipto viesse a violar a convenção do armistício ou outras obrigações internacionais, essa situação provocaria uma reacção enérgica da parte de todas as nações».

E o presidente, sublinhando que a situação é só «uma etapa de um longo processo que exige paciência e atenção», concluiu declarando que, apesar da gravidade do momento, «temos esperança de que a

razão e o direito acabarão por triunfar». — (F. P.).

O chefe da maioria democrática em desacordo com o presidente

WASHINGTON, 21.—O «leader» da maioria democrática, senador Lyndon Johnson, declarou não estar de acordo com as declarações do presidente sobre eventuais «pressões» a exercer sobre Israel. Dirigindo-se à imprensa, logo a seguir ao discurso do presidente, disse:

«Lamento ver que o Governo espera ainda que seja necessário exercer pressões contra uma só das duas partes no litígio sobre o Médio Oriente. Estou de acordo com que Israel deva retirar as suas tropas, mas creio que essa retirada deverá ser acompanhada de actos, da parte da O. N. U., que não deixariam Israel sem defesa». — (F. P.).

Apelo urgente de Eisenhower a Ben Gurion

NOVA YORK, 21 — O presidente Eisenhower enviou ao chefe do Governo israelita, Ben Gurion, um apelo urgente para que se conforme com as regras de direito internacional e para que dê andamento às moções da Assembleia Geral da O. N. U., que reclamam a retirada das forças israelitas. Em troca, o presidente confirma que os Estados Unidos creem que o Egipto deixará passar livremente os navios israelitas através do Golfo de Akaba.

Os compromissos assumidos por Eisenhower não vão além dos que foram tornados publicos, depois das conversações de Abba Eban, embaixador de Israel, que ontem partiu para Tel Aviv, com o secretário de Estado, Foster Dulles, em Washington. — (F. P.).

TEL-AVIV, 21 — «No telegrama urgente que enviou ao chefe do Governo, Ben Gurion, o presidente Eisenhower pede-lhe que dê, hoje, ordem às forças israelitas para retirarem das posições que ocupam na região do Golfo de Akaba e na zona de Gaza», afirma o vespertino de Tel-Aviv «Yediot Ahronoth», que pretende ter esta informação «das melhores fontes».

O embaixador de Israel em



Segundo certos botânicos a laranja doce é originária da China e foi trazida para a Europa pelos Portugueses das Descobertas, por ocasião das suas primeiras viagens ao Extremo Oriente, pelo que muitos estrangeiros a conhecem por «ORANGE DU PORTUGAL».

O TRIPLE-SECO JOCKEY
é fabricado pela destilação deste esplêndido laranja português.

LICORES MUNDIAL, LDA.
RUA DO SEQUEIRO, 8 - LISBOA

Distribuidores:
A. SERRA CAMPOS FERREIRA
Rua António Maria Cardoso, 27
SOCIEDADE COMERCIAL
REICARRERA, LDA.
Rua do Salitre, 90

...SÓ QUERO...
...VINHOS
MESSIAS
POR SEREM BONS

Washington foi recebido esta manhã, antes do conselho de ministros, pelo chefe do Governo, que, esta tarde, fará uma declaração. — (F. P.).

Qual será a decisão do Cairo?

CAIRO, 21. — O presidente Nasser reuniu, durante a noite, o seu Gabinete, para uma sessão extraordinária, que durou três horas, durante a qual se debateu, entre outros assuntos, a presença das tropas israelitas no solo egípcio.

O informador oficial declarou que tinham sido discutidos «todos os aspectos da política interna, externa e económica» do país.

Nasser tinha conferenciado antes, durante 30 minutos, com o ministro da Guerra, major general Hakim Amer.

Os observadores notam que o chefe de Estado egípcio não deu ainda a conhecer a sua reacção aos planos de Eisenhower e Chepilov para o Médio Oriente, nem tão pouco se ele permitirá a abertura do canal de Suez à navegação antes da evacuação total das forças israelitas.

Quanto ao plano provisório de solução para a questão do Canal, submetido ao secretário-geral da O. N. U. pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Noruega, as declarações feitas, ontem, por Aly Sabri, conselheiro político do coronel Nasser, são interpretadas como uma rejeição.

Crê-se, no Cairo, que o Gabinete egípcio abordou todos estes problemas que colocam o Egipto numa situação particularmente complexa. É, pois, provável que não dê a conhecer a sua opinião antes da reunião dos quatro chefes de Estado, marcada para o dia 26, no Cairo. — (A. N. I. e F. P.).

Navios de guerra americanos no Golfo de Suez?

WASHINGTON, 21. — O secretário de Imprensa da Casa Branca, James Hagerty, recusou-se a comentar certas informações, segundo as quais navios de guerra dos Estados Unidos se encontram no Golfo de Suez.

No entanto, de fonte oficial sabe-se que dois contratorpedeiros norte-americanos fizeram escala no Golfo de Suez para se abastecer de mazu. Estes navios, provavelmente em manobras no Oceano Índico, devem fazer parte da 6.ª esquadra, actualmente no Mediterrâneo, sendo possível que esperem a reabertura do Canal para se juntar ao grosso da esquadra. — (F. P.).

SÁBIÁ

Chama-se a atenção do publico para a pág. 5.

Últimas notícias

DESAPARECEU um barco brasileiro com 14 tripulantes

RIO DE JANEIRO, 21 — Um pesqueiro, com catorze tripulantes, foi dado como desaparecido, ao largo da costa do Estado do Rio Grande. — (F. P.).

Outro pesqueiro desaparecido
SINGAPURA, 21 — Não há notícias do petroleiro «Landak», de 342 toneladas, que deveria ter chegado no dia 11. Hidroaviões da R. A. F. fazem pesquisas sobre o Mar da China, entre Borneo e Singapura, mas até agora não foram encontrados quaisquer vestígios do barco ou dos seus 16 tripulantes. — (A. N. I.).

Execuções na Argélia

ARGEL, 21 — Dois terroristas, condenados pelo tribunal permanente das forças armadas de Constantina, foram executados, esta manhã.

Outros três terroristas, igualmente condenados à morte, tiveram a pena comutada em trabalhos forçados perpétuos. — (F. P.).

Explosões misteriosas em Inglaterra

HARTLAND (Inglaterra), 21 — Duas explosões misteriosas abalaram, durante a noite, as aldeias do Norte de Devon. Os habitantes afirmaram que «um estrondo surdo», precedido por um clarão cor-de-laranja, fez estremecer as casas e as janelas. — (A. N. I.).

TRÁGICA CENA numa sala de aula

FONTAINEBLEAU, 21 — Um professor negro, Andreas Goka Comlan, da Togolândia, matou à punhalada uma colega do liceu local, durante a aula da manhã, perante as alunas. — (A. N. I.).

LUTA SANGRENTA entre Norte-Africanos em Paris

PARIS, 21 — Houve três mortos e igual numero de feridos numa luta, durante a noite, num «bar», entre Norte-Africanos.

Segundo a Polícia, a luta começou, depois de uma discussão política, com grande tirofeio que soou pelo bairro da Goutte d'Or, onde está situado o estabelecimento. — (A. N. I.).

A «barreira do som» ultrapassada por um «caça»

TURIN, 21 — A «barreira do som» foi alcançada, quatro vezes consecutivas, por um avião de caça «Fiat G-91», num voo a cerca de 9.000 metros de altitude, sobre esta cidade, durante 65 minutos. — (F. P.).

Tagide
Restaurante
preferido pelos
bons «gourmets»

«RIBATEJANO»
Salvaterra de Magos Telef. 14
O maior CARNAVAL do ano
4 noites e 3 dias de alegria em deslumbrante ambiente típico.
2 conjuntos ribatejanos de acordeons. 2 ranchos folclóricos em danças e cantares da região.
As nossas salas têm aquecimento.
Marcações e reserva de mesas em Lisboa. — Telef. 770320.

Distribuidores:
A. SERRA CAMPOS FERREIRA
Rua António Maria Cardoso, 27
SOCIEDADE COMERCIAL
REICARRERA, LDA.
Rua do Salitre, 90

...SÓ QUERO...
...VINHOS
MESSIAS
POR SEREM BONS

CASINO ESTORIL
SABADO, 23 — ESTREIA da Orquestra feminina cubana
«NEREIDA Y SU ENSUEÑO TROPICAL»
Uma das atracções do Carnaval
SERVICO DE RESTAURANTE
no SALÃO Sábados Restantes dias
Jantar Esc. 50\$00
ou Consumo mínimo Esc. 15\$00 Esc. 10\$00
no WONDER BAR: 40\$00 30\$00
Telef. 06 07 30 (Adultos)

RESTAURANTE ALVALADE
Comunica que a sua sala se encontra reservada, por motivo de banquetes, para os jantares na sexta-feira e sábado, respectivamente, dias 22 e 23 do corrente.
Todas as noites, e aos domingos nos chás-dançantes, actualização do conjunto POTIER c/ o acordeonista alemão HEINZ WORNER.
Telefone 779151

VIDA Literária



Nicolau Maquiavel, cuja expressão fina e astuciosa exprime bem o famoso maquiavelismo do livro «O Príncipe». Retrato de Sandi di Tito, no palácio do «podestà», em Florença

John Passos julga os homens

Esteve há pouco, em Paris, o escritor americano John Passos, que, como se sabe tem ascendência portuguesa e se celebrou com o «Manhattan-Transfer» (título francês).

Os jornalistas procuraram entrevistá-lo. Quiseram ouvi-lo, sobretudo, acerca do seu romance «Most Likely to Succeed» que, embora publicado há três anos, é agora muito discutido tanto nos Estados Unidos, como na Europa.

Nele, John Passos utilizou uma técnica diferente da dos livros anteriores.

A propósito, comentou, amavelmente:

—O difícil não é modificar as convicções profundas dos homens, mas modificar-lhes os hábitos. Com menos dificuldade conseguimos que um homem mude de religião do que mudar a marca dos cigarros que fuma!

Pensamentos de Schopenhauer

- O médico vê o homem em toda a sua fraqueza; o jurista em toda a sua maldade; o teólogo em toda a sua estupidez.
- O que me torna agradável a convivência do meu cão é a transparência do seu ser. O meu cão é transparente como o vidro. Se não houvesse cães não gostaria de viver.
- A organização da sociedade humana oscila como um pendulo entre dois extremos, dois males opostos: o despotismo e a anarquia. Quanto mais se afasta de um mais se aproxima do outro.
- Deixar transparecer a cólera ou o ódio nas palavras ou na fisionomia é inútil, perigoso, imprudente, ridículo, vulgar. Só por actos devemos revelar a cólera ou o ódio. Os animais de sangue frio são os únicos que têm veneno.
- Como é longa a noite do tempo sem limites, comparado ao curto sonho da vida.
- Os amigos dizem-se sinceros; são os inimigos que o são. Assim, devia considerar-se a sua crítica como uma amarga medicina, e aprender com eles a melhor nos conhecermos.

OS NOSSOS CONTOS

História fantástica do trapezista Filomeno

por PEDRO VAZ

Filomeno estava agarrado ao trapézio n.º 3 a fazer piruetas engenhosas, todo ele muito verde sob um foco de luz, quando viu que aquela gente lá em baixo precisava de ser salva. Era uma multidão pálida e espessa e mole. Filomeno sentiu-se tomado de piedade, agora estava de pé na plataforma a limpar as mãos e a ouvir o zumbido das palmas e os gritos triunfais de uma corneta e começou a chorar convulsivamente. A corneta esborroou o seu grito e a multidão calou as suas palmas e o foco de luz desapareceu e veio o silêncio. O silêncio era cortado pelos berros de Filomeno que chorava na plataforma a trinta metros de altura quando devia saltar do trapézio n.º 2 para o n.º 3 e voltar ao n.º 2. Três palhaços ergueram os seus narizes disformes para a cupula negra do circo.

—E' estranho.
—Filomeno é um homem perdido.
—E' preciso chamar Hermenegildo.

Hermenegildo era o sujeito duro da companhia, tanto a tal ponto que Belizário, domador de feras, agalado e brilhante, estremeceu na sua presença. Os três palhaços trouxeram Hermenegildo de lábios cerrados e vestido de negro. A multidão compreendeu que Hermenegildo era o mais duro de todos e aplaudiu-o mesmo sem saber quem era e o que vinha ali fazer. Hermenegildo estava agora no centro da pista cercado por três palhaços pintados de branco.

—Filomeno, a tua atitude é negativa. Acabas de quebrar a nossa unidade com essas lágrimas perfeitamente idiotas. Todos nós fomos traídos.

A multidão ficou comovida e aplaudiu Hermenegildo e os três palhaços deram combalotas e fizeram variadíssimos esgares. Mas Filomeno olhou cá para baixo e viu os homens esbarrados nas cadeiras e no centro da pista o duro Hermenegildo cercado por três palhaços. E disse:

—Ficarei aqui até que os outros compreendam o meu desejo de os salvar e me escutem.

Um parvo riu na geral. Hermenegildo apontou para ele o seu olhar de aço. Ao lado do homem mais duro da companhia estavam agora Belizário, o domador, Arménio, o ilusionista, Zenão, o aramista, Antígenes, o saltador, Manfredo, o bailarino e os três palhaços pintados de branco. Também estava América, a loira fêmea, coberta de plumas verdes.

—Não, não descerei. Vou ficar aqui.

E' preciso que me ouçam. Eu vou salvá-los.

O parvo riu na geral e logo outro parvo começou a chorar. Os três palhaços pintados de branco apontaram e os dois parvos foram expulsos por Belizário. Dois atletas, Anselmo e Varrão, escalararam pela escada de corda e lançaram-se sobre Filomeno. A corneta ber-

(Continua na página seguinte)

SOB O SIGNO DE DESCARTES

“Nas encruzilhadas do Pensamento”

de AGOSTINHO VELOSO

Com a devida vénia reproduzimos o prefácio do livro «Nas Encruzilhadas do Pensamento», primeiro volume, do admirável escritor católico Agostinho Veloso. Esta obra fundamental, escrita «sob o signo de Descartes» como o autor sublinha, tem obtido em Portugal e no Brasil uma extraordinária audiência. Podemos-lo considerar pelo surto filosófico, a penetrante análise dos problemas em debate e a devassadora revelação ontológica do homem moderno — como um dos mais impressionantes documentos da vida espiritual do século.

Como sucede com muitas outras coisas, também, por vezes, os livros surgem de um pequeno incidente, de uma insignificante circunstancia casual. E foi precisamente assim que este livro se escreveu.

Depois de ter lido alguns dos meus ensaios filosóficos, procurou-me um rapaz da presente geração, a fazer perguntas e a

formular objecções. Essas perguntas e essas objecções foram o catalisador mental, que proporcionou respostas, reajustamentos e até, uma vez ou outra, a formulação de problemas, em que nem sequer tinha pensado.

A quarta conversa, lembrei-me dos antigos secretários, que, para nosso regalo e proveito da cultura, iam passando á escrita, primeiro os diálogos de Platão, e, depois os sermões de Santo Agostinho. Era este um luxo que me agradaria, mas a que eu não podia recorrer, por estar fora do alcance das minhas possibilidades. Tinha, porém, a memória suficientemente pronta, sobretudo nas primeiras horas depois

(Continua na 19.ª página)

O «Journal» dos Goncourts

«O Journal» dos Goncourts foi começado pelos dois irmãos a 2 de Dezembro de 1851 e terminado por Edmond em 3 de Julho de 1896.

O primeiro volume, há pouco publicado em França, foi friamente recebido pela crítica. Nada de sensacional, de escandaloso, de escatológico. Pequenas anedotas e figuras de segundo plano elevadas a primeiro, á mistura com falsos juízos críticos, que a posteridade não confirmou.

A propósito de Flaubert, os manos escritores comentam: «ele ama a arte como os selvagens amam um quadro; tomando-o pelo avesso».

E, acerca de Renan, que beijara as mãos de Victor Hugo: «Não tem qualquer coisa de seminarista beijando a mão do seu bispo?».

A cadeira

do padre António Vieira

De um artigo do ilustre historiador brasileiro Gustavo Barroso, intitulado «Uma reliquia do padre António Vieira», publicado, recentemente, n.º «O Cruzeiro», recortamos este curioso trecho:

«Da passagem do Padre António Vieira pela região serrana do Norte de Ceará, ficou no arraial e finalmente cidade de



Viçosa, terra natal do bravo general António Tibúrcio Ferreira de Sousa, uma reliquia preciosa e gloriosa: a singela cadeira de braços seiscentista, de couro pregueado, com a sigla da Companhia de Jesus no encosto, em que ele costumava sentar-se e que, certamente, amarrada a dois varais, servia para transportá-lo, carregada pelos índios, sob as ordens do Braço-dos-Padres. Durante séculos conservou-se guardada na capela do povoado e da vila. Depois, continuou na sacristia da pequena matriz de Nossa Senhora da Assunção, onde a vi na última vez em que estive em Viçosa, no ano de 1937. Dali a transferiram para o rico e admirável Museu Diocesano de Sobral, criação do venerando e erudito bispo-conde D. José Tupinambá da Frota. Nele a encontrei e a fiz fotografar em 1955. Pouca gente tem conhecimento da existência dessa valiosa lembrança, talvez a única reliquia existente no Brasil desse homem genial, glória das maiores da civilização luso-brasileira».



«Esse crucificado que está olhando» — diz Virgílio a Dante, na «Divina Comédia», magnífica gravura de Doré

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

Evocações

«CARTAS E BILHETES POSTAIS», DE ANTÓNIO NOBRE

a Justino de Montalvão

Não têm muito interesse — psicológico, nosológico ou mesmo poético — estas «Cartas e Bilhetes Postais» de António Nobre a Justino de Montalvão. Mas compreende-se perfeitamente que Alberto de Serpa os tenha dado à estampa, com prefácio e várias notas elucidativas. Se as tivéssemos, procederíamos da mesma maneira, não tanto pelo seu valor material, quanto à crónica de factos, fluxo de confidências, tendas aladas e constelações de estrelas de líricos projectos — mas porque, enfim, as mãos de Nobre — «quando sequinhas, as mãos em cruz no peito eu me for via» — para o Sol-posto — lhes tocou, deu vida eterna. Hoje são relíquias de um culto lírico que nós próprios sentimos, magoadamente (a ferida dói sempre!) pelo do Só.

E' claro que Alberto de Serpa tinha razão, naquela noite longínqua, na esguia torre do Anto, em Coimbra — já as estrelas baixavam, orvalhando de oiro as filhas dos sineiros do Mondego — pedia aos três maiores amigos de Nobre, o espólio da correspondência do poeta. Eram eles: António Homem de Melo, que declarou haver perdido a sua parte; o poeta Alberto de Oliveira que, diplomaticamente, se negou a dar-lhe publicidade, provavelmente, incinerando-as, nas chamas de qualquer fogão dos salões diplomáticos da sua carreira;



ANTÓNIO NOBRE

xou no Norte do país, pedindo-lhe que por intermédio de uma velha criada ou governante lhe faça chegar às mãos uma carta; do «monge», como chamava ao gabinete, retido numa casa de penhores, que nos Invernos brancos de neve da Suíça, tepidamente se lembrava; «debruça-se, ansiosamente, sobre as gazetas que falam dele; tenta um remédio heróico que supõe ser a salvação da física que o estacela; de um retrato que Columbano está pintando; de Nova York, da qual observa, na superficialidade das primeiras impressões, criadas pela idiosincrasia do artista sensiti-

«Quero abrir a boca, mas não posso. Nunca sou sincero, quando a abro: é só para ser amável aos que me acompanham, tão gentilmente. Nova York, que, a princípio me magoou um pouco acabou por me agradar: é realmente grande, muito grande. Nada de arte, nem de passado, como digo ao Zé de Matos, mas não há nada melhor em século XIX». Até as mulheres se movem a electricidade. A literatura — é que não conheço nada. Vou estudá-la agora no meu regresso ao Reyno. Levo magazines, jornais, etc. Quem são os seus estadistas».

Dois pormenores curiosíssimos. «Regresso ao Reyno», esteve para ser título de um livro (supomos que do «Só», e um dos mais belos trechos deste, aquele que começa.

Quando eu aqui cheguei, Santo Deus, como eu vinha!

foi escrito em Coimbra, numa noite ardente de fogueiras, de cravos, de bailados, ouvindo debaixo da janela, as vozes frescas e enluaradas das tricanas. António Serpa reproduz uma página desse poema cheio de emendas, transposições, até que adquiriu aquela musicalidade e suavidade literária, que ecoa em tantas páginas do «Só».

ANTOLOGIA DE HUMANISTAS

Contos escolhidos

de AUGUSTO CUNHA

Conta-se que Alphonse Karr, admirável humorista, dormia dentro de um negro e almofadado ataúde. A bizzarria talvez seja uma anedota sem consistência, mas de certa maneira confirma indirectamente que os melhores escritores do género nem sempre vivem rissonhamente o que escrevem. E' clássica a imagem do vegetal que no circo gargalha, estrondosamente, com o rosto zebado das mais amargas lágrimas. *Ridi, pagliaci!* — canta-se na ópera famosa de Leoncavallo. Camilo, por seu turno, no final da vida, fazia-nos sorrir com os seus ensaios realistas, pensando já na bala suicida que o havia de libertar das terrebrantes dores, que lhe afligiam a lava ardente do cérebro genial.

Que isto sirva, porque se coaduna, com a figura, para relembrar Augusto Cunha, um dos nossos melhores novelistas humorísticos. Era um triste. De comprido perfil agudo o corpo magro, poucas palavras, arredio, quase misantropo, ele que iluminou de sátira e crítica juvenillesca ou rabelaisiana os jornais, as revistas, e as montras dos livros, com os tipos e os costumes da sua época — ontem ainda — como que desmentia, fisicamente, tão fascante e inesgotável verve cômica.

Com incrível facilidade escrevia tanto um diálogo ao telefone, de graça esfuizante, que se nos comunicava em descargas eléctricas de hilaridade, como uma cena de rua, grotesca, em que parecia haver um mínimo de composição, tão flagrante de autenticidade nos parecia; uma recepção pseudo elegante em casa de um «novo-rico» — chamavam-se assim aos tubarões da outra guerra — com uma pormenorização rica de valores, que revelavam não, apenas, uma pupila sagaz de observador, mas ainda alguém que sabia extrair da vida talvez a única filosofia verdadeira que ela encerra, sem propedeuticas científicas — o sorriso da ironia.

Morreu cedo, silenciosamente, como sempre tinha vivido. O homem apagado e melancólico, era um; o escritor brilhante, que, em traços caricaturais, historiou uma época, fixou costumes, descreveu ambientes, identificou tipos, e que nos contou, com o espírito e a malícia de um Tristan Bernard, dezenas, se não centenas de histórias. — era outro que, debruçado sobre o papel, talvez, fosse o primeiro a reprimir os próprios ataques de riso nunca descerrando os lábios duros.

Deixou-nos vários livros, um cada ano, como «Quase de graça», «O exame do meu menino», «Mais um», «Mais outro», «O Processo de Mário Damaso», «P. B. X.» (Diálogos ao telefone) «Contos sem cotação» e «O homem que salvou o Mundo» — este de 1946, que deve ser o ano em que faleceu.

André Brun, um esquecido, apenas lembrado por uma rua com o seu nome junto do cemitério dos Prazeres — talvez os mortos, acordando, também se riam do que vai agora por este mundo de Cristo! — dividiu com ele, em ameno tratado de Tordesilhas, o ridículo mundo em que viveram. Um grupo de belos mosqueteiros, de que Armando Ferreira, ainda vivo felizmente, embora reformado dos pleitos da graça, era o Aramis. Ele que pedia licença ao Alexandre Dumas, para escolher esse novo nome de baptismo... Telefone-lhe para o Père Lachaise!

Parte da obra de Augusto Cunha.



AUGUSTO CUNHA

existência de veemente batalhador, conservava ainda as asas de oiro, mas o destino, decapitando-a, roubára-lhe o perfil helénico do triunfo, o dinamismo oceanico, o quer que fosse que ainda agarrado á Terra, como que voava, rumo ás estrelas, sobre o mar de todos os sonhos e de todas as conquistas.

Nos dois prefácios, António Ferro, retratando Augusto Cunha, identifica, psicologicamente, os seus estados de alma. O primeiro soa como um clarim de guerra. E' vermelho, estridente, vigoroso, chantecler de um franco-atirador a disparar, soerguendo corajosamente o corpo na trincheira literária.

O segundo é uma mancheia de cinzas, em que o calor se desvanece deixando-o a tiritar de frio, inclinado a escrever na secretária de embaixador, como sobre a tampa de um caixão, que encerrasse todas as ansias estuantes de perigosamente viver criando sempre, na exaltação sensual dos sentidos.

São dois palpantes documentos literários, entre os quais passou o rio infindável do tempo, que não é reversível.

A colectanea dos «Contos escolhidos», de Augusto Cunha, é perfeita. Os anos não lhes tocaram. Pa-recem escritos — tão frescos e juvenis se apresentam — nesta manhã, em que Lisboa brilha iluminada de luz. «El-Rei Boato», o «Grande Estadista», «Drama Telefónico», «Amor Impossível», «A Paz armada até aos dentes» e muitos outros, dão-nos os preconceitos grotescos, as excentricidades desta Lisboa que pretende ser sempre casquilha, apesar da idade, e gosta de intrigar, mexericar, amar, conversar, dizer mal, se amua por dá aquela palha, ou aclama, na praça publica, os vendedores de elixires.

Augusto Cunha foi mais além da commédia dell'arte dos fantochines humanos por vezes, tão convencional, como teatral, tantos são os fios que os puxam. Penetrou fundo nos caracteres, analisou estilos de vida, dando-nos autênticos símbolos, pintou em tintas claras de aguarela as pedras da capital, e, sobretudo, escreveu a alma feminina: pequenos segredos de abelha, mentiras de pó de arroz, ou versatilidades de insecto que poisa de flor em flor, até cair prostrado nos seus caprichos.

«Contos Escolhidos», de Augusto Cunha, bem merecem o carácter antológico desta edição. A sua alegria como que renasceu límpida e colorida, obrigando-nos de novo a sorrir.

Os nossos contos

Continuação da página anterior)

rou. A multidão aplaudiu. Um parvo gritou por socorro. Dois atletas, primeiro Anselmo e logo a seguir Varrão caíram na pista, aos pés de Hermenegildo. Os três palhaços deram cambalhotas e fizeram esgares.

A multidão dispersou, confundida e impressionada. Hermenegildo retirou-se seguido dos homens pintados que lhe obedeciam. Os focos de luz extinguiram-se. A corneta calou-se.

Filomeno estava só no grande circo agora sombrio e silencioso. Estava só e já desesperava quando ouviu risos. Eram risos de parvos, esses que tinham sido expulsos por Belizário. O grande circo ria baixo e depois mais alto e ainda mais alto até estremecer numa grande gargalhada de idiota. Era uma risada esfarrapada e Filomeno compreendeu que era quase um grito. O grande circo estava cheio de homens que riam no escuro e não era dele, Filomeno, que riam. Riam para não estarem de lábios apertados. Filomeno alegrou-se na sua plataforma.

— A multidão deve ser salva do silêncio. Os homens devem ser eles próprios plenamente. Os homens não devem ser feridos. Se há alguma coisa de sagrado é o próprio homem.

Os parvos, lá em baixo, aplaudiram surdamente. Estavam cheios de si próprios no grande circo escuro. E riam e cantaram e correram como parvos que eram. Filomeno quis falar ainda. A multidão ia ser salva.

Um cone de luz amarela envolveu o corpo de Filomeno. As cordas partiram-se. Filomeno abateu-se na pista, aos pés do duro Hermenegildo. Os três palhaços pintados de branco deram cambalhotas. A corneta falou. Um parvo gritou por socorro.

AOS MEDICOS

Monografias da Clinica Médica
(Director: Professor Dr. Mário Moreira)
Vol. I

D. Síntese Hemorrágica de Causa Plasmática

Normas gerais do Diagnóstico diferencial
Por

A. DUCLA SOARES e FRANCISCO PARREIRA
A venda em todas as Livrarias

EDIÇÃO DA LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA LDA.
R. Nova do Almada, 88 — Lisboa

A venda o vol. 8.º da «Colecção Jurídica Portuguesa»

«Direito Internacional Público»

pelo Prof. Doutor Silva Cunha

Edições ÁTICA — R. Alexandre Herculano, 17-A — Lisboa

Sob o signo de Descartes

(Continuação da 17.ª página)

da conversa, para integralmente a poder reproduzir. Por isso, comecei a escrever, e até com vantagem para mim, pois, no silêncio da minha sala de trabalho, podia eu aprofundar melhor os temas, consultar livros, documentar afirmações. Foi assim que consegui reconstituir as três primeiras conversas. Depois de ter lido as respostas ao inteligente rapaz, já agora amigo querido, que as provocou, tive o prazer de lhe ouvir dizer que estavam certas. O resto, que depois se seguiu, foi mais fácil, sobretudo à conta de um ou outro apontamento que, no decorrer da conversa, eu ia intencionalmente tomando.

Fica assim explicada a génese deste livro, onde os temas da filosofia tradicional se chocam, nas encruzilhadas, onde se encontram com as linhas de força dos problemas do pensamento contemporâneo. A ensinar se aprende. E, de facto, alguma coisa me parece ter aprendido, nas perguntas que ouvi, nas respostas que dei, nos livros que, para mais precisão doutrinal ou histórica, tive de ler, ou de reler. Mas, se este trabalho me fez bem a mim, e ao amigo que nele colaborou, não valeria a pena publicá-lo, para que esse bem se propagasse e ampliasse aqueles que o quisessem ler? A resposta pareceu-me francamente afirmativa. E foi por isso que este livro se publicou.

No diálogo entram o *Mestre* e o *Discípulo*. Não há nisto nada de guiado, nem de pretensioso. É tão sómente para simplificar ao leitor a identificação dos interlocutores.

Estes Diálogos dividem-se em duas séries. Na primeira, intitulada «Sob o Signo de Descartes», considera-se o longo e trágico itinerário do «angelismo cartesiano», donde, com mais ou menos fidelidade, refluem todas as correntes da filosofia moderna.

Disse Pascal que o homem «*n'est ni ange ni bête*». Foi isto o que Descartes não soube compreender. E é isso o que neste volume se esclarece.

Pascal, porém, diz mais. «*L'homme n'est ni ange ni bête, et le malheur veut que qui veut faire l'ange fait la bête*». Foi, efectivamente, assim que, do excesso de racionalismo de Descartes, se veio a cair na desconfiança da razão e nas filosofias arracionais, de tipo husserliano ou fenomenológico, que depois dispararam na «selva escura» do existencialismo. E será este o tema da segunda série destes diálogos, que em outro volume, intitulado «Sob o Signo de Husserl», devem aparecer, a seguir, nas livrarias de Portugal e do Brasil.

Nem todos, no torvelinho da vida contemporânea, tão absorvente e tão dispersiva, poderão ler os centenares de volumes que, há mais de vinte anos, sobre os temas da filosofia moderna, já

por vocação filosófica, já por dever de ofício, tive que ler. E, que os lessem, nem todos teriam tempo e disposição para sobre eles reflectir, á procura de sínteses, que nem sempre á primeira leitura transparecem. Por isso se publicam estes volumes: o primeiro, a partir de Descartes; e o segundo, a partir de Husserl. Os dois perfazem um todo, a que se deu o título geral: «*Nas Encruzilhadas do Pensamento*». Este título destina-se a sugerir ao leitor o método seguido nestes Diálogos. O desvio angular é quase sempre imperceptível no vértice. Mas revela-se na distancia. Ora, é isso o que também se verifica, nos desvios do pensamento. Hoje, esses desvios são manifestos até na anarquia que em todos os sectores do pensamento se está a revelar. Como reagir? Como reencontrar o rumo perdido? Naturalmente, seguindo, com olhar atento, as linhas do pensamento, até aquele ponto onde a linha escura se cruza com a linha autêntica, donde, em má hora, se desviou. Tal foi o método seguido nestes Diálogos. E é isso o que, ao leitor, se pretende sugerir, no chamadoro comum dos dois volumes: «*Nas Encruzilhadas do Pensamento*». Creio que, quem os ler, ficará suficientemente apto a falar dos temas mais em voga, na filosofia contemporânea.

AGOSTINHO VELOSO

(Livraria Apostolado da Imprensa)



Antigos «fantoches», os nossos típicos «robertos» com um pouco mais de expressão, da «*commedia della arte*» italiana, que inspiraram Poudreca

SOFRE DE AZIA, MÁ DIGESTÃO, FÍGADO, RINS, PRISÃO DE VENTRE?

CHAS MEDICINAIS HERBIS

PREPARADOS SEGUNDO FÓRMULAS DO DR. E. RICHTER, DE MUNICH (ALEMANHA)

11 FÓRMULAS — 11 QUALIDADES — 11 INDICAÇÕES

Cantando a Natureza

Eu canto a Natureza: a neve em flor das amendoeiras e Deus vou louvando, pelo mistério, do perfume e cor, que põe, em toda a flor desabrochando!

Eu canto o Céu!... seu eterno esplendor! e canto as fontes calmas... murmurando... Do sol eu canto, o brilho e o calor e as nuvens brancas no céu caminhando

Eu canto as ondas a beijar a areia, o doce mel, doirado da colmeia, a luz suave e branda do luar...

Eu canto a Vida, a Morte, a brisa, o Vento... Canto a Alegria, a Dor, o sofrimento... e vou cantando, sem saber cantar!...

CHRISTINA BERENS FREIRE

LIVROS E AUTORES

ROMANCE

HOMENS APAIXONADOS

por Carmen de Figueiredo

Carmen de Figueiredo encontra sempre bons títulos para os seus romances. Este denomina-se: «Homens apaixonados». Vemos numa linda capa de fundo azul, em último plano, um Apolo e Dafne do nosso tempo, abraçando-se na nudez forte do amor, enquanto, no primeiro, uma figura arrependida de mulher aparece junto de um escadório, sobrepujado por uma cruz. O desenho é bastante expressivo e dá-nos como que dois «passos» da condição feminina do nosso tempo.

Uma mulher, de facto, domina este romance: é Helena, que vive na província, um pouco sufocada pelo meio ambiente, a mesquinhez das pessoas, os desejos torvos que a perseguem. Não compreende a mãe, viúva, emaranhada numa aventura que o meio considera grotesca e, um belo dia, emancipa-se, indo para uma cidade estudar. Mas o sangue, a sensibilidade, o mistério da vida e, sobretudo, a maldade dos homens perturbam-na, lançam no seu caminho como que uma espessa sombra, que pisará, com os pés magoados pela jornada. Ela, porém, acredita no amor. Faz um casamento infeliz. O marido, ambicioso vulgar, mais real do que se possa supor, é determinado por uma razão egoísta e não por uma real força afectiva. Despoja Helena lentamente dos seus bens, até que a troca por outra.



CARMEN DE FIGUEIREDO

Esta última parte ocorre na cidade. Sente-se que Carmen de Figueiredo deu á heroína toda a sua simpatia.

Como salvá-la? Arrancá-la daquele calvário? Helena volta á terra natal e ali encontra alguém que ama espiritualmente. O resto é como que uma penitência religiosa. As feridas ulceradas de alma fecham-se depois de tão trágica experiência. De certo modo, Helena encontra na renúncia a tudo, menos a Deus, o caminho da felicidade e da paz.

Como sempre, Carmen de Figueiredo, que escreve com os nervos, rápida, caudalosa, mesmo febril, dá-nos um romance que é a luta entre o Mal e o Bem, determinados com vigor. Evidentemente que a criação, apesar do seu verismo estrutural, vive mais — como exprimir este paradoxo? — da exuberante ficção da autora que do movimento das figuras, dada a sua estrutura temperamental e as circunstâncias que as rodeiam. Mas sente-se a força irresistível, transbordante de um talento que devia ser coordenado e disciplinado. Por outras palavras: os dotes literários de Carmen de Figueiredo são, aqui e ali, afectados pela ansia impulsiva, pela vontade latejante de escrever sempre.

É possível que muitos dos seus leitores prefiram á primeira fase da sua obra, talvez mais sincera na expressão do pecado, na embriaguez dos sentidos, nos estros da carne esbraseada pela paixão.

Nesta nova maneira, Carmen de Figueiredo sem perder a facilidade de traçar uma história, analisar caracteres, pintar ambientes, procura como que uma resposta espiritual aos problemas da sua humanidade literária. A culpa e o castigo. O tem-

poral e a bonança. O sofrimento amargo e a alegria vitoriosa. Daí para os que, anteriormente, a acusavam de ser uma romancista «*à sensation*», talvez, demasiadamente, sensorial, esta evolução revelar como que um auto-bovayismo.

No entanto, nós considerámo-la fidedigna, natural, dentro do clima novelístico e até psíquico da autora.

Carmen de Figueiredo aproxima-se, a passos celeres, de uma verdade mais alta, de uma certeza fascinante. Verifica-se que se opera nela uma conversão. Que olha as misérias da vida, os desatinos do sentimento, as crises físicas e ontológicas, com olhos, terivelmente perscrutadores, mas que tem agora uma finalidade, não especulativa, porque deriva de um estado progressivo de consciencialização. Daí o fazer brilhar às pobres criaturas que nós somos, talvez, não amassadas em barro, mas em lodo, como que um penhor de resgate divino.

Ela pensa, porventura, que sobre o pantano humano passa a branca imagem de umas asas de esperança.

«Homens apaixonados» é, como dissemos, um título feliz, mas seria mais justo, dado o conteúdo da obra, substituí-lo por «Mulheres Apaixonadas». A figura de Helena, voluntariosa, inconformista, rebelde, tocada pela Primavera ardente da juventude, flor a abrir-se sob a rosa do Sol, a desentranhar-se em violentos e capitosos perfumes, — que, em muitos dos seus actos pretende com toda a evidência deavassar o enigma de Eiros — empolga de tal maneira a obra, que a ela devia pertencer o título feminino, que propomos. Sentimo-la vivida, estuante, espécie de «musa do departamento» balaquiana. Quando a autora lhe inflecte a linha da existência, remindo-a dos próprios desvarios e dos caçadores do «sexy», o final moralista é, embora tocante, um nadinha convencional.

Já mais de uma vez temos reparado que, na verdade, nós criticamos os romances de Carmen de Figueiredo. Ainda bem para ela. O público verá que semelhantes interrogativas e mesmo ligeiras dúvidas, sendo numa ambivalência, tão objectivos como subjectivos — como que tornam mais fortes e expressivos os elogios que lhe conferimos, sem jaca de favor, nem por mera cortesia literária.

«Homens Apaixonados» será apreciado por eles próprios e por elas também como mais uma figuração do eterno problema do amor, escrito por uma mulher, o que lhe dá um sabor especial.

Carmen de Figueiredo é corajosa e mesmo orgulhosa do seu labor e da sua independência. Vai sempre um pouco mais longe na carreira das letras, como neste romance, que merece ser lido e discutido. Antes assim de que uma obra inerte, vulgar, que se cobre de flores, muitas vezes, para a sepultar na indiferença. Eis o caso! (Editorial Século).

O Don Juan de 1956

segundo as francesas...

Através de um grande inquérito junto ás mulheres francesas, definiu-se o carácter do Don Juan ideal de 1956. Uma combinação de James Dean, Marlon Brando e William Holden.

Deve ser sensível feito um animal, gritar feito um touro, bater a cabeça contra as paredes, ser visto sempre de costas, andar de motocicleta, transpirar bastante, ser ingénio. Faz esforço para entender as coisas. Não lê muito. Provoca pena.

O Marlon Brando do «Electrico chamado desejo», nunca foi á escola e o William Holden, de «Pic-nic» foi á Universidade sómente para jogar o futebol.

O Don Juan de 1900 tinha bigode, cabelo arrumado, monóculo, dançava o tango, era muito culto e ás vezes ia á América do Sul fazer conferências.

Usava bengala. O Don Juan de 1956 é uma combinação de um animal e de Rimbaud (o poeta). Os pais não prestam. É um ser revoltado. Não usa perfume, nem gravata. Não se penteia, bebe e não sabe exprimir seus sentimentos.

A razão desta mudança está nas próprias mulheres. Em 1900, eram seres frágeis, delicados, que precisavam de protecção masculina.

Queriam, então, homens másculos, decididos, experimentados. Hoje, as mulheres são independentes. Estudam. Têm profissão. Muitas vezes superam o sexto forte. Têm paciência, coragem, ambição e por isso querem companheiros moles, delicados, preguiçosos e inúteis, sempre fracos. A mulher de hoje ama com seu instinto materno...

O CINEMA E O RISO — (3)

O herói cómico

Fazer rir uma multidão cinzenta e sucumbida é uma tarefa bem difícil. Há a história do palhaço que não teve coragem para mentir mais e chorou copiosamente. Mas o verdadeiro herói cómico sabe que ser preso por pisar a relva de um parque não é uma mentira para fazer rir. A relva dos parques tem de ser pisada ou então tudo estará perdido.

Os heróis cómicos não têm uma aparência famosa. São desajeitados e estão descompostos. Não sobem as escadas sem cair nem comem a sopa sem a entornar. Aparentemente não o fazem de propósito. São vítimas. Vítimas da sua timidez, da sua fraqueza, da sua miséria. As vítimas acontecem ser objecto de dois sentimentos: a idolatria e a chacota. Entretanto, sucede uma coisa estranha—os bobos podem ser idolatrados. São insignificantes perigosos. Porque caricaturais chamam a atenção sobre o seu esmagamento e revoltam as multidões.

A primeira vista, são idiotas. Mas têm sempre qualidades. Escondem sempre qualquer coisa. Geralmente um coração grande. Outras vezes, a coragem. Outras, a inteligência, o engenho, a habilidade. São infantis. Estão ao nível das crianças e dos animais simpáticos, burgueses, domésticos. Comem na cozinha e recebem uma carícia, ou então—o que também é vulgar—um pontapé. Não compreendem o que se passa. Mas são os mais sinceros. A sua sinceridade, a sua quase coerência marcam-nos como loucos. Não consideram todas essas ridicularias sociais que nos afogam. Desconhecem as censuras. E como são eles próprios, plenamente, são também um pouco maus, por impulso, por infantilidade, desconfortadamente.

Os heróis cómicos amam e sobem aos mastros para apanhar as estrelas. Logo não pertencem ao mundo dos adultos, não têm compostura, não estão sérios nem empinocados. Têm os sapatos rotos e arrastam um farnel. Não querem dominar a mulher e apodera-se dela. São delicados. Têm atenções e são solícitos. Põem-se vermelhos e choram. São puros, sinceros e livres. As mulheres não os querem e riem mas sem ternura e com crueldade. E' a vez do palhaço chorar. E' a hora de Canio—«Ride pagliaso».

O herói cómico é a figura deslocada, que estraga, que movimenta—o inconveniente, o garoto que se vai mandar calar. E' isso exactamente. E' preciso mandar calar o palhaço. Não está quieto um



momento. Revolve tudo. Façam-no parar antes que ele revolva o Mundo.

—Eh, bobo! Pára!...

Mas não. Ele enfrenta-nos. Faz piruetas, larga a correr para os campos e chama-se Tom Sawyer. Ou então precipita-se para uma porta, destroça-a, salva uma jovem e chama-se Calvero. Ou ainda diz-nos que caiu da Lua, tem uma pluma branca, um nariz disforme e chama-se Cirano de Bergerac.

Acabemos com eles. Agarremo-los um a um e batamos-lhes muito, a todos, sem parar. E então, sim, o riso acabaria—porque todos os homens verdadeiros estariam por terra.

ARTUR' PORTELA (Filho)

EXITO★

teatro - rádio - cinema -

O GRANDE RITO

por JORGE MOTA

«Jazz». «Jazz» e religião. Não apenas música, sons, pausas, estridências e harmonias, mas também fé, adoração, misticismo.

Uma sala pequena, baixa. Ao fundo um balcão, onde se vende café. Estávamos todos sentados, nas várias filas de cadeiras. Um quarenta pessoas. Depois armou-se o «altar» para a celebração do rito. Um pick-up e discos. E o sacerdote, que usava óculos escuros e paletó cinzento, saudou-nos. Não disse «A paz seja convosco», mas felicitou-nos pela nossa comparência. Ai de nós! A seita era ainda perseguida! Os seus inimigos eram inumeráveis e encarniçados. Mas a Verdade triunfaria! E toda a assistência estremeceu. E quase julguei ouvir gritar: «A Jerusalém! A Jerusalém!», após o que se procedeu à audição de um «jazz-band» de cinco pretos.

E as preces começaram, fervorosas, ardentes, sinceras! A assistência estremeceu ritmicamente, abanava a cabeça e descrevia vagos gestos com as mãos. Os olhos reviravam-se e mostravam o branco.

Os cinco pretos cessaram de assoprar, raspar e arrastar. E o êxtase desapareceu. Sorrimos uns aos outros.

O pregador fez notar a deliciosa —oh! verdadeiramente deliciosa!— ingenuidade daqueles primeiros crentes. E toda a assistência abanou verticalmente a cabeça. Seguidamente o pregador historiou as diversas fases que o dogma atravessara. E, triunfantemente, anunciou aos fiéis a Pedra Negra, a Grande Maravilha, a Revelação e a Verdade. Verdade de 1900, verdade de sempre! Houve um silêncio comovido. E o Grande Sacerdote local entrou na sala. Era gordo, usava um casaco verde e tinha sapatos amarelos. Saudou o colega e olhou o «altar». Sim, tudo estava preparado. A assistência esperava, sem respirar. Alguém, desorientado pela solenidade, perdido em místico devaneio, perguntou que horas eram. Responderam-lhe que eram quatro e meia e que se calasse. O Grande Sacerdote manuseou o instrumento da fé. O disco girou, a agulha adaptou-se aos sulcos traçados no plástico negro, e mais cinco pretos começaram a assoprar, raspar e arrastar. Mas um deles soprava mais forte. Ora entusiástica e violentamente como uma fanfarra, ora lenta e desesperadamente, como num funeral. Diminuiu o sopro até tornar

o som num assobio, e aumentava-o progressivamente, provocando tempestades nos outros quatro pretos.

O Grande Sacerdote cumpria o rito, bambolecando-se extaticamente, ora num pé, ora no outro. E o fumo do seu cigarro parecia formar-lhe halos acima dos cabelos engordurados.

O som cresceu, cresceu, tornou-se num grito triunfal, fez uma pirueta e eclipsou-se. O Grande Sacerdote desceu à terra, e aproximou-se do «pick-up». Pegou no instrumento da fé, soltou um berro e deu um salto. —Bolas! Esta porcaria dá choque! Vários «derviches» precipitaram-se para o altar. Verificou-se que o instrumento da fé estava escangalhado, e procedeu-se ao seu restauro. Toda a gente falou então em vários outros instrumentos religiosos—como agulhas, transformadores e escovas.

O Sacerdote pregador tomou de novo a palavra. A Verdade, como nós havíamos verificado, era Bela, extraordinariamente bela! Mas aíl! Ao lado da Verdade nasce sempre a Mentira, rasteira e baixa. A minoria invadiu a verdadeira fé, e as seitas dissidentes surgiram e proliferaram os herejes. E em largas frases, o pregador lançou o anátema sobre os bárbaros da «Dixie-Land Jazz-Band», os «meninos swing» e o «Rock'n'Roll». A assistência estremeceu de horror e ódio, e ouviu vagas referências a patibulos e fogueiras. Seguiram-se exercícios de glossolalia, gargateados pela Sacerdotiza Máxima, que entoou uma coisa denominada canção sem palavras. Então, despreocupadamente, o sacerdote pregador lançou no espaço o nome de Beethoven. Fiquei atarracado! Beethoven! Que blasfémia! Era demais! Era tentar a divindade!

Esperet, agachado, o fogo-celeste. Mas não aconteceu nada. Absolutamente nada. Apenas alguém, ao fundo, pediu um copo de água, em voz melancólica. Respirei. O pregador retomou o fio da arenga, expondo os martírios que suportam os verdadeiros fiéis para ouvirem a revelação da Verdade. Insultos, risos e choques eléctricos.

Terminou, exortando os fiéis a comparecerem no seu templo pessoal, onde o contacto com a Revelação e o Dogma se faz através do sistema da alta fidelidade.

E, enternecidos por tão evidente prova de fervor, louvamo-lo em nosos corações!

«Teatrascópio» com palcos que entram na plateia e cabines giratórias

Mannheim, centro de grande cultura teatral — data de 1775 a sua primeira casa de espectáculos e ali se estreou, sete anos depois, a revolucionária peça de Schiller, «Os ladrões» — ergueu agora o teatro mais moderno da Europa. O Nacional fora destruído em 1943, por uma bomba, poucas horas depois de ter descido o pano sobre uma nova arrojada montagem de Weber. O novo teatro, em forma de trapézio, custou 18 milhões de marcos e comporta 1.200 espectadores, podendo o palco abrir-se em «tratrascópio» réplica ao cinemascópio. A cena giratória mede 17 metros de diâmetro, havendo ainda no mesmo edifício, uma segunda casa de espectáculos para 600 a 800 espectadores. Para assegurar a deslocação das cenas em sentido vertical, construiu-se uma torre de 33 metros e meio. O piso da Praça Goethe, onde está construído o edifício, como que se prolonga pelo edifício dentro, até ao «hall» que mede 21 metros quadrados. Nesse «hall», foram colocados alto-falantes, destinados a transmitir o espectáculo aos espectadores retardatários que só terão licença de entrar depois de começar o intervalo. Na sala de espectáculos, ficou-se uma diferença de 4 metros e meio, entre a primeira e a última fila da plateia. O teatro é seccionado, para obter efeitos de acústica e de luzes, a incidir sobre o palco. Possui 200 projectores, 32 lâmpadas de horizontes, 10 compressores, aparelhos de projecção normal, 4 de projecção xenon e 50 dispositivos de luz, de outra natureza. E, ao passo que a «sala grande» obedece às linhas tradicionais, a «pequena» é uma revolução: a moldura do palco pode ser retirada, este pode avançar até ao meio da plateia e descer até ao seu nível, removendo-se, para o efeito, algumas filas de cadeiras.

Para a apresentação de óperas de Camara, construiu-se um fosso de orquestra retirável, no decorrer de outros géneros de espectáculo. As cadeiras da plateia têm só uma perna e são giratórias, para que o espectador possa, assim, á-vontade, seguir o movimento das cenas e das figuras.

Crítica de discos

PHILHARMONIA PROMENADE CONCERT

Estamos no ultimo quartel do século XIX. Bismark esmagou Napoleão III. Lemos os naturalistas e os positivistas. A Inglaterra industrializa-se. A Prússia arma-se. A França escreve. A Austria canta. Estamos no «fin du siècle», vestimos paletó justo, chapéu de coco, sapato de verniz e usamos um flamante bigode com muita brilhantina. Estamos eufóricos. E' o fim de qualquer coisa. Sentimo-lo.

A Europa ouve Johann Strauss, Weinberger, Offenbach. Ouve-os e desce aos Campos Eliseos e pasce uma que uma orquestra notável reia-se pelo Ring de Viena. E' este sob a batuta do inteligente Herbert Von Karajan faz reviver.

Assim, como Degas e Toulouse-

se-Lautrec, Anatole e Zola, estas peças musicais, aparentemente fáceis e frívolas, definem um estilo de vida e uma mentalidade ou, pelo menos, contribuem para isso.

Karajan ergue a batuta e ouvimos «The skaters» (Les patineurs), de Waldteufel, o chamado «Strauss francês», que nos sugere as tardes de Inverno no bosque de Bolonha, os lagos gelados, donzelas que escoregem com as suas montanhas de saias. Depois vêm o «Tritsch-Tritsch», do Johann Strauss n.º 2, muito jovial, uma gargalhada em ritmo, e «Radetzky March», do I. Strauss, vigorosa e arrebatadora. São de Chabrier uma «Espanha» violenta, de cromatismo intenso, e uma «Joveuse March», irónica e delicada. Supnê está representado nesta esplêndida colecção com a celebrada «Light Cavalery», brilhante, de parada militar com muitos tambores, medalhas, dragões e sol a pino. Ainda uma peça de Weinberger, uma polca, onde ressoam as passadas dos garbosos tenentes de cavalaria e as corridas das mais belas parisienses. E no final, o «clou», o gigante «Orfeu nos Infernos», de Offenbach, que enchia os teatros alvoroçando a plateia, enchendo de gozo a burguesia do camarote e alucinando as galerias. Herbert Von Karajan conduz a sua orquestra com vigor, impondo-lhe unidade. «La belle époque» está aí num disco e nós, os seus netos, devemos ouvi-la. Afinal foi um tempo admirável que não devemos desconhecer ou desprezar.

A gravação, de «His Masters Voices», é perfeita, clara, de excelente sonoridade.



O maestro Herbert von Karajan



Brigitte Bardot e Yves Robert formam o par amoroso cómico do grande filme «As Grandes Manobras», de René Clair, compartilhando assim das honras da interpretação, ao lado de Michèle Morgan e Gérard Philipe, que tão notavelmente encarnam as figuras dos protagonistas. «As Grandes Manobras» continua a registar encontros consecutivos nos São Luiz e Alvalade e vai ficar, sem dúvida, como um dos maiores êxitos da temporada

televisão

Um invento espanhol:

o «Hispanoscópio»

MADRID, 18.—A Espanha participa, pela primeira vez oficialmente, no VI Salão de Inventores, a celebrar em Bruxelas no próximo mês de Março. Em 1900 o número de patentes registadas no Registo da Propriedade Industrial era de 25.100 inventos, em 1936 de 133.755 e na actualidade anda por 300.000. Até à data estão aprovados pela delegação espanhola para enviar a Bruxelas cerca de 500 patentes, entre elas a do Hispanoscópio, que supera tecnicamente o cinematoscópio por carregar apenas de duas lentes em vez das cinco. Lisboa viu há pouco um documentário em hispanoscópio, em cores, mostrando os castelos e palácios de Espanha, e também o filme «La Gata», em espectáculo especial a favor das vítimas dos acontecimentos da Hungria. A Fox-Filme, após experiências em Paris, contratou com os inventores o fabrico do hispanoscópio durante cinco anos, em Espanha e no estrangeiro. Os inventores são quatro: Aurelio Lerroux, filho adoptivo do falecido chefe republicano; Angel Perez Palacio e seu filho Angel Perez Vaquero, e o capitão de Engenharia Carlos Maillou. Trabalharam muitos anos neste e noutros inventos, e o hispanoscópio serviu já para vários documentários e três filmes de grande metragem. Do hispanoscópio, dizem, segundo nos informa a agência Efe:

«O nosso sistema supera o cinematoscópio e semelhantes processos estrangeiros que operam com objectivos anamórficos de eixos verticais, ao passo que o nosso apresenta equipas completas de rotação com jogo duplo de objectivos anamórficos, uns com lentes cilíndricas de eixos verticais, para os movimentos verticais da câmara, e outros com lentes cilíndricas de eixos horizontais para os movimentos e panorâmicas.

«O nosso sistema supera o cinematoscópio e semelhantes processos estrangeiros que operam com objectivos anamórficos de eixos verticais, ao passo que o nosso apresenta equipas completas de rotação com jogo duplo de objectivos anamórficos, uns com lentes cilíndricas de eixos verticais, para os movimentos verticais da câmara, e outros com lentes cilíndricas de eixos horizontais para os movimentos e panorâmicas.

Marcel Carné

dirige um novo filme

Marcel Carné está actualmente na Jugoslávia, para dirigir o primeiro dos filmes realizados em regime de co-produção entre aquele país e a França.

A nova obra de Carné intitula-se «O preso» e o argumento foi escrito por aquele cineasta e por René Wheeler. A acção gira em volta de um violento incêndio ocorrido na Argélia. Para intérpretes foram escolhidos Anthony Quinn, Raf Vallone, Yves Montand, Paul Meurisse e Henry Vidal. Os papéis secundários estão a cargo de actores jugoslavos.

RADIO

A Emissora Nacional transmite, semanalmente, um programa dedicado às crianças e um outro para os jovens ouvintes. O primeiro vai para o ar todos os sábados, às 19 horas, dirigido pela sr.ª D. Maria Madalena Patacho; e o segundo pode ser escutado e tem a direcção de Odette de Saint-Maurice e Noel de Arriaga.

Na América, continua a afirmar-se o movimento de educação de adultos pela Rádio. Na Colômbia, o emissor de Sutatenza emite, diariamente, seis horas, um programa destinado a ensinar a ler e escrever, que pode ser ouvido nos receptores dos particulares e em 6.000 instalações de escuta colectiva.

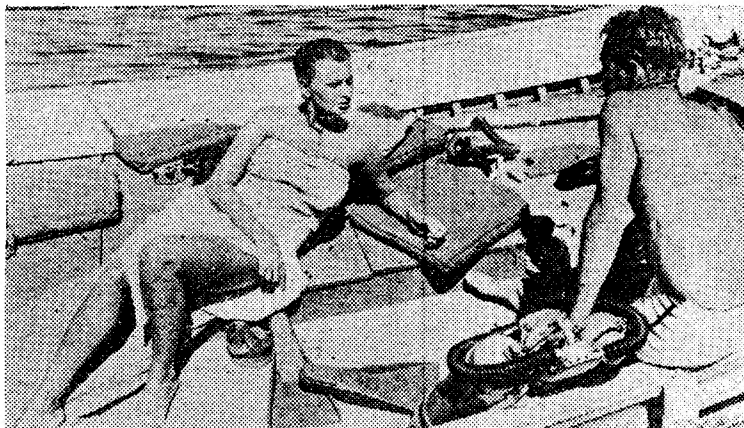
Um bom actor

Temos, indiscutivelmente, um grupo de bons actores. Não serão muitos os que podíamos distinguir sem olhar a idades nem a escolas, mas são em numero suficiente para poder concluir que a carência não é absoluta. Em todo o caso, seria lógico perguntar, até que ponto a maioria dos actores são capazes de ser «artistas» no sentido mais fundo da palavra. Esquecerão acaso «quem são», ao apresentar cada nova personagem?

Em boa verdade, em regra, cada actor se limita a parecer quem é, a representar a «sua maneira». Não apaga de si próprio a sua personalidade nem apagará em nós, que o vemos, a imagem de quem é. E nisto está, afinal, a prova negativa da sua criação artística. Por muito amigos e admiradores que sejamos do actor A ou da actriz B, preferíamos ver n'elles não quem são mas quem deviam parecer. Só assim se realizará, na verdade, o milagre teatral. Milagre sem o qual não haverá teatro, porque este é a expressão da diversidade de caracteres da fauna humana. Nunca o desfile de uma distinta colecção de actores...



Uma equipa de cineastas, dirigida pelo veterano John Huston, está actualmente na ilha Tobago, das Índias Ocidentais Inglesas, a rodar a película Heaven knows, mr. Allison, onde se conta a história de guerra, passada na campanha do Sul do Pacífico, durante a última conflagração mundial. A nossa imagem reproduz um dos momentos dos trabalhos de filmagem de uma das cenas do filme. No barco de borracha «viajam» os dois principais intérpretes: Deborah Kerr e Robert Mitchum. No outro barco seguem os técnicos encarregados de filmar a cena. Como o filme é em cinemascópio e o fundo da imagem tem belas sugestões vegetais dos trópicos, justifica-se que a publiquemos a três colunas, tal e qual como nos actuais grandes «ecrans» das salas de projecção



O realizador Jean Negulesco está agora a dirigir Sophia Loren, Alan Ladd e Clifton Webb, que são os principais intérpretes do seu filme «Boy on a Dolphin», uma produção em cinemascópio. Parte da acção passa-se debaixo de água, explorando o tema agora tanto em voga. Na fotografia vemos os dois primeiros citados artistas, conversando num intervalo de filmagens



CINECLUBISMO

O movimento cine-clubista cresce, intensifica-se e reforça-se. E' actante, divulga, cumpre a sua missão. Estamos a receber programas de muitos cine-clubes, todos eles activos e na sua maior parte inteligentemente dirigidos.

Assim do cine-clube do Porto, que já organizou cerca de 230 sessões, enviaram-nos programas de exibição de películas do maior interesse como «Sob o céu de Roma», «Shane», etc. O cine-clube da Figueira da Foz remeteu-nos um programa com excelentes linéoleos de António Quadros e trechos alusivos aos filmes «Domingo de Agosto» e «Raparigas de Roma». Um dos cine-clubes mais activos é o de

Coimbra, com cerca de 80 sessões, algumas delas infantis. O A B C cine-clube de Lisboa enviou-nos, com os folhetos das sessões 109.ª, 110.ª, e 111.ª, o relatório e contas da sua acção. Chegam-nos de Faro notícias de sessões do cine-clube local, onde se exibem filmes fundamentais. Apraz-nos registar, em traços gerais, a acção de um movimento que sabe o que quer e para onde vai.

Nicolau Gogol

no Teatro Nacional

O Nacional, enquanto prefere a grande «trilogia incensura», ultima, para fins desta semana, os ensaios de «O revisor», comentário admirável á vida russa — sobretudo a vida administrativa — do século XIX. «O revisor» apresentado em 1836, é hoje uma peça fundamental da literatura naturalista russa, escrita no profundo e saboroso estilo cáustico de Nicolau Gogol. Pela primeira vez, o autor de «Almas mortas» será representado em Portugal. A montagem da peça, que vai confirmar o talento de quem a subscreeve, o actor Pedro Lemos, será um dos motivos mais prestigiosos do espectáculo. O 1.º e 2.º actos, como os dois ultimos, são ligados por uma sequência musical e bailado. Os cenários são de papel pintado, no melhor estilo da velha farsa que pelo que tem nela de eterno e imutável constitui ainda hoje uma espantosa crítica social, com verdadeiro espírito crítico.



Monica Lewis, uma das melhores vozes da Rádio americana

O teatro britânico também está em crise...

—A dignidade morreu com a rainha Vitória! E' assim que a escritora Enid Bagnold define, pela boca de uma das suas personalidades, na peça «The chalk garden», a moralidade britânica.

Ora, as actividades dessa moralidade precária fiscalizam-se em Inglaterra, no que respeita ao Teatro, através de uma puritana Censura Municipal (sobretudo no que respeita a peças francesas e americanas), que é inexorável quando se trata de ousados problemas freudianos, ou de comentários de carácter social mais contundentes. A censura exerce-se, a peça não se representa nos teatros publicos (chamemos-lhe assim, em relação aos outros, por simples eufemismo) e a Inglaterra continua a representar Shakespeare, para «Tout Londres», ou seja, a elite dos «businessmen» a média e alta burguesia e a aristocracia. O povo fica de lado. A juventude também, não só porque o teatro é relativamente caro em Inglaterra mas também porque o teatro inglês não lhe fala dos problemas nem da vida do seu tempo.

A verdade é que em Londres quem diz «veneno» diz «contra-veneno». Subtraindo-se á acção da censura, em regra as peças proibidas são representadas nos teatros dos clubes, para os seus sócios que chovem como cogumelos. A verdade é que o povo não frequenta os clubes. E então sucede que quem vai ver essas peças (á parte o que representa a substancial presença de jovens) é a mesma gente que a não pode ver nos palcos comerciais...

Foi assim com a «A view from the bridge» (A. Miller) será assim com «Tea and sympathy» e com «Cat on a hot tin roof». E foi assim também com «Look back in anger», de John Osborne, donde foi extrahido o filme que passou em Lisboa com o título de «Fúria de viver». Um jovem de 27 anos (o autor) conseguiu, através de uma peça, de frágil construção e idealismo, pôr na boca das suas personagens palavras que são as que afloram aos lábios da juventude vinda da última guerra. Daí a fúria com que os jovens (os velhotes não gostaram...) se atiraram á peça que se manteve longo tempo no cartaz. Era apresentada pelo English Stage Company que fazia a sua estreia sensacional. Por capricho do destino, porém, a segunda peça da sua temporada («A boa senhora de Sé-Tchonan», do alemão Bert Brecht) foi um autêntico fracasso. Esteve apenas um mês em cena, porque o publico jovem que aplaudiu «Fúria de viver» recusou-se a pensar nos problemas que o autor lhe propôs...

Decididamente, o publico inglês despresa a melhor obra do autor de «Mere Courage» que foi há dois anos em Paris, uma das grandes revelações de Berlim-Leste.

Londres continua, portanto, a ver Shakespeare e Wilde. Por muito favor também Shaw, Kipling. E por maior favor, Noel Coward, cuja ultima peça foi um êxito. Intitulava-se «Nude With a violin» e foi o verdadeiro «who's who» do «Tout-Londres» — homens de negócios, aristocracia, alta e média burguesia...



ADIEU PARIS... num acenar de lenço branco da jovem actriz Nicole Maurey, que filmou, em França, a película «Acção imediata» e teve de partir, de avião, para Oran, onde foi apresentar um outro filme americano, onde tem como co-protagonista o popular Mickey Rooney

ECOS DE PARIS

H. G. Clouzot continua a dirigir as filmagens de «Espíritos», que continuam em ritmo acelerado.

«Retour de manivelle», cuja acção se passa na Côte d'Azur, tem como principais intérpretes Michèle Morgan e Daniel Gélin.

Jacqueline Audry, no seu filme «La garçonne», evoca a atmosfera boémia de Paris, nos anos de 1920 a 1925.

O papel de «gangster» volta a ser interpretado por Jean Gabin, no filme «Le rouge est mis».

A FÁBRICA "RIOPELE", ALÉM DOS JÁ CONHECIDOS TIPOS *Rioplex*

TROPICAL
GABARDINE
PALM-BEACH
ZEBRALINE

Apresenta como novidades:

CASEMIRAS E
PRÍNCIPE DE GALES

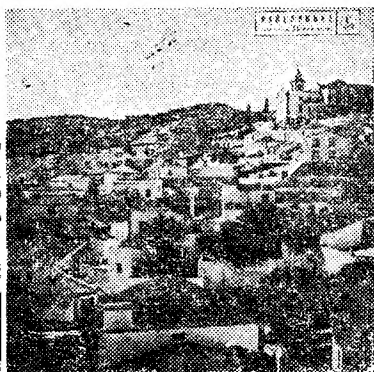
Rioplex DISTINGUE-SE PELA SUA QUALIDADE E SOLIDEZ DE COR
IDENTIFICANDO-SE PELA MARCA NA OURELA

Rioplex - Reg - Portugal

DISTRIBUIDORES GERAIS: JOAQUIM DIAS FERREIRA & C.A. L.D.A. - LISBOA



NOVOS DISCOS PORTUGUESES MICROGRAVADOS



FADO, CANÇÃO DE LISBOA
por CARLOS RAMOS

Canção do Natal
Sabes bem
Maria da Graça
Biografia do fado
Meu bairro alto
Súplica
Adeus Mouraria
Podes dizer que sou teu

Columbia 33CS 20

MÃE PÁTRIA

por MARIA DA CONCEIÇÃO

Sinal da cruz
Rosário de fadistas
Janelas de namorar
Triste viuvinha
Ai Mouraria
Pode ser mentira
Canção do mar
Mãe preta

Parlophone CPMD 10



CANTARES DE PORTUGAL

MARIA CLARA
Senhora de Alcamé
Ai minha mãe
JIMMY
Faia
Aquele rua
MARTINHO DA SILVA
Mar eterno
Ondas sagradas
CELESTE RODRIGUES
Marcha de Junho
Sim sim, não não

Parlophone SPMD 12



EM GRAVAÇÕES

Columbia



Parlophone



EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
Rua Nova do Almada, n.º 97 - LISBOA
VADECA - R. de St.º António, 210 - PORTO



MATERIAL DE LUBRIFICAÇÃO

★
EQUIPAMENTOS COMPLETOS
PARA UMA MODERNA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO

★
OS MOTORES PNEUMÁTICOS
DAS BOMBAS DE LUBRIFICAÇÃO
SÃO GARANTIDOS POR
VINTE SETE MESES

★
REPRESENTANTE EXCLUSIVO.

AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBerdade, 73-79
LISBOA



P. ANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, L.da
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Em VISEU o «Diário de Lisboa»
encontra-se à venda na casa Domingos
& Agostinho.



Um relógio de primeira
categoria por um
preço acessível.

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO «SEMPRE FIXE»



**COMPANHIA
COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO**

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«BENGUELA»
15 de Março

Com escala por Leixões, para: S. Tomé (quando necessário), Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town (quando necessário), Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia. Carrega em Lisboa até 12 de Março.

«UIGE»
22 de Março

Com escala prévia por Leixões, para: Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 15 a 17 de Março.

«IMPÉRIO»
25 de Março

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique. Carrega em Lisboa até 21 de Março.

«AMBOIM»
30 de Março

Com escala por Leixões, para: Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa até 27 de Março.

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens.

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ»
11 de Março
As 12 horas

Com escala por Funchal para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
1 de Março
e 1 de Abril
As 16 horas

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana, e Port Everglades (Miami).

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

CAMPINOS

Restaurante típico
Cartaxo — Telefone 18

Publicações

«Revista do Gabinete de Estudos Corporativos»

Com a publicação do volume n.º 28, completou a «Revista do Gabinete de Estudos Corporativos» o seu 8.º ano de existência. No editorial, o director da revista faz algumas considerações sobre a necessidade, oportunidade e justiça de concepção da recente proposta de lei sobre a criação de federações de Casas do Povo.

O prof. Emanuele Morselli assina os artigos intitulados «Aspectos corporativos das finanças dos entes administrativos institucionais» (conclusão) e «As despesas sociais». Publica-se também «O Cooperativismo como solução?», pelo dr. Raul da Silva Pereira. Nos trabalhos do gabinete, o dr. Adérito Sedas Nunes conclui o seu trabalho sobre «Os Sindicatos no ensino social da Igreja».

Seguem-se a publicação integral da exposição ao Conselho Económico sobre o Plano de Fomento para 1959-64 e as habituais secções de notas várias e ecos.

Demonstrações práticas da técnica da panificação em Almeirim e Santarém

No domingo, em Almeirim, uma brigada de técnicos dos Serviços de Panificação da F. P. F. H. fará, com o patrocínio do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, demonstrações práticas do fabrico de pão «extra», de ramas e de milho e pão doce regional, este último segundo fórmula estudada especialmente para a região ribatejana.

Em Santarém, no Centro Cultural Scalabitano (antigo Teatro Taborda), o sr. eng.º Vitor Moreira fará, às 15 horas, uma palestra sobre a evolução da arte de panificação seguindo-se a projecção de dois filmes. No pavilhão Abidis, será oferecida uma merenda.

O preço do sal e as razões que explicam um aumento exagerado

A propósito do artigo que há dias publicámos sobre o sal, escreve-nos um leitor a manifestar a sua satisfação por ver assim tratado um assunto de tanto interesse e acrescentar mais alguns esclarecimentos valiosos. Segundo nos diz, a razão principal das dificuldades actuais, e do excessivo preço do sal, é a existência de um verdadeiro interposto entre o armazenista e o retalhista, de cuja intervenção resulta um aumento de 20 % a 30 %.

Em qualquer actividade, como, por exemplo, nas mercearias, o armazenista de Lisboa e Porto tem a função de servir, dentro das cidades, os retalhistas ou entidades autorizadas a comprar-lhe, e os armazenistas da provincia têm os preços dos géneros ligeiramente sobrecarregados. Com o sal, não sucede assim, pois a existência de duas espécies de armazéns resulta num acréscimo de encargos, que, fatalmente, se reflecte no preço final da mercadoria.

Cita-nos o nosso correspondente o que se passa, por exemplo, com os salgados do Porto. O armazenista vendia, até há pouco, o sal na base de 360\$00 a tonelada. Ao dar-se a importação do sal espanhol, fixou a Comissão Reguladora uma taxa para o Fundo de Compensação, na importância de 130\$00. Estabeleceu então uma tabela de venda do armazém grossista para o distribuidor, de 482\$00, por tonelada.

Se, na realidade, a venda não tivesse, dentro das cidades, outros intermediários, o armazenista poderia fazer entregas nos retalhis-

tas por esse preço, acrescida de mais 60\$00 ou 70\$00, cada tonelada para transportar e, assim, o comércio e a industria local poderiam obter o produto por 550\$00 ou 560\$00 cada tonelada.

Mas tal não se dá e então o armazenista grossista só pode vender ao armazenista distribuidor, que carrega o sal para os seus armazéns, conspurcando-o mais e depois procura vendê-lo a 700\$00 e 800\$00 cada tonelada ou sejam de 140\$00 a 240\$00 cada tonelada a mais do que devia.

E conclui perguntando: «Para quê, pois, duas classes de armazenistas?».

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas, quando munidos do respectivo «Cartão de Identificação», reduções em todas as classes:

ALEMANHA: Feira de Francfort s/ Meno (de 10 a 14 de Março); Feira de Hannover (de 28 de Abril a 7 de Maio).

BÉLGICA: Feira de Bruxelas (de 27 de Abril a 12 de Maio); Feira de Liège (de 27 de Abril a 12 de Maio).

Pedir esclarecimentos:

—Na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio)

—no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia) — Telef. 84 84 71.



Uma fotografia ligeiramente atrasada mas ainda actual: o duque de Edimburgo, em Gibraltar, antes que o «Britannia» largasse para águas portuguesas, enverga a combinação dos aviadores para participar em exercícios aeronavais. A seu lado está o «wing-commander» F. Buckle, chefe de um esquadrão aéreo do comando costeiro

As obras na Avenida

Fontes Pereira de Melo

No próximo dia 28, são abertas, no Pavilhão dos Desportos, as propostas para o concurso da empreitada da reconstrução da Avenida Fontes Pereira de Melo, cujas obras estão orçadas em 2.684.000\$00.

Foi aberto concurso para a empreitada da construção da Praceta da Travessa do Outeiro, cujas obras estão orçadas em 107.900\$00.

Dizem os leitores...

Pasteis com micróbios

O sr. Eugénio Pina Machado dirigiu-nos a seguinte carta, que publicamos gostosamente, por se tratar de um assunto que interessa, praticamente, a toda a população, e ao qual já nos referimos em outras ocasiões:

«Desculpá v. o espaço que roubei, mas, como por intermédio do jornal que dirige muito de proveitoso se tem conseguido, mais uma vez a sua intervenção poderia ser bastante útil á causa publica.

Ontem, sentado á mesa de um dos principais «cafés»-restaurantes, tive o cuidado de observar que em diversas mesas se serviam pasteis de toda a qualidade, em pratos ou bandejas totalmente descobertos. Estavam em redor dessas mesas, entre 5 e 9 pessoas, que conservavam na mesa os referidos pratos com bolos, até se levantarem.

Os pasteis estiveram, portanto, expostos a perdigotos, gafanhotos e mesmo aos espirros de alguns constipados que os não puderam reprimir. E ao fim e ao cabo, o empregado retirou os bolos e pregou com eles no balcão e deste para a vitrine depois de estarem duas e três horas expostos a todos os micróbios.

Um novo cliente pede pasteis, ao balcão ou á mesa, e tem de grammar estas especialidades, com todo o gosto, porque o sabor continua a ser agradável.

Ora, senhor director, parece que devia ser estudada a forma de evitar estes perigos, obrigando-se os senhores pasteleiros, que pouco mais gastariam, a embrulhar os pastelinhos, tão saborosos, mas tão perigosos, em papel próprio, transparente, e quem os abrisse, teria de os comer e pagar, está claro.

Se v. conseguir fazer higienizar esta industria, prestará um grandíssimo serviço aos gourmets lisboetas».

Eu pensava que a minha camisa estava branca, antes de ver a tua lavada com OMO

VIVA O PÓ AZUL QUE PRODUZ MONTANHAS DE ESPUMA

Mergulhe a roupa suja na maravilhosa espuma do Omo, e agite. A água torna-se instantaneamente escura. O que é que isto prova? Que a sujidade passou imediatamente do tecido para a água. Exactamente, com Omo não é preciso esfregar. Sem o menor esforço a sua roupa fica radiosamente branca. Ela tem a brancura Omo.

Use Omo para todas as lavagens, mesmo as mais delicadas que se fazem em água fria, porque mesmo em água fria, Omo produz montanhas de espuma.

OMO lava mais branco

TAMANHO GRANDE 8 \$ 00
TAMANHO NORMAL 4 \$ 50

DIÁRIO DE LISBOA

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21 e 45—«Amor à antiga».

MONUMENTAL—A's 21,45—«A S. mulher do milionário».

AVENIDA—A's 21,45—«O palco da vida».

TRINDADE — A's 21,45 — «Antigona».

APOLLO—A's 21,45 — «Manequins».

MARIA VITÓRIA—As 20,30 e 22,45 «Toca a musica».

A B C—As 20 e 45 e às 22 e 45—«Já cá cantas».

COLISEU—As 21,30—Nova companhia de circo.

TIVOLI—«A castela do Líbano».

SÃO LUÍS — «As grandes manobras».

POLITEAMA—«No limiar do desconhecido».

EDEN—«Pão, amor e...».

SÃO JORGE—«O homem do momento».

MONUMENTAL — «Perdeu-se um marido».

CONDES—«Ao longo das ruas».

CAPITOLIO—«A primeira caixa viajante».

ALVALADE—«As grandes manobras».

CAPITOLIO—«Bandido».

ODEON—«A dama valente».

TERRASSE—«Homem até ao fim».

AVIS—«Casa Ricordi».

IDEAL—«O sabre e a flecha».

RESTELO—«O medo de amar».

EFEMÉRIDES

No dia 21 de Fevereiro de 1613 foi proclamado Tzar da Rússia o primeiro dos Romanoff, Miguel. No mesmo dia de 1817 nasceu em Valadolid o poeta Zorrilla, e no ano de 1837 a poetisa Rosalia de Castro.

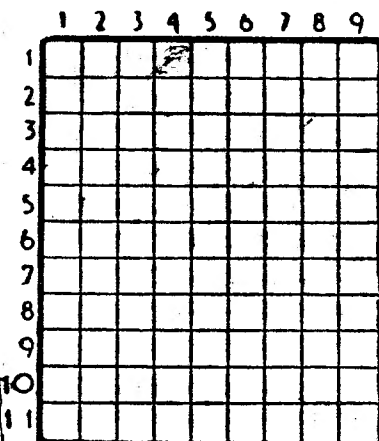
FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO M — Marques — Estrada d. Benfica, 648, Tel. 780096; Vitex — Estrada de Benfica, 300-A, Tel. 780548; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Santa Maria — Avenida 5 de Outubro, 283-A (próximo à Av. 28 de Maio), Tel. 763016; Laranjeiras (Das) — R. Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Baptista — R. Francisco Tomás da Costa, 3-C, Tel. 771873; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Rio de Janeiro — Avenida Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 721409; Alentejo — Avenida da Igreja, 28B, Tel. 777282; Belmar — Avenida de Roma, 53-A, Tel. 776314; Central do Areeiro — Avenida de Paris, 2-A, Tel. 720820; Providência — Rua D. Filipe de Vilhena, 9-C, frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Branco — Avenida Duque de Loulé, 61-65, Tel. 45043; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 391136; Marluiz — Calçada da Picheleira, 140-B-C, Tel. 720703; Brito — Rua do Vale de Santo António, 7-9, Tel. 840125; Anunciada — Rua do Vigário, 74, Tel. 23760; Progressiva — Rua de Santa Marinha, 18, Tel. 84799; Dimar, Ld. — Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 842533; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843331; Laboratório Brasil (Do) — Rua Alves Torgo, 29-31, Tel. 46843; Renascença — R. Damasceno Monteiro, 104-A-B, Tel. 831504; Magalhães — Avenida Almirante Reis, 4-D a 4-F, Tel. 49479; Imparcial — Rua General Taborda, 28, Tel. 41031; Porfírio — Rua Francisco Metrass, 59, Tel. 663349; Gama — Calçada da Estrela, 130, Tel. 660339; Bcm Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454; Lídia Almeida — Calçada da Ajuda, 170, Tel. 637318; Santo Amaro — Rua Filinto Elísio 29-A-B, Tel. 637070; Proibidade — Rua de Alcantara, 15-A-B, Tel. 638589; Infante Santo — Rua do Olival, 290, Tel. 661003; Esperança — Rua da Esperança, 134, Tel. 662784; Cunha — Rua da Escola Politécnica, 16, Tel. 25455; Ultramarina — Rua de S. Paulo, 101, Tel. 21771; Fração — Rua Eugénio dos Santos, 72, Tel. 28180; Silva Carvalho — R. dos Fanqueiros, 126, Tel. 26575; Durão — Rua Garrett, 90-92, Tel. 24166-A.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1817



HORIZONTAIS: 1 — Assunto. 1car. 2 — Sapo do Amazonas. Cincho. 3 — Província de Portugal. 4 — Nome de homem. 5 — Observa. Norma. Poeta. 6 — Branco. Renque de árvores. 7 — Batráquio. 155 em romano. Escarneci. 8 — Fazer chio. 9 — Modelar. 10 — Ena! Frequentavam. 11 — Nome duma flor. Rente.

VERTICAIS: 1 — Alto af! Avarenta. Símbolo químico do érbio. 2 — Data célebre. Prônimo pessoal. Piedoso. 3 — Pessoa ruim. Partidos. 4 — Calçado de borracha para a chuva. 5 — Oportunidade. Macia. 6 — Estriavam. 7 — Limpo com água. Fronteira. 8 — Decametro quadrado. Preposição. Chefe etíope. 9 — Letra grega. Transmisit gratuitamente a outrem. Nociva.

Solução do problema n.º 1816

HORIZONTAIS: 1 — Pai. Ulo. 2 — Açama. 3 — Im. Ena. Ré. 4 — São. XIV. 6 — Cr. Vã. 7 — Taramelas. 8 — Aru. Ama. 9 — Vê. Oca. Er. 10 — Clara. 11 — Toa. Ura.

VERTICAIS: 1 — Disputava. 2 — Mãe. Are. 3 — Aa. Cru. C6. 4 — Icc. Era. Olá. 5 — Anel. Moca. 6 — Uma. Ave. Aru. 7 — Lá. Ala. Ar. 8 — Rim. Ame. 9 — Devassara.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSIONA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 35: Zarzuelas; 19:

Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento.

Programa «A» — A's 19: Musica ligeira sinfónica; 19 e 30: Recreio musical; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de salão; 20 e 30: Operetas; 21: Junção de emissores; 21 e 15: Musica de arco; 21 e 30: Ópera: «Os mestres cantores de Nuremberg», de Wagner, cantada no Teatro Nacional de S. Carlos. No final do 1.º acto: Vozes do Mundo, programa de Francisco Mata. No final da ópera: Encerramento.

Programa «B» — A's 19: A sexta sinfonia de Tschaikowsky; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Musica contemporanea: «Abertura Alegre» (Marcel Poot) e «O Mar» (Debussy); 20 e 30: Vida e Obra de Bach, pelo prof. Simões Dias; 21: Junção de emissores; 21 e 15: Que quer ouvir?, discos pedidos pelos ouvintes; 21 e 45: Valores do Ocidente; 22 e 15: Album musical; 22 e 45: Viagens ao Mundo da Dança; 23 e 15: Danças; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

RADIO CLUBE — A's 18 e 30: Variedades; 19: Solistas; 19 e 15: Orquestra de Art Van Damme; 19 e 30: Jornal; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Canta Maria José Neuville; 20 e 30: Magazine Knitax; 21: Vozes de Portugal; 22 e 30: Companheiros da Alegria; 23 e 15: Imagens por musica; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Musica do Brasil; 0: Programa depois da meia-noite; 0 e 30: Musica de baile; 0 e 45: Radio-jornal; 0 e 55: Amanhã; 1: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Das 18 e 30 às 24.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 a 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A emissão desta noite da Radiotelevisão Portuguesa começará, como habitualmente, às 21 horas. Além do serviço noticioso e do jornal de actualidades nacionais e estrangeiras, o respectivo programa inclui a reportagem filmada de vários aspectos da visita a Portugal da rainha Isabel II.



— Quem puxa com força?...

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento é moderado de Sul e o céu está muito nublado e chove por acção conjunta de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma vasta depressão centrada a Norte dos Açores e de um sistema frontal que lhe está associado.

Temperaturas às 9 horas: Porto, 10°; Lisboa, 11°; Faro, 13°; Ponta Delgada, 14°; Funchal 15° e Portalegre 8°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ — Durante a tarde de hoje — Céu muito nublado, vento moderado de Sudoeste, períodos de chuva e chuvisco. Temperatura sem alteração apreciável. Durante a noite de hoje e de amanhã — Céu muito nublado, vento moderado de Oeste, aguaceiros, pequena descida de temperatura.

HA TRINTA ANOS

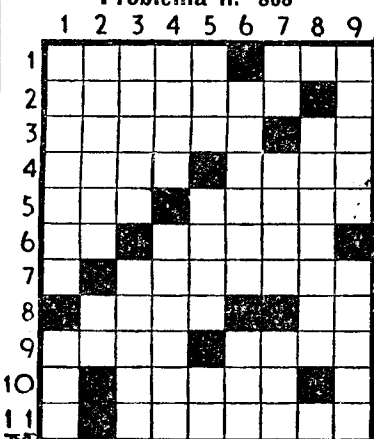
O estudante Bento Caldas, orador oficial de uma manifestação académica no Palácio Presidencial e no palco do Coliseu, dizia ao «Diário de Lisboa», no dia 21 de Fevereiro de 1927, já de regresso a Coimbra:

— Os estudantes das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, afirmaram mais uma vez ao País o seu pensamento nacionalista e a aversão a tudo quanto seja política mesquinha e reles. Porque a manifestação académica não foi, de forma alguma, uma manifestação política, mas sim puramente patriótica. Não foi também uma manifestação tendente a servir pessoas, mas sim ideias, pois que — como se disse no Coliseu — os estudantes portugueses iam junto do Governo gritar a necessidade de ditadura militar.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 808



HORIZONTAIS: 1 — Espécie de rãs. Termo. 2 — Encarece em demasia. 3 — Legítima. Parecência. 4 — Grande afeição. Solicita. 5 — Incógnita. Pesquisei. 6 — Preposição e artigo. Apanhem. 7 — Transgiram. 8 — Porção. Em a. 9 — Nação. Confiei. 10 — Carta. 11 — Dedicação.

VERTICAIS: 1 — Prevertem. Broca. 2 — Excelente. Entrega. 3 — Faces. Touca. 4 — Proceder. Param. 5 — Preposição. Espécie de zimbro. Avistei. 6 — Rapinante. Boca de um rio. 7 — Nota de musica. Espaço celeste. Raiva. 8 — Gesto afectado. 9 — Residi. Estado da América do Norte que tem Augusta por capital.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 807

HORIZONTAIS: 1 — Sidérica. 2 — Selagem. 3 — ANO. Ar. DE. 4 — Ala. Eden. 5 — Orlar. 6 — As. Ter. 7 — NEVES. ANO. 8 — Ore. Abril. 9 — Rés. Mérica. 10 — Ante. Mios. 11 — Ai. Usas.

VERTICAIS: 1 — Má. Canora. 2 — Na. Serena. 3 — Isolado. Vesti. 4 — DE. Arte. 5 — Ela. Lesam. 6 — Rarear. BENS. 7 — Ir. Dr. Arria. 8 — Cade. Unicos. 9 — Ameno. Olas.

Provérbio: ANO DE NEVES: ANO DE BENS.

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda	C. Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10 ...	922\$00	921\$00	923\$00	Mocambique ...	165\$50	165\$00	166\$00
Cons. 3 % T. 10 ...	962\$50	962\$00	963\$00	Zambézia ...	218\$50	218\$00	219\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	1.016\$00	1.015\$00	1.017\$00	C. Diversas			
Centenários 4 % 1940		2.270\$00	2.285\$00	Cimentos Tejo ...		540\$00	560\$00
Og. Tes. 2 1/2 % 1942		995\$00		Cimentos Leiria ...		481\$00	490\$00
Og. Tes. 2 1/2 % 1943		982\$00	984\$00	Credito Predial ...		55\$70	56\$20
Og. Tes. 2 1/2 % 1944		982\$00	983\$00	Industrial Alliança ...		305\$00	
Externo 1.ª série ...		1.201\$00	1.205\$00	Portugal e Colonias ...		410\$00	420\$00
Ext. 1.ª série car. ...		1.203\$00	1.205\$00	Nacional Navegação ...		1.750\$00	
Externo 2.ª série ...				Colonial Navegação ...	1.015\$00	1.012\$00	1.017\$00
Ext. 2.ª série car. ...		1.180\$00		Port. de Celulose ...		2.390\$00	2.490\$00
Externo 3.ª série ...		1.390\$00		Portuguesa de Pesca ...		1.725\$00	1.750\$00
Ext. 3.ª série car. ...	1.390\$00	1.385\$00	1.390\$00	Port. de Tabacos ...	525\$00	525\$00	526\$00
Caut. 3.ª série s/juro		171\$00	175\$00	Tabacos de Portugal ...		681\$00	
Obrigações				Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 5 % ...		515\$00		Aguas Lisboa 1934 ...		232\$00	235\$00
Norte de Portugal 5 %		108\$00	109\$00	Aguas Lisboa 1936 ...			
Gás Elect. 3 3/4 % ...	964\$00	963\$00		Electr. das Beiras ...	1.470\$00	1.470\$00	1.475\$00
Gás Elect. 4 % ...		976\$00		Gás e Electricidade ...	308\$50	308\$50	309\$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...		1.006\$00	1.011\$00	H. Alto Alentejo ...	154\$50	154\$50	154\$50
Gás Elect. 5 % ...		1.045\$00		H. E. Cávado ...	1.502\$00	1.502\$00	1.505\$00
U. E. P. 3 3/4 % ...		90\$00	93\$00	H. E. Zézere ...		1.465\$00	1.470\$00
U. E. P. 4 % 1945 ...				Nac. de Electricidade		1.500\$00	1.522\$00
U. E. P. 4 % 1948 ...			94\$00	União Elect. Port.		230\$00	232\$00
U. E. P. 4 1/2 % ...							
U. E. P. 5 % 1951 ...							
U. E. P. 5 % 1952 ...							
Metropolitano ...		1.029\$00					
Ações				Cotações de notas e moedas estrangeiras			
Bancos				PAISES	Compra	Venda	
Alentejo ...			510\$00	Africa do Sul ...	76\$50	77\$50	
Angola ...		935\$00	960\$00	Alemanha ...	6\$72	6\$87	
Espirito Santo ...		8.800\$00	9.000\$00	América:			
Lisboa & Açores ...		3.750\$00	3.800\$00	Dólares de 1 e 2 ...	2\$50	2\$50	
Portugal ...	2.306\$00	2.305\$00	2.310\$00	Dólares de 5 a 20 ...	28\$60	28\$90	
Ultramarino ...		1.970\$00	2.000\$00	Dólares de 50 a 1000 ...	2\$60	2\$90	
Seguros				Argentina ...	\$75	\$79	
Fidelidade ...				Bélgica ...	\$56,3	\$57,3	
Mundial ...		678\$00	682\$00	Brasil ...	\$42,2	\$43,7	
Nacional ...				Congo Belga ...	\$55,3	\$56,3	
Sagres ...		1.800\$00		Dinamarca ...	\$38,5	\$41,5	
Pagus ...				Espanha ...	\$52,5	\$54,5	
Soberana ...				França ...	\$07	\$07,2	
C. Ultramarinas				Holanda ...	\$73,5	\$76,0	
Ag. Casseque ...				Inglaterra ...	76\$50	77\$50	
Ag. das Neves ...		920\$00	950\$00	Itália ...	\$04,4	\$04,6	
Agric. Colonial ...		625\$00	670\$00	Marrocos ...	\$06,7	\$07,1	
Açúcar de Angola ...		2.825\$00	2.880\$00	Noruega ...	\$370	\$400	
Boror ...		511\$00	519\$00	Suécia ...	\$520	\$550	
Cabinda ...		398\$00	410\$00	Suíça ...	\$668	\$678	
Cada ...	4.700\$00	4.680\$00	4.720\$00	Uruguay ...	\$675	\$745	
Colonial do Buzi ...	373\$50	373\$00	374\$00	Ouro:			
Ilha do Príncipe ...				Inglaterra (Libra) ...	297\$00	307\$00	
Incomati ...	3.900\$00	3.850\$00	4.000\$00	Portugal — Barra ...	32\$60	33\$20	
				Portugal — Barra Fino	33\$00	33\$50	

J. BURNAY, LDA.

RUA DO OURO, 77

Panels de crédito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273

DESCONTO DESCONTO DESCONTO

não veja só isto!

VEJA PREÇOS E QUALIDADE EM

HORÁCIO LDA

R. DOS ANJOS 20 D

OCULISTAS